

**cadernos do**

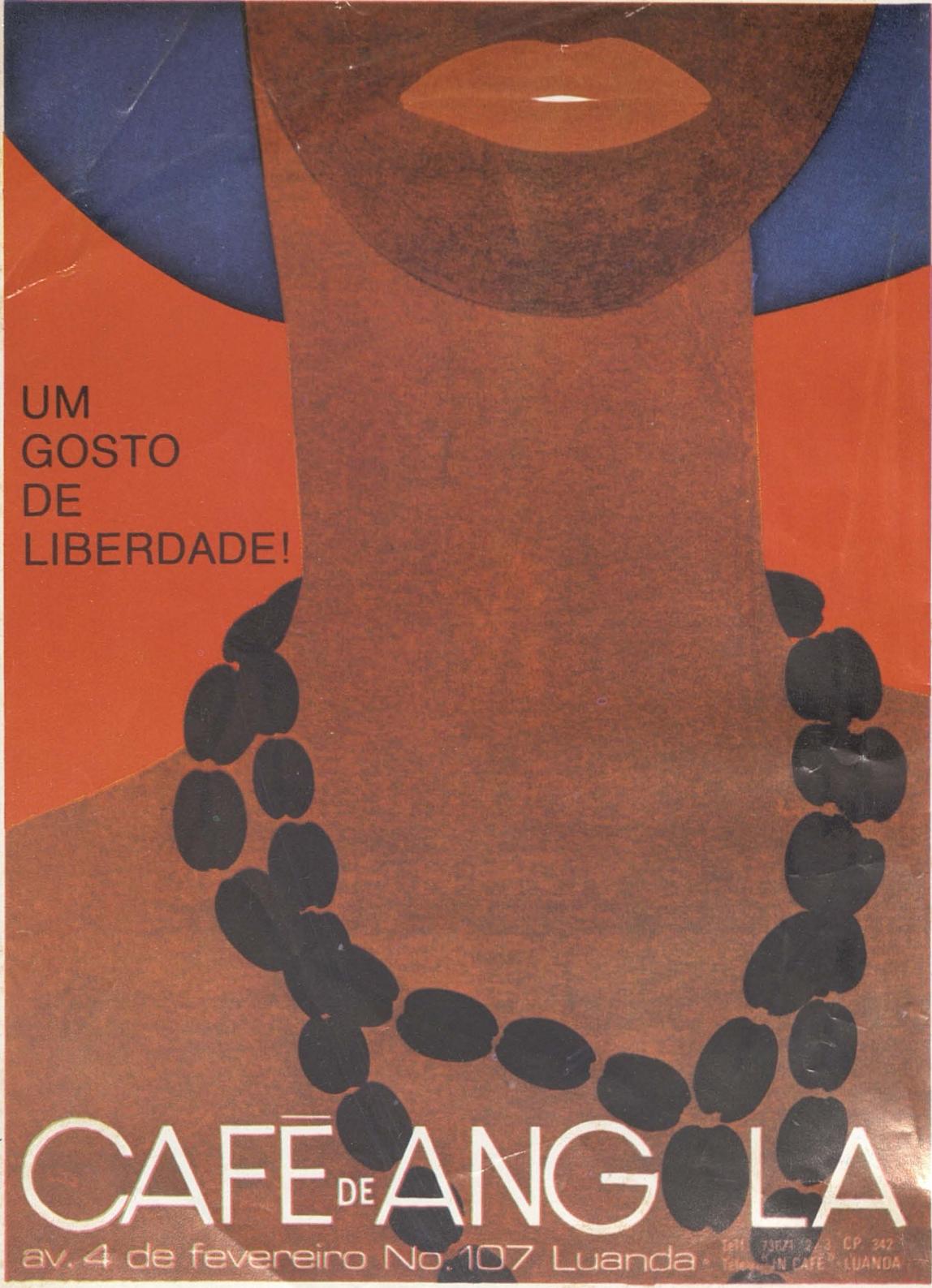
# **terceiro mundo**

**Angola e os  
Não-Alinhados**

Mensal • Outubro 1985 • Esc. 100 • Kz 65 • Mt 80 • PG 80 • CV 80\$ • Cr\$ 6.500 • Ano VIII • N° 82



## **MOÇAMBIQUE: A VITÓRIA DE GORONGOZA**



UM  
GOSTO  
DE  
LIBERDADE!

# CAFE DE ANGOLA

av. 4 de fevereiro No. 107 Luanda

Tel. 73621/2/3 CP. 342  
Tels. IN CAFE LUANDA

com intuito de informar o leitor sobre as principais notícias e temas da política, economia, cultura, ciência, tecnologia, meio ambiente, esportes, entre outros.

## Notícias do mundo

ÁFRICA DO SUL - O governo sul-africano decidiu aprovar a criação de uma nova província, aprovada por 127 votos a favor e 116 contra. A nova província, que vai englobar partes das províncias de KwaZulu-Natal e da África do Sul, deve ser criada em 1995. A medida é considerada uma tentativa de acalmar os protestos contra a segregação racial no país.

## Notícias da América Latina

CUBA - O governo cubano decidiu aumentar os impostos sobre os combustíveis e os serviços públicos. A medida é destinada a combater a inflação, que tem sido um problema crescente no país. O governo também anunciou a criação de uma nova moeda, o peso cubano, que substituirá o peso soviético.

## Notícias da África

ANGOLA - O governo angolano decidiu aumentar os impostos sobre os combustíveis e os serviços públicos. A medida é destinada a combater a inflação, que tem sido um problema crescente no país. O governo também anunciou a criação de uma nova moeda, o peso cubano, que substituirá o peso soviético.

# A África e os Não-Alinhados

Poucas vezes no noticiário internacional dos últimos anos, a África Austral esteve como agora tão em evidência. São mudanças profundas que estão a acontecer em quase todos os países da região, nomeadamente naqueles envolvidos mais directamente no confronto entre racistas e anti-racistas. Em Moçambique, uma ofensiva militar na qual participam também Zimbabué e Tanzânia logrou desmantelar a base principal dos bandos armados da charnada Resistência Nacional (RENAMO), apoiada e orientada pela África do Sul. Em Angola, outro grupo apadrinhado pelo *apartheid* sofreu importantes derrotas, a ponto de obrigar o governo de Pretória a invadir novamente o território angolano para salvar a UNITA. Ainda em Angola foi realizada no começo de Setembro a VIII Conferência Ministerial dos Países Não-Alinhados, que terminou com uma manifestação unânime de apoio à luta contra o racismo na África do Sul. Um apoio que se materializou na escolha de Harare, capital do Zimbabué, como sede da

próxima conferência de chefes de Estado dos 101 países-membros da organização. A concentração das atenções mundiais na África Austral está também directamente ligada à evolução 'a crise dentro da África do Sul, onde a maioria negra da população está em guerra contra o *apartheid*. Nesta edição, um dos principais líderes do Congresso Nacional Africano (ANC) explica, numa entrevista exclusiva, qual o teor e as perspectivas da luta contra os privilégios racistas no seu país. Mas se a luta do ANC foi a principal preocupação dos Não-Alinhados em Luanda, na mesma conferência um outro movimento de libertação nacional logrou atrair também as atenções dos diplomatas e ministros. Mesmo sem ter conseguido todo o apoio que desejava, a Frente de Libertação Nacional de Timor Leste (FRETILIN) colocou o problema da ocupação pela Indonésia desta ex-colónia portuguesa na Ásia, como um dos grandes temas actuais do Terceiro Mundo.

**Publicações com informações e análises das realidades, aspirações e lutas dos países emergentes, destinadas a consolidar uma Nova Ordem Informativa Internacional**

**Director Geral:**  
Neiva Moreira

**Director Geral Adjunto:**  
Pablo Piacentini

**Editora:**  
Beatriz Bissio

**Sub-Editores:**  
Carlos Castilho (África)  
Roberto Remo Bissio (América Latina)

**Conselho Editorial Internacional:**  
Darcy Ribeiro  
Juan Somavia  
Henry Pease Garcia  
Aquinio de Bragança  
Wilfred Burchett (1911-1983)

Tiragem desta edição: 21.000 exemplares  
Número de registo do Serviço de Depósito Legal: 789/82.

**Coordenador de Produção:**  
José Carlos Gondin

**Redação Permanente:**

Baptista da Silva, Claudia Neiva, Cristina Canoura, Eduard Varela, Guiomar Belo Marques, Horácio Castellano Moya, João Macêdo dos Reis, Raul Gonçalves, Roberto Bardini

**Departamento de Arte:**

Samarai (editor), Sonia Freitas, Miguel Efe

**Centro de Documentação:**

Lidia Freitas, Eunice H. Senna, Jessie Jane V. de Souza (Rio de Janeiro), Cristina Assis (Lisboa)

**Composição:**

Ronaldo Fonseca

**Revisão:**

Estevam Reis (Lisboa)

**Serviços Comerciais:**

Manuela Fernandes

**Publicidade:**

Maria José Belo Marques e Cristina Campos (Lisboa)

**Correspondentes:**

Argentina: Horacio Verbitsky

Lavalle 1282 — ler. piso Of. 12 y 14 — Tel.: 35-81-94

Buenos Aires, Capital Federal

Chile: Fernando Reyes Mata

Casilla 16637 — Correo 9 Providencia, Santiago de Chile

Ecuador: José Steinleger

Apartado 8968, suc. 7 — Torres de Almagro, Quito

Peru: Rafael Roncaglione

Apartado 270031, Lima-27

Colômbia: Guillermo Segovia Mora

Apartado Aéreo 10465 — Tel.: 285-66-14 — Bogotá

Nicarágua: Arqueles Morales

Apartado 576 — Manágua

Estados Unidos: Gino Lofredo

1648 Newton St. N. Y. Washington D. C. 20010

Moçambique: Etevaldo Hipólito

Rua de Pina 109 Sommerchield, Maputo

**BRASIL**

**Diretor e Editor:**

Neiva Moreira

**Editora Terceiro Mundo, Ltda.**

Rua da Glória, 122/105-106 — CEP 20241 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 242-19-57 — Telex: 21-33054 CTMB-BR

**cadernos do terceiro mundo** utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (Inter Press Service), PRESSUR (Uruguai), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina) e o pool de agências dos Países Não-Alinhados. Mantém também intercâmbio editorial com as revistas África News (Estados Unidos), Nueva (Ecuador), Novembro (Angola), Tempo (Moçambique), ALTERCOM (Itália-México-Chile) e Third World Network (Malásia).

**Capa: Fotos Sipa Press e Carlos Pinto Santos**

**Edição portuguesa**

**Director:** Artur Baptista

**Coordenação de Redacção:**

Carlos Pinto Santos

**Propriedade:**

Tricontinental Editora, Lda.

**Sede da Administração:**

Calçada do Combro, 10-1.<sup>o</sup>

1200 LISBOA

tel.: 32 06 50/32 07 51

**Redacção e Publicidade:**

Rua das Salgadeiras, 36-2.<sup>o</sup>-E

1200 LISBOA

tel.: 36 38 04/37 27 15

**Telex:**

42720 CTM TE P

**Impressão:**

Gráfica Europam, Lda

2726 — Mem Martins (CODEX)

**DISTRIBUIDORES**

**ANGOLA:** EDIL — Empresa Distribuidora Livreira UEE, Avenida Luís de Camões, 111, Luanda.

**BELIZE:** Cathedral Book Center, Belize City.

**BOLÍVIA:** Tecnolibras S. R. L., Casilla do Correo 20288, La Paz.

**BRASIL:** Fernando Chinaglia S. A., rua Teodoro da Silva, 907 — Rio de Janeiro.

**CABO VERDE:** Instituto Caboverdeano do Livro, rua 5 de Julho, Praia.

**CANADÁ:** Third World Books and Crafts, 748 Bay St. Ontario, Toronto — The Bob Miller Book Room, 180 Bloor St. West, Toronto.

**COLÔMBIA:** Ediciones Suramérica Ltda., Carrera 30 No. 23-13, Bogotá.

**COSTA RICA:** Semanario Nuevo Pueblo, Av. 8 Calles 11 y 13 No. 1157, San José.

**CHILE:** Distribuidora Sur, Dardignac 306, Santiago.

**EQUADOR:** Edicionesociales, Córdoval 601 y Menduburo, Guayaquil — RAYD de Publicaciones, Av. Colombia 248, of. 205, Quito Ed. Jaramillo Arteaga, Tel. 517-590, Reg. Sendipex, Pex. 1258.

**EL SALVADOR:** Librería Tercer Mundo, Primera Calle Poniente 1030, San Salvador — El Quijote, Calle Arco 708, San Salvador.

**ESTADOS UNIDOS:** Guild News Agency, 1118 W. Armitage Ave., Chicago, Illinois — New World Resource Center, 1476 W. Irving Pl., Chicago, Illinois — Librería Las Américas, 152 East 23rd Street, New York, N. Y. 10010 — Third World Books, 100 Worcester St., Boston, Mass. 02118 — Librería del Pueblo, 2121 St. New Orleans, LA 70130 — Papirus Booksellers, 2915 Broadway at 114th St., New York, N. Y. 10025 — Tom Mooney Bookstore, 2595 Folsom Street, San Francisco, CA 94110 — Book Center, 518 Valencia St., San Francisco, CA — Red and Black, 4736 University Way, Seattle — Groundwork Bookstore, U. C. S. D. Student Center B-023, La Jolla, CA.

**FRANÇA:** Centre des Pays de Langue Espagnole et Portugaise, 16 Rue des Ecoles, 75005 Paris.

**GRÁ-BRÉTANHA:** Latin American Book Shop, 29 Islington Park Street, London.

**GUINÉ-BISSAU:** Departamento de Edição-Difusão do Livro e Disco, Conselho Nacional da Cultura.

**HOLANDA:** Athenaeum Boekhandel, Spui 14-16, Amsterdam.

**HONDURAS:** Librería Universitaria "José Trinidad Reyes", Universidad Autónoma de Honduras, Tegucigalpa.

**ITALIA:** Paesi Nuovi, Piazza de Montecitorio 59/60, Roma — Feltrinelli, Via di Babuino, 41 Roma — Alma Roma, Piazza P. Paoli, 4-A Roma — Spagnola, Via Monserrato, 35/6, Roma — Uscita, Bianchi Vecchi, 45 Roma.

**MÉXICO:** Unión de Expendedores y Vendedores de Periodicos, Humboldt No. 47, México 1, D. F. — Distribuidora Sayrols de Publicaciones, S. A., Mier y Pesado No. 130, México 12, D. F. — Librerías México Cultural, Mier y Pesado No. 128, México 12, D. F. — Metropolitana de Publicaciones, Librería del Cristal e 100 livrarias em todo o país.

**MOÇAMBIQUE:** Instituto do Livro e do Disco, Ave. Ho Chi Minh 103, Maputo.

**NICARÁGUA:** IMELSA, A. P. n° 2705, Manágua, Nicarágua.

**PANAMÁ:** Librería Cultural Parameña, S. A., Ave España 16, Panamá.

**PERU:** Distribuidora Runamarca, Camán 878, Lima 1.

**PORTO RICO:** Librerías La Tertulia, Amalia Marín Esq. Ave González, Rio Piedras — Pensamiento Crítico, P. O. Box 29918, 65th inf. Station, Rio Piedras, P. R. 00929.

**REPÚBLICA DOMINICANA:** Centro de Estudios de la Educación, Juan Sánchez Ramírez 41, Santo Domingo — DESVINGUE, S. A., Ave Bolívar 354, Santo Domingo.

**REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA:** Con, Medien und Vertriebs GMBH, Osterstr. 36, 2800 Bremen.

**S. TOMÉ E PRÍNCIPE:** Ministério de Informação e Cultura Popular.

**SUÉCIA:** Wennergren-Williams AB, S-10425, Stockholm.

**VENEZUELA:** Publicaciones Españolas, S. A., Ave. México Lechoso a Pte. Brion, Caracas.

**Circulação em 70 países**

**PORTUGAL:** CDL, Central Distribuidora Livreira, Av. Santos Dumont, 57, 1000-Lisboa.



## 5 Cartas

## 6 Panorama Tricontinental

## 12 Editorial – De Cazomba a Gorongoza: mudanças na África Austral

## 14 Matéria de capa – Moçambique: A vitória de Gorongoza, Carlos Cardoso

## Africa

- 21 Angola: Não-Alinhados no epicentro da tormenta, *Neiva Moreira*
- 26 Pretória tenta salvar a UNITA, *João Melo*
- 30 África do Sul: "O apartheid ficará ingovernável" entrevista com o dirigente do ANC Alfred Nzo, *Carlos Castilho*
- 34 Tanzânia: Mudanças na cúpula, *Anaclet Rwegayura*
- 36 Nigéria: O golpe e o FMI, *Oje Orie*
- 41 Serra Leoa: As primeiras declarações de Joseph Momoh
- 43 Feira Internacional de Luanda: Maior participação e melhor organização

## América Latina

- 47 Uruguai: "As nossas democracias estão em jogo", entrevista com o ministro dos Negócios Estrangeiros Enrique Iglesias, *Roberto Remo*
- 52 Costa Rica: A neutralidade perdida, *Sybille Flaschka*
- 56 El Salvador: Luta de massas e guerra urbana

## Ásia

- 63 Timor Leste: A falta de consenso, *Guiomar Belo Marques*
- Norte/Sul

- 67 A ONU chega à idade da razão, *Artur José Poerner*
- Ciência e Tecnologia

- 71 Um método revolucionário de combate à mortalidade infantil
- Cultura

- 75 "Sou um homem do meu tempo" entrevista com o escritor uruguai Eduardo Galeano, *Beatriz Bissio*

## Especial – Duas conspirações dos serviços secretos norte-americanos, Horacio Castellanos Moya

- 86 O atentado contra o papa: Como se inventa uma versão
- 91 Confissões de um ex-“contra”

## 96 Humor



O presidente angolano,  
José Eduardo dos Santos



Alfred Nzo, dirigente do ANC



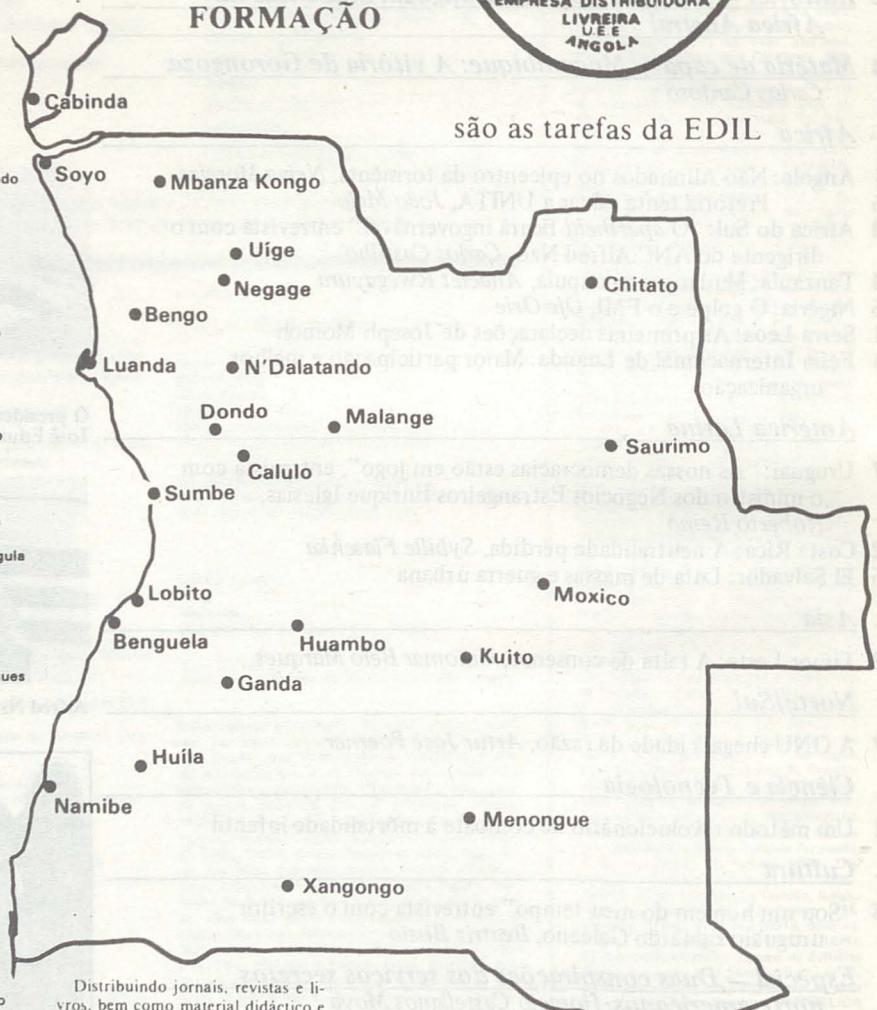
As acções da CIA

- BENGUELA  
Livraria 10 de Fevereiro
- BIÉ  
Livraria 11 de Fevereiro
- CABINDA  
Livraria Lunda  
Quiosque Maiombé
- CALULO  
Livraria 17 de Setembro
- DONDÓ  
Livraria 2 de Março
- GANDA  
Livraria 1.º de Maio
- HUAMBO  
Livraria 8 de Fevereiro  
Quiosque Albano Machado
- HUÍLA  
Livraria 27 de Março
- K. KUBANGO  
Livraria Kilamba
- KUANZA-NORTE  
Livraria 10 de Dezembro
- KUANZA-SUL  
Livraria Aníbal de Melo
- LOBITO  
Livraria 11 de Novembro
- LUANDA  
Casa da Venda  
Armazém Venda Grosso  
Quiosque 4 de Fevereiro  
Livraria Centro do Livro  
Livraria Augusto N'Gangula  
Livraria 4 de Fevereiro
- LUNDA-NORTE  
Posto de Venda
- LUNDA-SUL  
Livraria Deolinda Rodrigues
- MALANGE  
Livraria 1.º de Agosto  
Quiosque N'Dongo
- MOXICO  
Livraria 14 de Fevereiro
- NAMIBE  
Livraria Lutuíma
- NEGAGE  
Livraria Saidy Mingas
- SOYO  
Livraria Lundogi
- UÍGE  
Livraria 10 de Dezembro
- ZAIRE  
Livraria Sagrada Esperança

**LEVAR:  
INFORMAÇÃO  
CULTURA  
CIÊNCIA  
FORMAÇÃO**



são as tarefas da EDIL



Distribuindo jornais, revistas e livros, bem como material didáctico e escolar, a EDIL contribui para a formação cultural do povo de Angola. A EDIL é a distribuidora exclusiva de cadernos do terceiro mundo para todo o território angolano.

**EDIL** Empresa Distribuidora Livreira  
Caixa Postal 1245 — Rua da Missão, n.º 107/111  
Luanda - República Popular de Angola

## cadernos na Pátria de Cabral

Sou funcionário do PAIGC na região de Quinara (sul do país) e, neste momento, dirijo as obras de construção de uma pequena biblioteca anexa à sede. Entretanto, tenho vindo a colecionar jornais e livros para a mesma, sobretudo *cadernos* (muito apreciados cá, pela juventude, e não só). A mim, influenciam e ajudam-me a conhecer as questões mais candentes do mundo contemporâneo, e também a ter uma visão pessoal, ainda que não larga, da vida.

Revendo o número 48 de Outubro/Novembro de 1983 e o número 59/60 de Dezembro de 1984, senti-me inspirado e escrevi o poema que segue junto e cuja publicação solicito, se possível, num dos próximos números de *cadernos*. (...) O número intitulado "Paranóia Nuclear" foi utilizado pelos professores internacionalistas da RDA e por um nacional, no Seminário de Superação Político-Ideológica dos Quadros do Partido na Região. Queria, assim, dar a conhecer a importância que se atribui a *cadernos* na Pátria de Cabral.

Solicito ainda que se alguém tiver opinião ou crítica a fazer sobre o poema, agradeço o favor de me escrever (o crítico). Pois é esse o nosso espírito.

## TERCEIRO MUNDO

Sabe que é pobre — LUTA / Condena com a direita que ergue fechada / Recebe com a esquerda aberta /

Os dons (sorvedores de soberania) / Que mendiga em todos os mundos / Sorrindo largo e inclinado / — Reliquias espoliadas regressam / Em migalhas de pão / Cura-se de todas as doenças / Contra a vida que se lhe escapa / Todas as cidades da Europa, África e Ásia / Passeiam em fantasmas / Nos seus intestinos humilhados pela seca / Sua fronte sem cariz / Reflecte o estrangulamento das ideologias / Cobre-se de todas as indústrias / E sobre as costas a pesarem por si / Carrega fixas a contra-gosto / As desilusões dos anos que se sucedem / Sem levar nem o esperarem / O desaprumo do seu mover / Faz do seu corpo indicador / Do nível do declínio do *modus vivendi* / Que joga com patins da natureza / A firmeza de princípios / Não há ouvido humano / Que não capte o silvo penetrante / Dos seus assobios estriidentes / Nas canções melancólicas / Que amortecem sua angústia / De todas as horas e lugares / No seu peito oco — onde a dor se dói / Leva o coração de todas gerações / Sua carne murcha / Que cansa o próprio cansaço / Recebe cada vez mais / O destino de todas áfricas / Aos moldes do FUNDO que Mata Inteiro / Em nome da sagrada ajuda / Desfalecida no limiar da colonização / Demônios — o FUNDO e o BANCO / Prostituem-lhe economia / Jovem-Antigo que pede para estabilizar / Sabendo-se pobre(!) — LUTA"

Félix António Sigá, Secretário Administrativo do Comité do PAIGC

da Região de Quinara, Fulacunda, Guiné-Bissau

## A agressão à Namíbia

(...) É inadmissível que países como os Estados Unidos, Grã-Bretanha e tantos outros pratiquem, segundo os seus interesses, arbitrariedades contra o povo da Namíbia. Violam todos os tratados, desrespeitando a ONU e a resolução que proíbe a exploração de riquezas minerais na Namíbia; financiam o governo de Pretória, apoiando o *apartheid*. Com isso, provocam uma guerra que se alasta há anos na Namíbia, e que acarreta a morte de milhares de crianças, jovens e velhos...

A igreja, através do seu representante João Paulo II, condena o regime do *apartheid* que esmagá os direitos humanos básicos, provocando a crescente perda de vida nos conflitos raciais. (...) Mesmo os norte-americanos já reconhecem que o regime da África do Sul é uma vergonha.

(...) Por outro lado, o Brasil toma agora na "Nova República" uma posição, não de neutralidade, mas de um país que mantém a sua soberania e a dignidade do seu povo. As sanções contra a África do Sul, proibindo a venda de armas e petróleo, o intercâmbio cultural, desportivo e técnico, são extremamente coerentes. Provam que o nosso país está altamente revoltado com a política da África do Sul (...).

José Toledo — Brasília — DF — Brasil

## Intercâmbio

- Goretty Batista  
Juncal 170,  
9260, Praia da Vitória, Açores
- Aciete Faguir  
Café África,  
Av. 24 de Julho, 2182  
Maputo, Moçambique
- Manuel Miguel Adão Paulo  
C. P. 5880  
Luanda, Angola
- Mateus Bana  
C. P. 1762  
Beira, Moçambique
- Sebastião A. dos Santos "Santinho"  
Posta Restante dos C. T. T.,  
Precol, Luanda, Angola
- Emílio Maria José da Silva  
C. P. 1768,  
Benguela, Angola
- Rui Graça Vintial  
Bairro Kamunda,  
C. P. 1153,  
Benguela, Angola

- Bunga João dos Santos  
Rua F — Casa 114, Bairro Neves  
Bendinda, C. P. 2025,  
Lunda, Angola
- Germano Alberto Tavares de Sousa  
Rua da Extremadura, Casa 124,  
Luanda, Angola
- Augusto H. Estêvão Mondlane  
Av. Emílio Dausse, 68  
Maputo, Moçambique
- Domingos Francisco Martins  
C. P. 6363,  
Luanda, Angola
- Arlindo João Gomes  
Rua Amílcar Cabral, 187, apt. 31,  
3º andar, Maianga, Lunda, Angola
- João Miguel Bernardo  
C. P. 16359,  
Luanda, Angola
- Carlos Alberto César  
a/c Maria Augusta,  
C. P. 343 — S. I. T. A. L.  
Benguela, Angola
- Carla Marina de Nascimento Will  
a/c João Pascoal Will,
- C. P. 81, Benguela, Angola
- Nair Cristiana da Silva Pilartes  
a/c Maria Augusta,  
C. P. 343 — S. I. T. A. L.  
Benguela, Angola
- António Moreira (Podre)  
a/c Maria Augusta,  
C. P. 343 — S. I. T. A. L.  
Benguela, Angola
- Maria Cecília Augusta (Cycy)  
C. P. 343 — S. I. T. A. L.  
Benguela, Angola
- Luiz E. Baptista  
C. P. 6662 — C  
Luanda, Angola
- André José Lopes  
Rua Luther King, 50  
Bairro Maculuso — Ingonsota  
Luanda, Angola
- João Miguel Bernardo  
C. P. 16359  
Luanda, Angola
- Horácio Guilherme César Jeú  
C. P. 362  
Benguela, Angola

## Panorama Tricontinental

### México: o preço do terremoto

□ No mesmo dia em que um catastrófico terremoto destruiu o centro da capital mexicana, o Fundo Monetário Internacional anunciou a suspensão de créditos no valor de 3.400 milhões de dólares que seriam fornecidos durante um período de três anos. A decisão do FMI foi uma punição ao governo mexicano pelo facto deste não ter cumprido as exigências fixadas pelo Fundo no acordo realizado em 1983.

A coincidência de factos provocou um forte ressentimento entre os mexicanos e um enorme embaraço entre os altos funcionários do FMI, que a princípio negaram a suspensão, mas acabaram por admitir que ela foi realmente aplicada. Para minorar os efeitos das sanções, o Fundo decidiu liberar uma verba de 600 milhões de dólares da reserva especial para catástrofes, administrada pelo FMI.

A utilização da verba de emergência não altera, no entanto, as cada vez mais difíceis relações entre o México e o Fundo, agravadas agora pela insensibilidade política dos tecnocratas da organização, no preciso momen-

to em que os mexicanos vivem as consequências da pior catástrofe de toda a sua história. Segundo especialistas internacionais, os 600 milhões de dólares não chegam sequer para cobrir uma quarta parte do que o México precisará para se recuperar dos terremotos de Setembro.

Além dos quase 4.000 mortos e 22.000 feridos, a tragédia provocou o desemprego de um milhão de pessoas que trabalhavam no centro da Cidade do México, no chamado "primeiro quadro". Estatísticas oficiais revelaram que 7.000 pequenas empresas comerciais e industriais tiveram as suas instalações destruídas pelo terremoto, deixando 800.000 pessoas sem trabalho. A maioria das empresas funcionavam em velhos edifícios onde estavam instaladas centenas de pequenas confecções, lojas, artesanatos e joalherias.

Paralelamente ao drama dos desempregados, surgiu também o êxodo de milhares de habitantes da capital em direcção a localidades do interior em busca de segurança e trabalho. No bairro de Tepito, o de maior densidade populacional, a fuga de pessoas

atingiu enormes proporções porque a maior parte dos edifícios e lojas ficaram sem condições de segurança. Centenas de pequenos comerciantes perderam tudo e a polícia foi impotente para impedir o saque dos produtos abandonados durante o terremoto. Na chamada Ciudad Netzahualcoyotl, nos arredores da capital mexicana, vivem quase dois milhões de pessoas que ficaram sem água e sem luz desde o terremoto. A área ficou sobrecarregada com a chegada de desabrigados do centro da capital, o que aumentou o êxodo de famílias rumo ao interior. Mais de 30 bairros populares da periferia foram também seriamente afectados pelo deslocamento de pessoas em busca de áreas mais seguras.

Nos meios financeiros de "Wall Street" surgiram no final de Setembro informações de que o descontentamento do governo mexicano em relação ao FMI pode provocar um confronto mais sério na questão da dívida. O presidente Miguel de la Madrid está agora impossibilitado de exigir mais sacrifícios à população para atender às recomendações do Fundo e poderá caminhar até para um rompimento.

A Casa Branca passou a articular a concessão de um crédito stand by no valor de 1.000 milhões de dólares ao México com condições menos onerosas, para tentar impedir o confronto. A comunidade financeira internacional parece no entanto ter continuado insensível ao drama dos mexicanos, não dando demonstrações maiores de abrandamento das rígidas normas impostas em 1983 para o pagamento da dívida externa de 95.000 milhões de dólares contraída pelo México.

No mesmo dia da pior catástrofe da história do México, o FMI suspendeu um crédito de 3.400 milhões de dólares



## África do Sul: UDF critica coligação liberal

Os principais dirigentes da Frente Democrática Unida (UDF) afirmaram que a recém-formada Convenção Nacional reunindo brancos liberais e negros moderados da organização Inkhatá, "prestará um mau serviço à luta contra o apartheid se não partidário princípio de que toda a estrutura do racismo deve ser extinta imediatamente". A Convenção reúne membros do Partido Progressista Federal liderados por Frederick Van Zil, e os seguidores de Gatsha Buthelezi, o controverso dirigente da Inkhatá, uma organização que reúne integrantes do grupo étnico zulu e que aceita negociar com o governo racista.

A Convenção Nacional pretende colocar-se como um grupo intermediário entre a UDF e

o governo na crise actual. Mas o seu poder de mediação sofreu um sério golpe quando logo após a criação da aliança moderada, um dos fundadores do movimento, o arcebispo Denis Hurley, afirmou que ele teria que negociar com a UDF para ganhar credibilidade política. Hurley, que é também presidente da Conferência dos Bispos Católicos da África do Sul, disse que sem a Frente Democrática Unida, "a Convenção Nacional nada conseguirá".

A possibilidade de um entendimento entre a Convenção e a UDF é muito reduzida porque os adeptos de Gatsha Buthelezi têm hostilizado sistematicamente os membros da Frente, usando até a violência. A Inkhatá é acusada de colaborar com os esqua-

drões da morte organizados pelos ultra-racistas para eliminar os principais dirigentes da campanha contra o racismo na África do Sul. Além disso, a UDF nega-se a qualquer negociação enquanto os seus principais líderes continuarem detidos. A aliança dos liberais com Buthelezi foi também condenada pelo Congresso Nacional Africano (ANC) que acusou os membros da coligação de tentarem "dispersar e confundir os que lutam por mudanças radicais no sistema de discriminação racial vigente no país".

Tanto o ANC como a UDF afirmam que qualquer negociação com o governo só acontecerá depois da libertação de Nelson Mandela e do fim das leis que negam direitos políticos à maioria negra da África do Sul. Já a Convenção Nacional acredita que as conversações podem ser feitas dentro do sistema legal imposto pela minoria racista e antes da libertação dos presos políticos.

## Zimbabwe: ZANU e ZAPU analisam atritos

O partido no governo ZANU e o seu ex-aliado ZAPU, hoje na oposição, concordaram em realizar conversações visando resolver as profundas divergências surgidas desde a independência do Zimbabwe, em 1980. Os dois partidos lutaram juntos na Frente Patriótica contra o regime racista de Ian Smith, mas dividiram-se quando a ZANU conseguiu a maioria absoluta dos votos na eleição que levou Robert Mugabe à chefia do governo.

Mugabe incluiu vários dirigentes da ZAPU na sua equipa ministerial logo após a independência, mas o envolvimento de diri-

gentes do partido chefiado por Joshua Nkomo com grupos terroristas, acabou por provocar um confronto directo entre as duas organizações. Mugabe acusa Nkomo de proteger os grupos armados, compostos na sua maioria por ex-guerrilheiros da ZAPU, muito activos na província de Matabele. Quando o serviço secreto sul-africano passou a dar ajuda aos dissidentes da ZAPU as relações do governo com o partido opositor tornaram-se extremamente hostis.

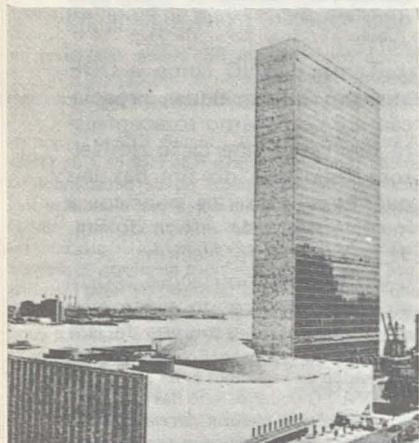
Nas últimas eleições gerais realizadas no Zimbabwe, a ZANU obteve uma maioria esmagadora

em todas as províncias do país, menos em Matabele, onde a ZAPU ganhou todos os lugares em disputa. Isto levou muitos jornais estrangeiros a afirmar que o Zimbabwe caminhava para o aprofundamento de uma divisão política em termos raciais, já que a ZANU reúne a maioria dos membros de etnia shona, enquanto a ZAPU engloba os ndabeles.

As conversações sobre unidade, anunciamas no final de Setembro, abrem no entanto perspectivas de um degelo na crise, mas a solução definitiva dos atritos entre a ZANU e a ZAPU parece difícil a curto prazo. Joshua Nkomo aceitou a participação do seu partido, embora ele pessoalmente não venha a integrar a delegação da ZAPU, o mesmo acontecendo com Mugabe, pelo lado da ZANU.

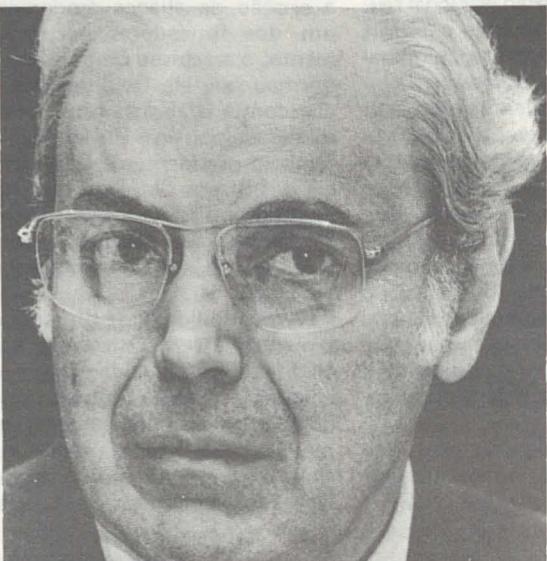
# ONU: Estados Unidos violam acordos

A administração norte-americana, violando compromissos internacionais, introduziu, a partir do passado dia 15 de Setembro, limitações à movimentação de funcionários do secretariado da ONU de cidadania afegão, vietnamita, iraniana, cubana, líbia e soviética,



numa área de 25 milhas. Esta atitude hostil e provocatória originou a indignação das Nações Unidas e do seu secretário-geral, Javier Perez de Cuellar, que a transmitiu em nota verbal à representação permanente dos Estados Unidos junto daquela organização. Perez de Cuellar referiu que semelhantes medidas contradizem compromis-

sos internacionais relativamente às Nações Unidas, à Carta da ONU, ao acordo sobre o país anfitrião da sede da organização e à convenção sobre os privilégios e a imunidade da ONU. Estas medidas incrementam, na opinião do secretário-geral, a discriminação entre funcionários do secretariado da ONU.



Perez de Cuellar:  
protesto junto  
da representação  
norte-americana  
na ONU



## AGROPROMOTORA

COOPERATIVA PRODUTORA  
DE PROJECTOS AGRÍCOLAS, SCRL

Rua Cardeal Mercier, 29, 1.º

Telefone 735135

LISBOA

Delegação - LUANDA: Telefone 60130

*Cooperar e desenvolver*

### Áreas de Trabalho

- Agricultura
- Pecuária
- Indústria Alimentar

### Entidades

- Orga. Estatais
- Cooperativas
- Estruturas de produção familiar

### Países Africanos

- Angola
- Moçambique
- Cabo Verde
- Guiné Bissau
- Argélia

*Projecta e implementa*

## Panamá: a volta à linha de Torrijos

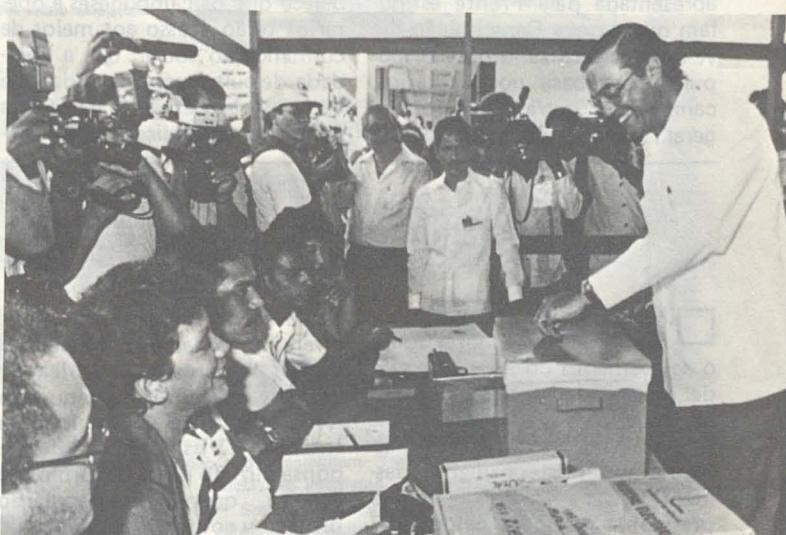
□ O novo presidente do Panamá, Eric Arturo Delvalle, vai endurecer as negociações com o Fundo Monetário Internacional e restabelecer a participação efectiva do país no Grupo de Contadora, que procura impedir uma intervenção militar norte-americana na Nicarágua. O vice-presidente Eric Delvalle assumiu a Presidência na manhã do dia 28 de Setembro depois da renúncia de Nicolas Ardito Barletta, cujo apoio às políticas monetaristas do FMI tornou insustentável a sua posição tanto no governo como no Partido Revolucionário Democrático (PRD).

A mudança de presidente aconteceu depois de um longo processo de atritos dentro do PRD, onde a maioria dos políticos não estava de acordo com as concessões que Barletta pretendia fazer ao Fundo. Também as forças armadas e vastos sectores do empresariado não estavam de acordo com o liberalismo monetarista. Com isto formou-se uma ampla maioria que resolveu pedir a renúncia de Barletta como única alternativa possível para impedir que a insatisfação popular com as medidas de austeridade colocasse em xeque a posição nacionalista do partido, cujos ideais se inspiram nas propostas do falecido general Omar Torrijos.

Eric Delvalle é um importante empresário do sector agro-pequário do Panamá, além de ser líder do Partido Republicano, um dos partidos que formam a aliança governamental liderada pelo PRD. O novo presidente deverá colocar o Panamá numa posição totalmente solidária com os demais países latino-americanos que exigem uma renegociação política da dívida externa do continente.

No terreno diplomático, a mudança de presidente deve também ter como resultado uma

participação mais efectiva do Panamá nas actividades do Grupo de Contadora. Nos últimos meses do seu governo, Barletta passou a omitir-se nas negociações nas quais participam também México, Venezuela e Colômbia, que visam uma solução para a crise centro-americana. A mudança representa uma derrota para a posição norte-americana que pretendia levar gradualmente o Panamá a um alinhamento com as posições do Departamento de Estado. No que se refere às mudanças económicas internas, o PRD reconhece a necessidade de reajustamentos mas afirma que eles devem ser alcançados através de um amplo diálogo que inclua especificamente os trabalhadores.



Com a renúncia de Barletta o Panamá vai voltar a ter uma participação mais efectiva no Grupo de Contadora

## Nicarágua: nova Constituição fica pronta em 1986

□ A Comissão Especial Constitucional deverá concluir o seu anteprojecto para a nova Constituição nicaraguense até Janeiro de 1986, altura em que será

votada pelo parlamento e promulgada. Todos os sete partidos representados na Assembleia Nacional já apresentaram os seus anteprojetos. Entre os meses de

Setembro e Outubro serão ouvidas as opiniões dos partidos que não têm representação parlamentar bem como das organizações sociais e económicas. De Novembro em diante, as principais propostas serão levadas a debate público e no final do ano a Comissão redigirá o texto final do anteprojecto.

Ao apresentar a sua posição

oficial sobre a nova Constituição, a Frente Sandinista, partido maioritário na Assembleia Nacional, propôs 20 princípios básicos, entre eles o pluralismo político, economia mista e o não-alinhamento em política externa. Além disso, a proposta da FSLN incorpora à Constituição o fim da exploração do homem pelo homem. O presidente Daniel Ortega, encarregado de apresentar as propostas da Frente, afirmou que elas se referiam apenas às questões de fundo: Outros aspectos mais concretos, como a questão da reeleição presidencial, ainda serão discutidos internamente pela FSLN e incorporados posteriormente ao documento básico.

Outros pontos da plataforma apresentada pela Frente estipulam que a nova Constituição deve institucionalizar um poder popular com base nos operários, camponeses e trabalhadores em geral. Prevê também o princípio



O projecto da nova Constituição prevê o acesso dos operários e camponeses aos meios de comunicação social

de um Estado unitário, de carácter democrático, que assegure a participação política de todos os sectores da população; a integração centro-americana; a unidade latino-americana e a necessidade inadiável de uma reforma agrária. Além disso, a proposta establece que os camponeses e operários terão acesso aos meios de comunicação social; que a liberdade de culto será garantida; que as minorias étnicas da Costa Atlântica terão direito a uma au-

tonomia destinada a fortalecer a integridade nacional; e que o Exército Popular, juntamente com as Milícias Populares e a Policia Sandinista terão as suas funções institucionalizadas.

Ao receber a proposta sandinista, o democrata conservador Clemente Guido, presidente em exercício da Comissão Constitucional declarou que "as ameaças de totalitarismo desapareceram depois que a Frente tornou públicas as suas ideias".

## Tunísia: incertezas políticas

No final de Setembro aumentaram os rumores sobre o agravamento do estado de saúde do presidente Habib Bourguiba, hoje com mais de 80 anos. Chegaram inclusive a circular informações, posteriormente desmentidas, de que o veterano presidente no poder desde 1957 teria entrado em estado de coma. As incertezas sobre a saúde de Bourguiba aumentaram as especulações sobre a sua sucessão, principalmente em torno da figura do primeiro-ministro Mohamed M'Zali.

Bourguiba já tornou público que M'Zali é o seu candidato preferido para assumir a presidência, enquanto o ministro da Economia, Rashid Sfar, deve ser nomeado primeiro-ministro. Mas há rumores de que a mulher do octogenário presidente tunisino ar-

ticula silenciosamente um nome diferente. A senhora Wassila foi muito influente na política do país até ao ano passado quando um protegido dela, o ministro do Interior, Driss Guiga, foi responsável pelos distúrbios de Janeiro, quando a população protestou contra os aumentos do pão.

Além das dúvidas ainda existentes sobre o possível sucessor de Bourguiba, o horizonte político na Tunísia viu-se conturbado nas últimas semanas pelo aumento da influência de grupos islâmicos fundamentalistas. O Movimento de Tendência Islâmica (ITM) anunciou em Junho que iria constituir-se em partido político disposto a lutar por uma reforma radical da Constituição, das estruturas políticas e do sistema económico do país. O mo-

vimento defende inclusive um rompimento com a França e os Estados Unidos, os dois principais aliados externos de Bourguiba.

O pedido de inscrição do ITM foi recusado pelo governo, o que provocou grande movimentação nos meios estudantis e laborais de Tunis. Os fundamentalistas islâmicos foram os principais promotores dos protestos populares do ano passado que obrigaram o governo a anular aumentos em massa dos alimentos básicos para atender a exigências estabelecidas pelo FMI para conceder empréstimos de emergência à Tunísia. A situação pode agora explodir novamente porque o desemprego continua a crescer nas principais cidades do país em consequências da redução da actividade económica. O clima de descontentamento pode tornar-se crítico quando começarem a regressar à Tunísia os cerca de 5.000 trabalhadores que trabalhavam na Líbia e que foram recentemente expulsos.

# STAR

## Agente transitário a tempo inteiro, de qualquer destino

- Temos a melhor cobertura nacional. Estamos presentes nos principais portos, aeroportos e zonas comerciais e industriais do país.
- Somos agente membro da APAT, IATA e FIATA. Temos uma sólida experiência internacional em transporte aéreo, marítimo e terrestre.
- Conhecemos os melhores meios e vias, bem como o melhor acondicionamento e, sempre, a embalagem mais adequada.



- Oferecemos tráfego de grupagem, com taxas incomparavelmente mais baixas, sem prejuízo de prazos ou acordos de transporte.
- Asseguramos o armazenamento, carga e descarga das suas mercadorias nas melhores condições.



- Dispomos de um serviço porta a porta, com todas as vantagens que este sistema proporciona.
- Promovemos seguros e formalidades aduaneiras, com extraordinária economia de esforços e tempo.
- Acompanhamos a evolução beneficiando de constantes

dos mercados, informações que possibilitam decisões imediatas.

- Somos técnicos de «project forwarding» com todas as responsabilidades de coordenação geral até à concretização dos empreendimentos.



TRANSITÁRIOS

# De Cazombo a Gorongoza: mudanças na África Austral

A crise interna na África do Sul já começou a dar aos países vizinhos, particularmente a Angola e Moçambique, a necessária "folga" para passar à ofensiva contra os grupos armados que há vários anos retardam o seu desenvolvimento. Esses bando, apoiados e orientados pelo regime de Pretória perderam o seu poder de fogo, na medida em que a sua retaguarda se enfraqueceu em virtude de uma combinação de manobras diplomáticas e militares por parte das autoridades angolanas e moçambicanas apoiadas por outros governos anti-racistas da África Austral.

Em Moçambique, o acumular de provas da violação sistemática dos acordos de Nkomati pela África do Sul criou sérios embaraços ao apoio que o *apartheid* sempre deu à RENAMO. Na frente militar, os moçambicanos passaram a contar com a ajuda do Zimbabwe e até da Tanzânia numa ofensiva militar que, no começo de Setembro, levou ao cerco e à conquista das principais bases da chamada Resistência Nacional.

As vitórias na região de Gorongoza permitiram ao governo moçambicano destruir a infra-estrutura dos terroristas, que agora estão mais do que nunca reduzidos a grupos isolados. A ofensiva contra a RENAMO pôs em evidência um tipo de cooperação entre Estados anti-racistas inédito na região e muito semelhante àquele surgido entre os movimentos de libertação nacional de Moçambique, Tanzânia e Zimbabwe, antes da tomada do poder.

Os documentos apreendidos pelo exército moçambicano em Gorongoza mostraram que a África do Sul continuou a dar apoio material à RENAMO, mesmo durante o primeiro ano e meio de vigência dos acordos de Nkomati. Estas provas foram levadas pelo presidente Samora Machel a Washington e apresentadas a

Ronald Reagan, o que foi extremamente embaraçoso não só para a Casa Branca como também para Pretória. Num momento em que o prestígio diplomático sul-africano nunca atingiu níveis tão baixos em todo o mundo, as provas de violação de Nkomati colocam os racistas ainda mais na defensiva.

Em Angola, a reorganização do exército nacional, as FAPLA, permitiu ao governo mudar a estratégia de luta contra os bando da UNITA, que a exemplo da RENAMO são também armados e orientados a partir de Pretória. Angola, que havia estruturado as FAPLA para uma guerra convencional contra as repetidas invasões sul-africanas no sul do país, reorganizou os seus efectivos militares e mudou de táctica. Em vez da guerra de posições voltou à estratégia guerrilheira, com unidades móveis e de pequenas dimensões dotadas de grande operacionalidade. Foi o bastante para que a sorte da UNITA mudasse completamente. Desde Julho que foi deflagrada uma grande ofensiva na região de Cazombo, na província de Cuando-Cubango e que tinha como objectivo principal a região de Jamba, onde os bando armados afirmam ter o seu quartel-general.

O avanço da ofensiva angolana levou os sul-africanos a promoverem em meados de Setembro uma nova invasão militar, apesar dos dois países terem assinado há tempos uma acordo que levou à retirada das tropas de Pretória que ocupavam uma faixa de terra ao longo da fronteira com a Namíbia, e do outro lado do rio Cunene. Nesta nova invasão, os sul-africanos inicialmente tentaram justificar a violação dos acordos com o desgastado pretexto de destruir bases da SWAPO, o movimento que luta pela independência da Namíbia. Mas logo depois, Pretória acabou por

reconhecer formalmente que a acção tinha como objectivo salvar a UNITA de novas derrotas frente ao exército angolano.

Os documentos apreendidos em Gorongoza e o reconhecimento sul-africano de que a nova invasão visou salvar a UNITA, tornou materialmente claro que os dois grupos armados não passam de apêndices militares da Força de Defesa da África do Sul. Os últimos acontecimentos evidenciaram que não há o menor fundamento na alegação frequentemente apresentada por Washington, Londres e Pretória de que a UNITA e a RENAMO representam sectores políticos de Angola e Moçambique contrários aos respectivos governos.

As pressões feitas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos a favor de negociações com os bando armados e até mesmo a sua inclusão em altos postos governamentais, tornam-se agora inócuas. Caso este tipo de negociação tivesse sido aceite pelos governos de Luanda e Maputo, em vez de uma suposta "reconciliação nacional" teria sido entregue à África do Sul uma parcela de poder dos dois países. E ninguém em boa consciência poderia admitir que tanto o MPLA como a FRELIMO aceitasse tornarem-se sócios do *apartheid*, depois de tantos anos de lutas e sacrifícios contra o colonialismo e o racismo. As sucessivas derrotas impostas aos bando militares da UNITA e da RENAMO aumentaram as dificuldades diplomáticas e políticas do governo de P.W. Botha em Pretória, cuja área de manobra fica cada vez menor à medida que a sua estratégia intervencionista perde antigos disfarces. Até dentro da África do Sul, aumentam os protestos entre sectores da comunidade branca que consideram insensato tentar salvar a UNITA e a RENAMO, quando no país a situação se torna cada vez mais explosiva.

Nem Angola, nem Moçambique podem anunciar a derrota definitiva dos bando armados porque eles ainda agem em pontos isolados causando prejuízos e insegurança nacional. Mas a estratégia sul-africana de pretender impor a UNITA e a RENAMO perante o mundo como interlocutores políticos representativos parece estar

definitivamente derrotada. Em consequência deste facto, as pressões em favor de negociações já não podem mais ser usadas por Washington e Pretória. Nem mesmo a agressão militar pode ser justificada perante a opinião pública ocidental depois dos acordos diplomáticos firmados desde o ano passado na África Austral. Resta portanto o reconhecimento por Washington e Pretória, com um atraso de 10 anos, de que os governos de Luanda e Maputo são legítimos, autónomos, representativos e que devem ser deixados em paz. Apesar das evidências e da nova lógica que começa a surgir nas relações políticas e militares na África Austral, ainda existem, principalmente nos Estados Unidos, sectores que acreditam na possibilidade de prolongar a agonia dos bando armados. No Congresso norte-americano, deputados e senadores querem dar ajuda à RENAMO, da mesma forma que há meses foi restabelecida a ajuda financeira dos EUA à UNITA, após a queda da emenda Clark. A crise da África Austral prolonga-se agora dentro do governo norte-americano.

Mas é na África do Sul que os últimos acontecimentos terão repercussões imediatas. Os fracassos da UNITA e da RENAMO mostram que a Força de Defesa sul-africana está a perder a sua capacidade de interferir nos países vizinhos. Este é um golpe sério na auto-suficiência do exército racista que nunca admitiu a possibilidade de que a sua esfera de acção na África Austral pudesse ser limitada ou restringida pelos países limítrofes.

A imagem de omnipotência e omnipresença militar de Pretória está a desaparecer rapidamente. Sectores ultra-racistas ainda podem tentar aventuras, mas estas só contribuirão para aumentar as dores de cabeça de P.W. Botha, que tanto quanto Ronald Reagan está hoje constrangido a ter que neutralizar radicais internos, para evitar um desastre maior.

Diante de tudo isto, e após dez anos de sofrimentos, os governos de Angola e Moçambique mostram hoje um cauteloso optimismo perante a evolução da crise na África Austral. Em Luanda e Maputo, há uma indisfarçável sensação de que o pior já passou.

# A vitória de Gorongoza

*Forças conjuntas moçambicanas e zimbabweanas capturaram a principal base de operações militares dos bandidos armados e quebram a espinha dorsal da contra-revolução financiada e promovida do exterior*



**F**oi modesta e alegre a festa oferecida pelo governo moçambicano a Samora Machel e a sua esposa Graça por ocasião do 10º aniversário do casamento. Era dia 7 de Setembro de 1985, onze anos após o governo português ter aceite em Lusaka o direito de Moçambique à independência e à transferência de poderes para a FRELIMO.

Marcelino dos Santos, o número 2 da FRELIMO e dirigente da província central de Sofala, de máquina fotográfica em punho, era o retrato fiel da jovialidade. A certa altura, acercou-se do microfone para anunciar um presente de Sofala para o casal Machel, três valiosíssimos dentes de elefante. E fê-lo nos seguintes termos: "para vocês dois com amor e Gorongoza". Dos mais de 200 convidados explodiu uma gargalhada carinhosa. E não era para menos.

Na noite anterior, após vários dias de intensa expectativa por todo o país, ouvira-se o presidente Samora Machel anunciar a tomada, por forças conjuntas de Moçambique e do Zimbabwe, da principal base do MNR em Moçambique, junto à serra da Gorongoza, no mato densíssimo do coração de Sofala.

Samora Machel gravara a sua brevíssima alocução na própria base, no dia 5, durante uma visita de cerca de 4 horas a esse antigo quartel-general do bandi-



As forças armadas de Moçambique partiram a "espinha dorsal" do MNR

tismo armado, a uma pista de aterragem e à localidade sede do distrito de Gorongoza.

"Partimos a espinha dorsal da cobra", declarou o presidente. Mas logo alertou o país para o facto de que isso não significava o fim do banditismo. "Agora a cauda vai apodrecendo. Não temos preocupação com a cauda". E, referindo-se aos chefes dos bandidos que conseguiram fugir, acrescentou: "partimos do centro para o norte até atingirmos a cabeça".

Em Luanda, onde decorria a 8ª reunião ministerial do Movimento dos Países Não-Alinhados, o ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, já estava informado dos acontecimentos na região centro de Moçambique. E, enquanto Samora Machel falava na Gorongoza, em Angola Chissano passava à ofensiva, em termos extremamente duros, contra o governo sul-africano.

O ministro moçambicano acusou directamente a África do Sul de estar a violar o Acordo de Nkomati assinado com Moçambique a 16 de Março de 1984. "Procurando tanto quanto possível evitar ser detectada na realização das suas actividades criminosas de reabastecimento dos bandidos armados, a África do Sul pretende lançar no mundo a ideia de que se trata de um grupo com capacidade de acção autónoma", acusou Chissano. E acrescentou que "os bandidos armados constituem o instrumento operacional da África do Sul". E ainda: "Pretória prossegue hoje a guerra contra Moçambique através dos bandidos armados".

Joaquim Chissano declarou que, apesar de a liderança dos bandidos ter cabido "sempre a indivíduos de nacionalidade portuguesa", e apesar de os bandidos terem ligações em vários países, é a África do Sul que "continua a ser o eixo principal

da conspiração contra a nossa República".

O ministro moçambicano retomou também o tom muito duro de Samora Machel contra o *apartheid* em Nova Deli (1983) ao compará-lo ao nazismo, e ao apelar ao Movimento dos Não-Alinhados para um aumento do "apoio moral, político e material ao ANC".

Em Washington, por onde Samora Machel começaria uma visita oficial e de trabalho aos EUA a 17 de Setembro, quer os sucessos da Gorongoza quer as declarações de Chissano terão sido tomadas seriamente em conta pela administração Reagan.

Nos princípios deste ano, o corpo diplomático em Maputo andava inusitadamente agitado. Segundo um embaixador ocidental, o presidente Samora Machel tinha declarado aos embaixadores norte-americano e britânico que Moçambique não estava disposto a esperar mais tempo por uma África do Sul que não dava indícios de querer aplicar com rigor os postulados do Acordo de Nkomati. Samora Machel teria ainda acrescentado que a Linha da Frente já acordara numa estratégia comum quanto ao combate ao banditismo armado dentro de Moçambique.

Em Junho último, Samora encontrou-se em Harare com o primeiro-ministro zimbabweano Robert Mugabe e com o presidente tanzaniano Julius Nyerere. Nesse encontro ultimaram-se os preparativos para a entrada de tropas zimbabweanas, ao lado do exército moçambicano, na luta contra o banditismo armado em três províncias de Moçambique: Sofala, Manica e Tete.

Não foram ainda divulgados os números de soldados do Zimbabwe que se encontram em Moçambique, mas desde 1983 cerca de 2.000 soldados zimbabweanos guardam o oleoduto Beira-Mutare, de importância vital para o Zimbabwe, havendo também tropas daquele país nas escoltas das colunas civis que fazem o trajecto Malawi-Zimbabwe.

É possível que uma parte destes contingentes tenham entrado na luta, após receberem reforços de unidades especializadas.

#### "Ian Smith misturou o sangue dos povos de Moçambique e do Zimbabwe"

A ofensiva conjunta moçambicano-zimbabweana começou a 1 de Julho último. Até ao momento, o resultado mais significativo foi a tomada da

base central dos bandidos na Gorongoza, assim como outras igualmente importantes.

A 6 de Setembro, falando perante 20.000 pessoas na cidade de Chimoio, capital da província de Manica, Samora Machel recordou a longa história de cooperação político-militar entre moçambicanos e zimbabweanos.

O entusiasmo transbordante da multidão atingiu o ponto mais alto quando Samora Machel apresentou os oficiais superiores moçambicanos e zimbabweanos que dirigiam as operações.

"Os zimbabweanos não são estrangeiros no nosso país. São nossos irmãos", disse o presidente, para acrescentar que Ian Smith, primeiro-ministro da então colónia rebelde da Rodésia, "misturou o sangue dos povos de Moçambique e do Zimbabwe". E adiantou: "Estamos ligados, em tudo, ao Zimbabwe. Os inimigos do Zimbabwe são inimigos de Moçambique, os inimigos de Moçambique são inimigos do Zimbabwe". Samora Machel prometeu que os dois países continuariam a defender-se mutuamente.

No início da década de 70, a FRELIMO ofereceu à ZANU acesso ao Zimbabwe através de algumas partes da província de Tete, já libertadas da administração colonial portuguesa. Começava aí um longo período de colaboração entre as duas forças guerrilheiras.

Após a independência de Moçambique, em 1975, as províncias de Tete, Manica, Sofala e Gaza passaram a servir de retaguarda imediata e permanente para os guerrilheiros das ZANLA de Robert Mugabe. As sucessivas invasões rodesianas a Moçambique, aliadas ao avanço regular das ZANLA dentro do Zimbabwe, acabariam por enfraquecer seriamente o exército rodesiano. "E foi nas batalhas de Mapai e Mavonde, em Outubro de 1979, que o general Peter Walls, então chefe das forças armadas rodesianas, concluiu que já não era possível destruir quer as ZANLA quer o exército moçambicano (FPLM). Só em Mavonde, na província de Manica, os rodesianos perderam 12 dos seus caças-bombardeiros", recordou Samora no comício em Chimoio.

O presidente falou igualmente da participação de soldados moçambicanos dentro do Zimbabwe ao lado das ZANLA. E revelou um número: 5.000.

De passagem, Samora Machel recordou também que tropas das FPLM haviam participado ao lado



O arsenal perdido pelo MNR poderia prolongar a guerra por mais dois anos



"Domingo"

Cinco mil soldados do Zimbabwe ajudaram as tropas moçambicanas na ofensiva contra o MNR em Gorongoza

do exército tanzaniano quando este respondeu à invasão da Tanzânia pelas forças de Idi Amin, entrando no Uganda. "Lutámos todo o caminho até Kampala", disse o presidente.

A 8 de Setembro, já depois de ter sido informado dos primeiros resultados da ofensiva conjunta, Robert Mugabe declarou em Harare que o seu país tinha o dever de ajudar Moçambique, e vice-versa.

"Decidimos que, para além do que estávamos a fazer por Moçambique e por nós próprios ao protegermos as infra-estruturas que nos servem, deveríamos passar à ofensiva para, conjuntamente com os moçambicanos, eliminarmos os bandidos nas zonas de Manica, Sofala e Tete", disse Mugabe.

As infra-estruturas referidas por Mugabe são o oleoduto, o caminho-de-ferro para o porto da Beira e a estrada Malawi-Zimbabwe que passa por Moçambique e que tem também sido defendida por tropas do Zimbabwe devido às importantes mercadorias que passam por ela.

São infra-estruturas vitais para a economia zimbabwiana; e, como declarou Mugabe, "não podíamos ficar restringidos a uma actividade de defesa contra os ataques dos bandidos do MNR".

Para o Zimbabwe, a eliminação do banditismo armado em Moçambique é vital, particularmente se se tiver em conta a possibilidade de a luta popular na África do Sul entrar numa fase insurreccional, o que levaria provavelmente à paralisação do sistema de transportes da RAS que o Zimbabwe utiliza diariamente para as suas importações e exportações, na impossibilidade de utilizar o sistema ferroviário e rodoviário moçambicano devido à guerra de desestabilização lançada pela RAS contra Moçambique.

Na altura do desencadeamento das operações conjuntas, esteve em Chimoio um coronel britânico, facto que provocou controvérsia. Aparentemente, esse oficial encontrava-se ali apenas para estudar as necessidades do exército moçambicano em matéria de treino de oficiais, na sequência do acordo estabelecido entre Maputo e Londres para uma cooperação militar limitada, a ser desenvolvida dentro do Zimbabwe. No entanto, prosseguem especulações de que a Grã-Bretanha estaria disposta a "ir um pouco mais longe", pois sectores importantes da economia britânica veriam com bons olhos um fim rápido para a situação de instabilidade em Moçambique.

### Um arsenal de grandes proporções

A base central do banditismo armado na Gorongoza era apelidada pelo MNR de *Banana House* (Casa Banana). Era ali que estava instalado o "estado-maior" ou "comando supremo" dos bandidos. Era o nervo central do banditismo para todo o país. Do seu centro de comunicações — que incluía comunicações por rádio e telefónicas — partiam ordens para grupos de bandidos espalhados pelo país, e dali se estabelecia os contactos regulares com as bases do MNR dentro da África do Sul e, provavelmente, dentro do Malawi.

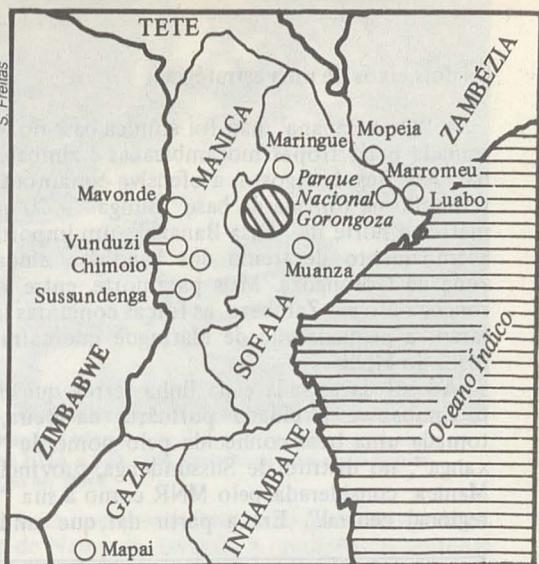
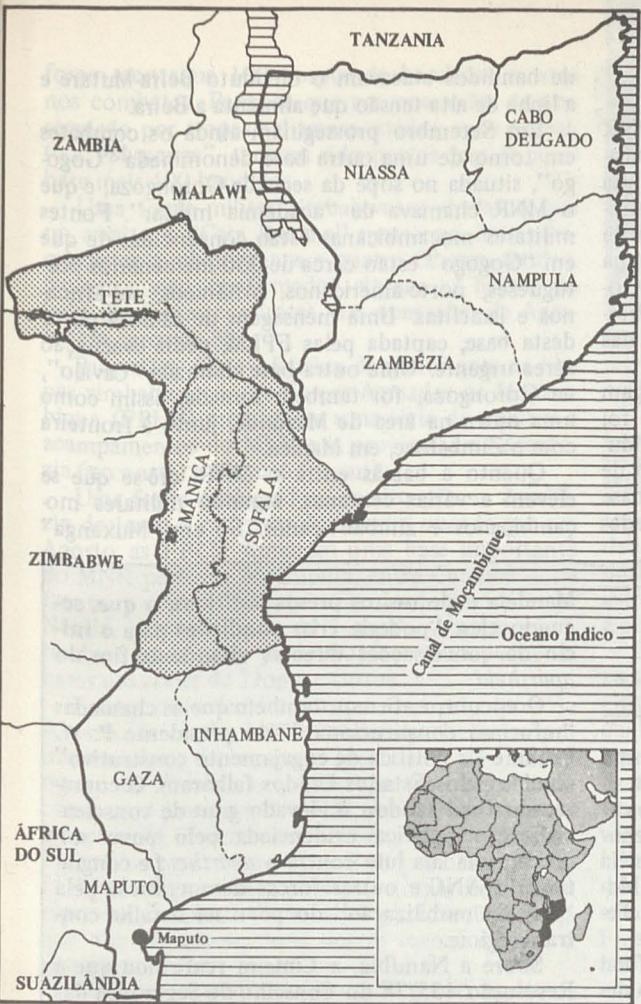
A serra de Gorongoza, uma cadeia de montanhas que se erguem até 1.800 metros acima do nível do mar, era de importância estratégica para o MNR, pois dali podiam os bandidos disfrutar de uma vista dominante, abarcando extensas partes das províncias de Sofala, Manica e Tete.

A "Casa Banana", situada ao sul da serra e junto ao rio Vanduzi, é um vasto complexo de terrenos e instalações cobrindo vários quilómetros quadrados. A base era servida por uma pista de aterragem — denominada "Fábrica" — de cerca de 800 metros de comprimento onde aterravam aviões *Dakota* e helicópteros sul-africanos cuja função principal era o reabastecimento dos bandidos.

Bem camuflada pelo mato denso, a base possui casas com tectos de lusalite roubado a camiões na estrada Beira-Tete. Uma parte da base, separada do resto por uma vedação de arame, era o local do "comando geral". A entrada nessa área era vedada à grande maioria dos ocupantes da base.

A "Casa Banana" foi tomada numa operação relâmpago que durou cerca de cinco horas, das 5 às 10 horas da manhã do dia 28 de Agosto. Após bombardeamentos por aviões das forças aéreas moçambicana e zimbabwiana, 85 pára-quedistas zimbabwianos desembarcaram na base tomando-a de assalto.

O armamento que tem sido fornecido ao MNR, e que foi encontrado na base, segundo peritos mi-



A partir da base de "Casa Banana", os bandidos armados do MNR tentaram cortar as linhas de abastecimento do Zimbabwe e isolar a província de Tete. A maior parte dos ataques teve como objectivo o oleoduto Beira-Mutare e o caminho de ferro que liga o litoral moçambicano ao Zimbabwe e ao Malawi. O objectivo estratégico era cortar o território de Moçambique em duas partes isolando o norte do sul. O MNR foi instruído pela África do Sul a usar também a base de Gorongosa para atacar as linhas de alta tensão que alimentam Maputo, a partir da hidroelétrica de Cahora Bassa.

litares, dava pelo menos para mais dois anos de operações. Entre esse armamento contam-se centenas de obuses de morteiro e roquetes, granadas, centenas de armas ligeiras e peças de artilharia antiáerea. Entre o armamento havia também uma BM-21 das FPLM, possivelmente levada pelos bandidos após um recente assalto à vila de Marínguè, situada entre a Gorongoza e o rio Zambeze. Havia igualmente carros civis roubados assim como um bulldozer roubado num assalto a Muanza.

À mistura com o armamento havia 40 rádios receptores-transmissores, mas o principal centro emissor foi destruído pelos próprios bandidos antes de abandonarem a base. Foi também encontrada uma quantidade enorme — calculada em milhões de meticais — de notas de 100 e 1.000 meticais, queimadas.

Vários documentos sobre acções dos bandidos contra aldeias comunais, fábricas e outras infra-estruturas sociais e económicas, também foram encontrados no local assim como documentos reve-

ladores das ligações dos bandidos em vários países. Quanto a estes últimos, as autoridades moçambicanas ainda não se pronunciaram, presumindo-se que estejam em poder das forças armadas para análise.

Na "Casa Banana" havia igualmente grandes quantidades de medicamentos e equipamento médico, parte fornecido pela África do Sul, parte roubado a centros de saúde rurais saqueados pelos bandidos.

Testemunhas da zona disseram que o chefe dos bandidos, Afonso Dlakhama, conseguiu fugir numa motorizada, acompanhado pelo seu adjunto, cerca de cinco minutos antes de a base ser tomada pelas tropas pára-quedistas. Aparentemente, tomou a direcção norte. Na fuga precipitada deixou para trás os seus óculos.

Um soldado zimbabweano que participou no ataque à "Casa Banana" disse não saber quantos bandidos haviam sido mortos. "Foram muitos, muitos", afirmou, encolhendo os ombros.

## Os dois eixos de uma estratégia

A "Casa Banana" não foi a única base do MNR tomada pelas tropas moçambicanas e zimbabwenas. Até fins de Agosto, a ofensiva conjunta tinha resultado na tomada da base "Bunga" — 20 quilómetros a norte da "Casa Banana", um importante acampamento de treino dos bandidos, ainda na zona da Gorongoza. Mais para norte, entre a Gorongoza e o rio Zambeze, as forças conjuntas libertaram a pequena vila de Maringuè que caíra nas mãos do MNR.

Ao sul da estrada e da linha férrea que ligam o Zimbabwe à cidade portuária da Beira, foi tomada uma base conhecida pelo nome de "Muxanga", no distrito de Sussundenga, província de Manica, considerada pelo MNR como a sua "base regional central". Era a partir daí que unidades

de bandidos atacavam o oleoduto Beira-Mutare e a linha de alta-tensão que alimenta a Beira.

Em Setembro prosseguiam ainda os combates em torno de uma outra base denominada "Gogogo", situada no sopé da serra da Gorongoza, e que o MNR chamava de "academia militar". Fontes militares moçambicanas estão convencidas de que em "Gogogo" estão cerca de 250 mercenários portugueses, norte-americanos, britânicos, sul-africanos e israelitas. Uma mensagem de rádio a partir desta base, captada pelas FPLM, pedia evacuação aérea urgente. Uma outra base chamada "Cavalo", na Gorongoza, foi também tomada, assim como uma outra na área de Mavonde, junto à fronteira com o Zimbabwe, em Manica.

Quanto a baixas entre o MNR, crê-se que se elevem a várias centenas, segundo militares moçambicanos e zimbabwenos. Só em "Muxanga"

## O apoio da Linha da Frente

Os países da Linha da Frente expressaram o seu total apoio à ofensiva militar que tem sido levada a cabo por dois dos seus membros — Moçambique e Zimbabwe — contra o autodenominado Movimento Nacional de Resistência (MNR), nas três províncias do centro de Moçambique, nomeadamente Manica, Sofala e Tete.

Esta posição foi expressa no comunicado final da Cimeira de chefes de Estado e de governo de corrida em meados de Setembro na capital moçambicana. Os líderes dos seis países realçaram "os positivos resultados" conseguidos pelas forças armadas moçambicanas e zimbabwenas.

Os líderes da Linha da Frente congratularam-se também com as sanções económicas que alguns países ocidentais começam a aplicar contra a África do Sul e apelaram para mais medidas deste tipo como forma de acelerar a queda do apartheid.

Os chefes de Estado e de governo da Linha da Frente viram "com profunda apreensão" a crescente repressão e violência "perpetradas pelo regime de Pretória contra populações indefesas que no interior do território lutam pela abolição do apartheid". A Cimeira condenou o estado de emergência imposto em algumas regiões da África do Sul e apelou para o fim do banimento do Congresso Nacional Africano (ANC) e de outras organizações políticas do país. Os seis exigiram ainda a libertação incondicional de Nelson

Mandela e de outros presos políticos, o que, segundo eles, "poderia criar condições para o início de conversações directas visando o fim do apartheid".

O encontro afirmou também que as chamadas "reformas constitucionais" do presidente P. W. Botha e "a política de engajamento construtivo" seguida pelos Estados Unidos falharam. O comunicado final saudou o elevado grau de conscientização política evidenciada pelo povo sul-africano na sua luta contra o apartheid e congratulou o ANC e outras forças democráticas pela "elevada mobilização" do povo na batalha contra o regime.

Sobre a Namíbia, a Cimeira reafirmou que a Resolução 435/78 do Conselho de Segurança das Nações Unidas constitui a única base para a independência negociada e rejeitaram as manobras que visam condicionar-a "à retirada das tropas internacionais cubanas do território soberano da República Popular de Angola". Foi ainda rejeitado "o governo fantoche instalado em Windhoek pela África do Sul", tendo sido lançado um apelo à comunidade internacional no sentido de lhe recusar qualquer credibilidade.

Por sua vez, o presidente do ANC, Oliver Tambo, afirmou que a sua organização vai intensificar a luta armada contra o regime racista de Pretória, apesar do recente encontro com empresários sul-africanos, em Lusaka, o qual disse, teve um carácter informal. Segundo Tambo, os empresários "entenderam perfeitamente os ideais e objectivos da luta do ANC".

O presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda, foi eleito presidente dos Países da Linha da Frente, em substituição de Julius Nyerere (Tanzânia), que em breve deixará a vida pública.

foram contados 100 corpos de bandidos mortos nos combates. Pensa-se que nas operações de perseguição por tropas helitrasportadas, após o assalto a "Muxanga", tenham sido postos fora de combate mais 400 bandidos.

Uma fonte militar zimbabweana declarou que no assalto à "Casa Banana" morreram dois pára-quedistas zimbabweanos e quatro ficaram feridos. Números não confirmados situam as baixas do lado das forças conjuntas, nas operações de Agosto, em cerca de 80.

Para além desta ofensiva conjunta com as tropas zimbabweanas, as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) prosseguem uma série de assaltos a acampamentos do MNR nas províncias da Zambézia (no norte) e Maputo (no sul).

Uma fonte conhecedora da situação na Zambézia declarou a *cadernos do terceiro mundo* que em Agosto as FPLM tomaram uma base importante do MNR perto de Murrupula, entre Cuamba — na fronteira com o Malawi — e a cidade portuária de Nacala, já na província de Nampula. A mesma fonte disse que foram já destruídas várias pequenas bases nas zonas de Lioma e Gúruè.

Fontes civis declararam que, em princípios de Agosto, cerca de 1.000 bandidos, chefiados por mercenários, tomaram a localidade de Luabo, no sul da Zambézia, naquilo que foi interpretado como uma tentativa do MNR para atrair para lá as atenções da ofensiva conjunta em Manica, Sofala e Tete. Prosseguindo nesta tática, grandes unidades de bandidos atacaram Mopeia e foram finalmente repelidos em Marromeu, com pesadas baixas, já que eles esperavam uma defesa menor do que a que encontraram.

Aparentemente, esses mais de 1.000 bandidos caíram na sua própria ratoeira. Até ao momento de fecharmos esta edição eles estavam encerrados entre Luabo e Mopeia, impedidos de ajudarem os restantes bandidos que fugiram da Gorongoza no sentido centro-noroeste.

Na província de Maputo, o mês de Junho foi particularmente tenso. Na região de Pateque, só num dos ataques, os bandidos massacraram 37 pessoas e feriram 62. Dias depois, na mesma região, eram mortos 24 civis. Em Agosto, 15 pessoas foram assassinadas e 62 feridas num ataque a um autocarro perto de Maluane.

Uma série de medidas reorganizativas tomadas em Julho e Agosto nessas duas zonas — a cerca de 50 quilómetros de Maputo — levaram já as FPLM a destruírem duas bases do MNR em Manhiça e Magude e a matarem pelo menos 63 bandidos. Dessas bases partiram muitos dos contra-revolucionários que nos últimos três meses assassinaram mais de 250 pessoas, na sua grande maioria camponeses.

Mas estas ofensivas de grande envergadura — incluindo a da força aérea moçambicana que des-



Logo após a ofensiva de Gorongoza, Samora Machel foi aos EUA e à Europa mostrar as provas do apoio externo ao MNR

truiu uma importante base a 50 quilómetros da cidade de Nampula, levando à rendição de centenas de bandidos — constituem apenas um dos eixos da estratégia que as autoridades moçambicanas estão a pôr em prática.

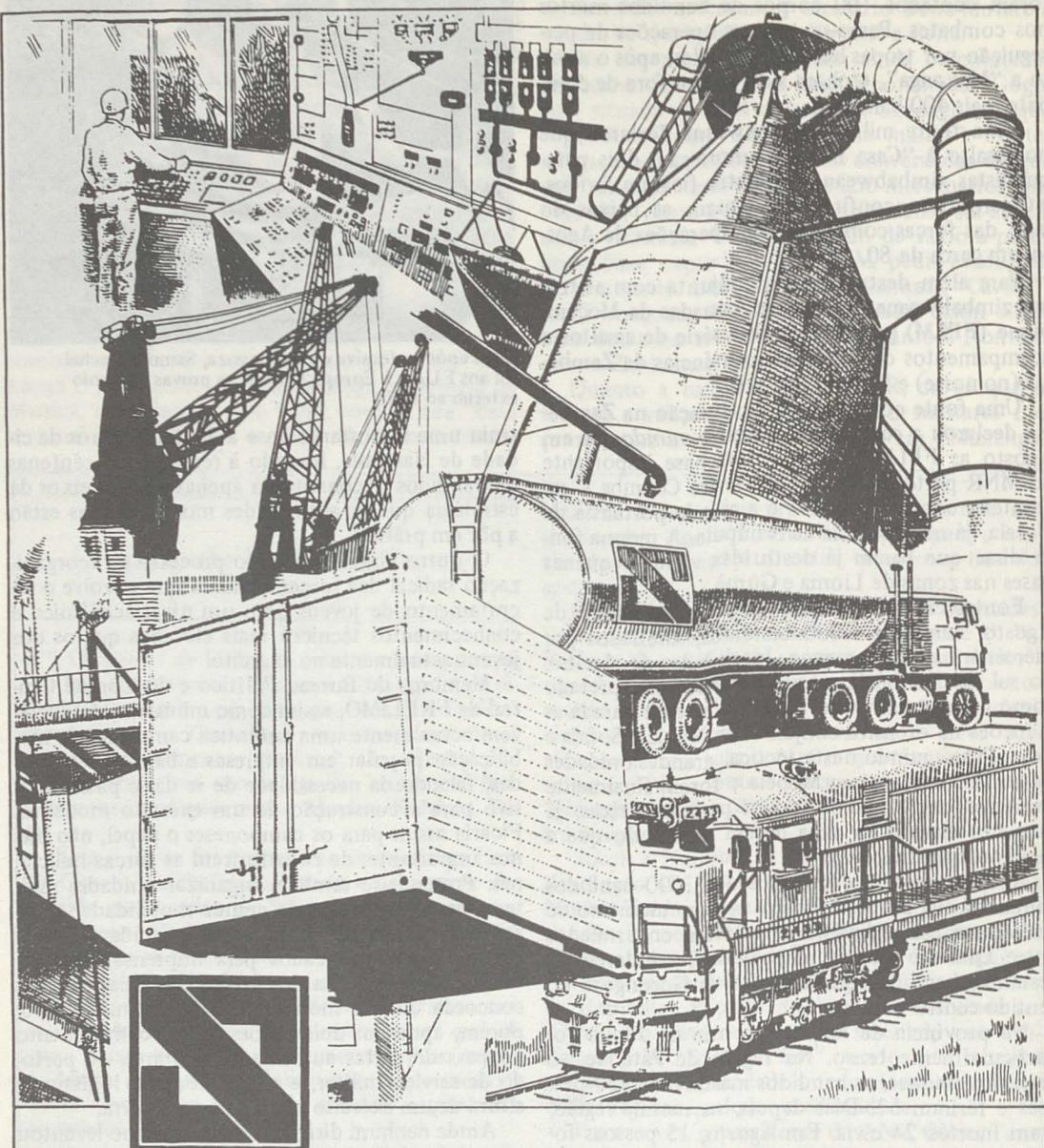
O outro eixo é um lento processo de reorganização radical das forças armadas que envolve o recrutamento de jovens com um nível académico e conhecimentos técnicos mais elevados que os dos jovens actualmente no exército.

Membros do Bureau Político e do Comité Central da FRELIMO, assim como ministros, desenvolvem actualmente uma autêntica campanha de mobilização popular em empresas e bairros das cidades, falando da necessidade de se dar o passo decisivo para a construção de um exército moderno. Ficaria assim para os camponeses o papel, não menos importante, de constituírem as forças miliciais. Pretende-se também organizar unidades militares especializadas e de grande mobilidade, capazes de actuarem em qualquer parte rapidamente.

Inquéritos publicados pela imprensa local revelam que a maioria dos jovens das áreas urbanas concorda com a mobilização: ao mesmo tempo, porém, apontam dois senões: o não-cumprimento no passado, pelas autoridades militares, do período de serviço militar, e a falta de apoio logístico à altura de um exército realmente em guerra.

Ainda nenhum dirigente moçambicano levantou a bandeira da vitória sobre o banditismo armado e oficiais do exército têm alertado o país para "não se embebedar" com as vitórias em Manica e Sofala.

Mas é possível que algumas forças internacionais que têm estado por detrás do MNR durante todos estes anos começem a perguntar-se se vale realmente a pena gastar tanto dinheiro com um instrumento que não mostra capacidade para se constituir numa alternativa real à FRELIMO que, quaisquer que sejam os rótulos a ele atribuídos, tem sido marcado essencialmente pela decisão de preservar a soberania do país. (Carlos Cardoso)



## Sociedade Nacional de Sabões, Lda.

A S.N.S. - Sociedade Nacional de Sabões e as empresas suas associadas contribuem activamente para dinamizar, promover e expandir a economia nacional, nos mercados específicos de sabões, detergentes, óleos e margarinhas, rações para animais.

### ASSOCIADAS

CIESA-NORMAN CRAIG & KUMMEL, PUBLICIDADE, LDA  
DORO-VONDER - Produtos Alimentares, Lda.  
FÁBRICA NACIONAL DE MARGARINA, LDA  
INDÚSTRIAS QUÍMICAS SYNRES PORTUGUESA, LDA  
INDUVE - Indústrias Angolanas de Óleos Vegetais, Lda

MENSOR - Gabinete de Estudos Económicos, Lda.

PREVINIL - Empresa Preparadora de Compostos Vinílicos, S.A.R.L.

SONADEL - Sociedade Nacional de Detergentes, S.A.R.L.

SOVENA - Sociedade Vendedora de Glicerina, S.A.R.L.

SOVENDAL - Sociedade Distribuidora de Produtos de Alimentação e Higiene, Lda.

VITAMEALO PORTUGUESA - Alimentos Vitaminados para Animais, S.A.R.L.



A Conferência Ministerial de Luanda foi a que reuniu maior número de países na história do movimento

## Não-Alinhados no epicentro da tormenta

Numa Luanda festiva e modernizada, 119 delegações confirmam a unidade do movimento e a sua decisão de liquidar o *apartheid*

Neiva Moreira

Um garoto de nove anos pergunta ao pai em Luanda: "pai, porque só agora começamos a reconstrução nacional?" Este era o tema que marcava os dias e as horas da sua infância: no lar, na escola, nos meios de comunicação: reconstruir o país.

A imensa barragem de Capanada, com um custo global de cerca de 2.000 milhões de dólares, que vai irrigar terras e dar energia eléctrica a uma grande região do país, incluindo Luanda, não o sensibilizara muito. Nem as fábricas, as pontes, os projectos agrícolas, a modernização dos meios de transportes que o

país realiza, apesar de a maior parte do Orçamento Nacional ser destinado à Defesa.

### Uma nova batalha

O que entusiasmara o garoto, nascido com a independência, era a nova Luanda. A sua escola estava pintada, o lixo retirado das ruas do seu bairro, os sinais de trânsito restaurados, o aeroporto melhorado, os hotéis modernizados e havia jardins e flores nas ruas.

Para ele a reconstrução nacional havia começado.

Foi o próprio presidente José

Eduardo dos Santos quem comandou pessoalmente esta réplica pacífica da Batalha de Luanda. A comissão coordenadora tinha poderes para desviar navios angolanos das suas rotas, receber em portos estrangeiros materiais de urgente necessidade, determinar medidas administrativas. O presidente madrugava nas obras e acompanhava o apertado cronograma da modernização da capital.

Quanto custou tudo isto? A cifra de 25 milhões de dólares referida pela imprensa europeia era exacta? Fizemos esta pergunta a Lopo do Nascimento, minis-

tro do Plano que esteve à frente de uma das comissões coordenadoras desse grande esforço de preparação de Luanda para a Conferência. Discreto, como são os dirigentes angolanos, Lopo do Nascimento diz que os custos finais ainda estão a ser contabilizados. Insistimos em saber como foi possível mudar a face de uma Luanda muito deteriorada pela guerra, pelos problemas deixados pelo colonialismo e pela agressão estrangeira.

"No Brasil, chama-se a isso 'mutirão' (um esforço colectivo voluntário visando um determinado objectivo). As medidas do governo e do Partido foram decisivas mas só resultaram vitoriosas

porque o povo aceitou o desafio e resolveu vencê-lo com entusiasmo e espírito de cooperação. Agora, vamos lutar para manter todos estes serviços em funcionamento e ampliar o projecto de reorganização urbana posto em prática", respondeu Lopo do Nascimento.

Os jornalistas estrangeiros foram surpreendidos com o novo Centro de Imprensa, hoje um dos melhores de África. Salas de conferência com um eficaz serviço de som, bar, telex, computador, telefone com serviço interurbano directo e uma sala de leitura onde era possível encontrar jornais recentes dos países ocidentais.

Nem parece o velho Centro dos tempos da Batalha de Luanza e dos anos subsequentes, onde os telexes estavam quase sempre com problemas e os locais de trabalho eram escassos e não funcionais.

Outra surpresa foi o pavilhão para recepções, construído na área do Palácio Governamental de Fungo de Belas.

Com capacidade para mais de 1.000 pessoas, é um local impressionante, não apenas pelo projecto arquitectónico como pela beleza do ambiente.

O presidente José Eduardo dos Santos inaugurou esta nova dependência governamental com uma recepção aos delegados e

### MANDELA: SÍMBOLO DA LUTA DE LIBERTAÇÃO

Mensagem da Conferência de Luanda a Nelson Mandela, presidente do ANC, preso há mais de 20 anos pelo governo racista da África do Sul:

Estimado e querido camarada Nelson Mandela. Na inauguração da Conferência Ministerial dos Países Não-Alinhados em Luanda, capital do heróico Povo de Angola, queremos que a nossa primeira decisão, as nossas primeiras palavras e os nossos primeiros pensamentos expressem a nossa solidariedade, respeito e admiração pelos corajosos combatentes sul-africanos. Exprimimos estes sentimentos através de ti que encarnas o patriotismo e a combatividade do teu povo com muita dignidade e coragem.

Todas as reuniões do nosso Movimento condenaram o vergonhoso regime do apartheid e aqueles que o apoiam e toleram. Porém, existem, agora, circunstâncias especiais que exigem de todos nós uma tomada de acções mais enérgicas que ajudarão a eliminar esta vergonhosa afronta à humanidade, de uma vez por todas.

Na sua vã tentativa de perpetuar o apartheid e manter a ocupação ilegal da Namíbia, ignorando as exigências da comunidade internacional e muitas decisões das Nações Unidas e do nosso próprio Movimento, o governo racista de Pretória engajou-se no assassinato massivo, torturas e per-

seguições com grande violência e brutalidade nestes últimos meses, tendo estendido os seus actos de agressão e desestabilização aos países da África Austral. Apoiou e financiou grupos de criminosos, bem como infiltrou e ocupou a Namíbia e parte de Angola.

O terror e a repressão que a minoria racista na África do Sul tem levado a cabo contra o povo sul-africano é possível graças ao apoio material e moral que o governo dos Estados Unidos e outros países concedem a esta minoria sob a eufemística capa de "engajamento construtivo" — que, naturalmente, é o outro lado da sua aliança com o regime sionista e racista de Israel, opressor do povo palestino e inconciliável inimigo dos povos árabes.

Camarada Mandela, conheces melhor que ninguém a brutalidade do sistema do apartheid e és um símbolo da luta que o povo sul-africano leva a cabo com renovada coragem e determinação. Cada massacre mais, assassinato ou cada acto de humilhação incentiva a tua nobre causa.

A rejeição e condenação do regime racista de apartheid tem vindo a aumentar, mesmo no seio do povo dos Estados Unidos e de outras partes do mundo e tem vindo a ganhar mais força em cada um dos nossos países.

Por isso, descansa seguro, camarada Mandela, que a luta do povo da África do Sul é a nossa luta, e nós enviamos ao povo da África do Sul uma sentida mensagem de solidariedade e apoio.

Abaixo o apartheid e o racismo! Glória aos mártires do povo sul-africano! Vivam os heróicos combatentes pela liberdade e dignidade da África do Sul!

convidados, que manifestaram a sua admiração por aquele conjunto de obras e pelo facto das mesmas terem sido realizadas em plena guerra e em tempo record.

### Um bom desempenho

Mas não ficou restrito ao esforço material a admiração pelo trabalho dos angolanos. O facto de que Angola tenha sido sede de uma Conferência deste vulto, com um exemplar desempenho, foi objecto de aplausos generalizados.

Ao todo, 119 delegações. O maior número já reunido nos 30 anos do Movimento dos Países Não-Alinhados, com cerca de 1.000 delegados. Do aeroporto ao Palácio dos Congressos, passando pelos hotéis e pelo cerimonial, tudo funcionou bem.

Tradução simultânea, acompanhantes poliglotas, serviços médicos em cada hotel, creditação rápida, restaurantes, transportes à hora, postos de câmbio em vários pontos, seguranças discretos e atentos — nada ficou a dever às anteriores reuniões dos Não-Alinhados.

### No epicentro da tormenta

A Conferência de Argel, em 1973, foi um momento de consolidação do Movimento. A batalha da descolonização estava no auge e o sistema capitalista entrava na grande crise da qual ainda não saiu. Apesar destes factores, que agiram como aglutinadores, muitas pessoas nos anos subsequentes descreviam do futuro dos Não-Alinhados, sobretudo pelas concepções contraditórias dos seus governos e pelas divergências entre eles, (conflitos Etiópia-Somália, Irão-Iraque, Chade-Líbia, Afeganistão-Paquistão, Indonésia-Timor Leste, etc.) enfraquecendo a solidariedade interna.

A Conferência de Luanda



Das duas comissões da VIII Conferência Ministerial dos Não-Alinhados, a que discutiu os temas políticos foi a que teve mais trabalho. O ministro dos Negócios Estrangeiros de Angola, Afonso Van Dunem M'binda (foto da esquerda) foi o coordenador geral dos trabalhos da conferência

comprovou que essas divergências existem. Não foi possível um consenso, na Declaração Final, sobre a crise do Golfo. As pressões indonésias e dos seus aliados, inclusive dos governos conservadores árabes, bloquearam o pronunciamento desejado pela grande maioria da Conferência contra a agressão do governo de Djacarta a Timor Leste.

De qualquer modo ficou patente que nos grandes temas, a luta pela soberania, o desenvolvimento independente, o anti-imperialismo, a reivindicação de uma nova ordem económica e de informação, a reivindicação dos direitos sociais, o consenso supera de longe as divergências.

O problema da África Austral

propiciou um extraordinário exemplo de unidade e determinação de luta. A Conferência foi aberta com uma proclamação de apoio a Nelson Mandela. Parecia que os brados de protesto dos sul-africanos, o rumor das suas grandes mobilizações, o frigor do confronto contra o terror racista se projectavam na sala da Conferência. "É como se a guerra de libertação da África do Sul e da Namíbia estivesse a ser travada aqui", comentava-nos um jovem diplomata peruano.

O momento culminante do debate sobre a África do Sul ocorreu no entanto quando se colocou o problema da escolha da sede da Conferência a nível de chefes de Estado, a realizar

## TANQUES E AVIÕES PARA INGLÊS VER

■ A República Popular de Angola é um alvo permanente da desinformação. Os factos que ali se passam são apresentados, quase sempre, de maneira distorcida e tendenciosa.

Na Conferência dos Não-Alinhados havia cerca de 150 jornalistas internacionais cobrindo o evento. Um deles foi Barry Parker, da sucursal da *France Press* em Londres, que, diga-se de passagem, tem uma representante permanente em Luanda.

Poucas horas depois de chegar a Angola, Parker enviou um despacho para a sua agência informando (ou desinformando) o seguinte: "os ministros, embaixadores e delegações que chegam para a

reunião, vão ver a omnipresença militar. Veículos blindados fazem guarda permanente nalguns pontos estratégicos, como o Largo da Mutamba, no centro da cidade; aviões militares que sobrevoam regularmente a cidade. O recolher obrigatório da meia-noite às cinco da manhã é estritamente rigoroso".

A informação caiu como uma bomba entre os jornalistas em Luanda. Nem eles nem os delegados nem ninguém viu blindados, aviões ou tropas nas ruas. A não ser um blindado de fabricação francesa usado no ataque a Luanda (1975) que, capturado pela defesa popular, é hoje um monumento no centro da cidade.

O governo angolano solicitou a Parker que regressasse a Londres, evitando assim que continuasse a enviar este tipo de mentiras que, divulgadas, quase sempre tornam inócuos os desmentidos.

em Abril de 1986.

Alguns países reivindicavam a escolha. Entre os árabes, Líbia e Marrocos aliciaram apoio às suas candidaturas. A Jugoslávia reunia também alguns votos a seu favor. Mas a reivindicação dos de-

legados africanos era de que a sede deveria estar no centro da confrontação e esta localiza-se hoje na África Austral. Essa tese terminou por predominar. O Zimbabwe foi escolhido e, de acordo com a praxe, o seu pri-

meiro-ministro, Robert Mugabe, será o presidente do Movimento para o triénio a começar em 1986. A sede do nosso movimento estará agora "no epicentro da tormenta", proclamava um delegado moçambicano.

## O discurso do presidente José Eduardo dos Santos

**S**ão os seguintes os pontos principais do discurso proferido pelo presidente de Angola na abertura da VIII Conferência Ministerial dos países do Movimento dos Não-Alinhados:

(...) A diversidade das conceções filosóficas de cada uma das nações que integram a nossa organização, produz a heterogeneidade que nos caracteriza sem que no entanto esse facto faça predominar as divergências sobre as nossas preocupações essenciais comuns (...). Devemos evitar que o imperialismo internacional utilize as nossas divergências para lançar a discordia entre os Estados-membros e debilitar deste modo a nossa coesão e acção no

estabelecimento de relações internacionais mais justas (...). Os Países Não-Alinhados têm a responsabilidade histórica de situar a análise dos fenómenos que geram a crise mundial actual nos marcos definidos pelos objectivos fundamentais da política de não-alinhamento, e da independência que a caracteriza de modo a não (...) nos deixarmos arrastar pela tendência actual de se inserir os problemas da paz e da guerra, do colonialismo e da libertação (...) no quadro da confrontação Leste-Oeste (...).

### O regime do "apartheid"

O recrudescimento da agressividade do regime de Pretória

contra os cidadãos sul-africanos que se opõem ao *apartheid* conheceu nos últimos tempos uma escalada de violência sem precedentes. (...) A declaração do estado de emergência pelos governantes sul-africanos veio contribuir de forma significativa para o aumento da tensão na região e sobretudo no interior da própria África do Sul (...). Neste sentido penso que seria bem recebido pelos países do nosso movimento (...) uma atitude firme e a intensificação de acções concretas por parte dos países ocidentais para obrigar a classe dirigente de Pretória a abolir o regime do *apartheid*. Este facto representaria (...) uma apreciável contribuição para a erradicação do *apartheid*, o que passa no nosso entender necessariamente pela aplicação de sanções económicas obrigatórias contra a África do Sul (...).

O regime do *apartheid* preten-

de apresentar o foco de tensão na África Austral por ele criado e estimulado, como uma expressão regional do conflito Leste-Oeste e ao mesmo tempo criar na opinião pública internacional a ideia de que as organizações fantoches que ele próprio organizou, (...) são organizações independentes, de nacionalistas dissidentes (...).

O conflito armado que se verifica em Angola não é de natureza civil como certos círculos políticos e meios de imprensa pretendem fazer acreditar (...) deste modo é legítimo à República Popular de Angola, como Estado soberano, rejeitar a pretensa conciliação nacional com tais grupos armados, propalada em certos países ocidentais (...).

A presença de tropas cubanas em Angola, que o imperialismo tem procurado apresentar como uma ameaça à obtenção da paz na África Austral é pelo contrário um factor de estabilidade (...) perante a tendência hegemônica crescente (...) da África do Sul racista nesta região. Apesar de tal facto representar um problema interno de Angola (...) o nosso governo tem dado provas de (...) boa-vontade na regularização do conflito na África Austral. (...) Apesar de todos os esforços empreendidos (...) no sentido de obter a paz e a segurança na região, o governo de Pretória em total desprezo pelas condenações da Comunidade Internacional (...) continuou a infiltrar quantidades enormes de material militar não só na fronteira sul do nosso país como também por via aérea e marítima, a fim de proceder a operações militares e sustentar os bandos fantoches.

(...) Apesar de não ser parte no conflito namibiano, Angola tem procurado (...) contribuir para acelerar a implementação da Resolução 435/78 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (...). Para se levar adiante o processo de paz na região é indispensável a retomada das



O presidente angolano fez o discurso inaugural da Conferência

conversações entre as partes beligerantes na Namíbia, isto é, a SWAPO e a África do Sul, sob a égide do secretário-geral da Organização das Nações Unidas de forma a estabelecer-se a data da implementação da Resolução 435 (...).

Em Timor Leste, constatamos que passos novos estão a ser dados através do diálogo entre Portugal e a Indonésia sob a mediação da (...) ONU. Estamos convencidos que serão salvaguardados os verdadeiros interesses e os direitos inalienáveis do povo de Timor Leste (...).

Na América Latina, mais precisamente na América Central, a situação de tensão criada pelo imperialismo tem-se agravado desde a brutal invasão norte-americana contra Granada. A política intervencionista da actual administração norte-americana naquela região levou à adopção de um bloqueio económico contra a Nicarágua (...) malgrado os (...) esforços do Grupo de Contadora (...).

#### Crise económica

O panorama económico internacional desde a realização da última cimeira dos Não-Alinhados

dos, em Nova Deli, em 1983, não registou progressos significativos (...).

A actual conjuntura caracteriza-se por uma profunda crise em que sobressai um acentuado agravamento dos desequilíbrios e das desigualdades (...). A actual crise económica, cuja natureza é estrutural, decorre da crise do próprio sistema capitalista (...) uma das mais profundas conhecida pela economia mundial deste sistema nos últimos 50 anos (...). As crises económicas apesar de terem origem nos países capitalistas desenvolvidos, fazem-se sentir com maior profundidade (...) nos países subdesenvolvidos (...).

O endividamento público e privado dos países do Terceiro Mundo, na sua maioria membros dos Não-Alinhados, constitui um dos principais factores que comprometem de forma acentuada os seus programas de desenvolvimento (...). Não resta dúvida de que a interdependência que se gerou entre a dívida e a soberania dos países endividados coloca-nos perante a necessidade de analisar tal situação sem que isto ponha em risco a independência política e económica das nações devedoras (...).

# Pretória tenta salvar a UNITA

Ao invadir novamente o território angolano, o exército sul-africano admitiu pela primeira vez oficialmente que agiu em socorro directo dos bandos da UNITA cercados pelas FAPLA

No dia 17 de Setembro desse ano, a África do Sul anunciou ter invadido novamente Angola, alegando que o seu objectivo era "perseguir" os guerrilheiros da SWAPO que, supostamente, preparariam uma ofensiva contra a Namíbia, incluindo ataques a cidades. As autoridades sul-africanas não deram detalhes sobre a região de Angola onde operariam os homens da SWAPO.

Os órgãos de comunicação ocidentais publicaram a notícia com grande destaque e sem qualquer sentido crítico. Durante as

primeiras vinte e quatro horas, a versão sul-africana impôs-se nas páginas da chamada grande imprensa, disponível para retratar a realidade da África Austral a partir, preferencialmente, dos pontos de vista de Pretória.

## Factos evidentes

Porém, rapidamente, a verdade dos factos sobrepôs-se à propaganda sul-africana. As próprias autoridades racistas tiveram de dar o dito por não dito, desajeitadamente, embora sem perder a arrogância e o despudor.

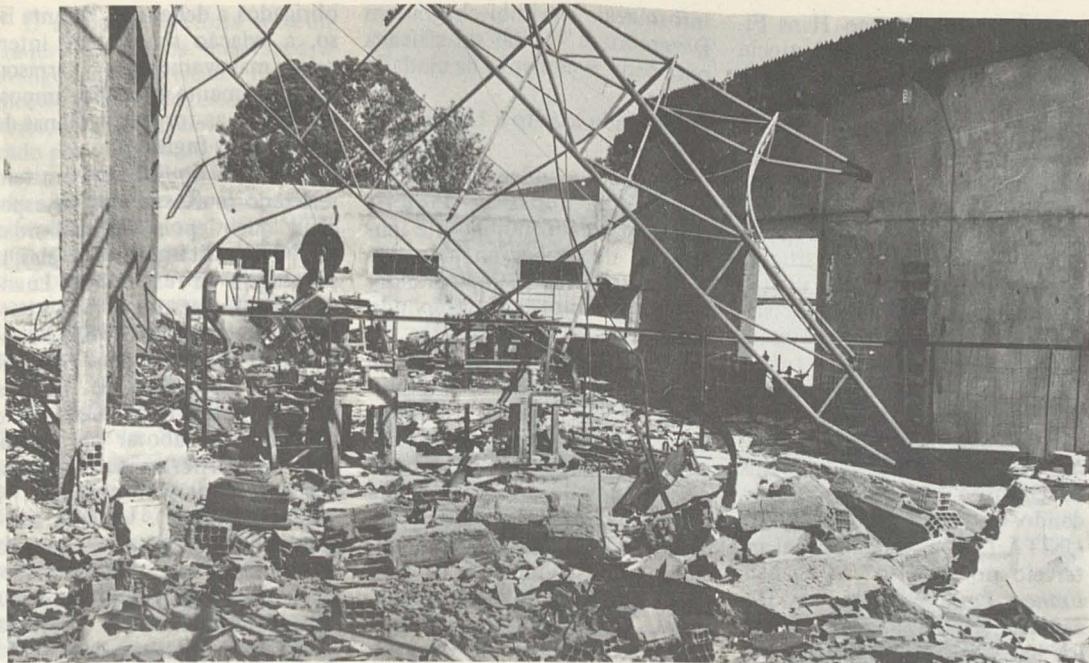
O Ministério angolano da Defesa, menos de vinte e quatro horas depois do anúncio da invasão pela África do Sul, lançou luz sobre o que realmente ocorria no país. Num comunicado publicado em Luanda, as autoridades militares angolanas informaram que as tropas sul-africanas tinham bombardeado, com 18 aviões do tipo *Camberra* e *Mirage*, as unidades das FAPLA que, no âmbito de uma vitoriosa ofensiva contra a UNITA, no sudeste do país, se dirigiam para as localidades de Mavinga e da Jamba, principais redutos dos contra-revolucionários na província do Cuando Cubango (a Jamba, inclusive, é o quartel-general da UNITA). O comunicado informava ainda que o intenso bombardeamento sul-africano, ocorrido a 19 quilómetros de Mavinga, resultou na morte de 6 soldados angolanos e ferimentos em 15 outros.

## Cinco batalhões na fronteira

O Ministério da Defesa de Angola informou também que o "batalhão Buffalo", do exército de Pretória, estava estacionado a escassos 15 quilómetros de Mavinga (765 quilómetros ao norte da fronteira com a Namíbia), pronto para o confronto directo com as unidades angolanas. Carros blindados e viaturas de transporte, canhões e lança-granadas faziam parte do arsenal do referido batalhão. Ao mesmo tempo, e ainda segundo o comunicado do Ministério angolano da Defesa, a África do Sul concentrava 5 batalhões ao longo da fronteira com o território ilegalmente ocupado da Namíbia, enquanto a sua aviação realizava voos de reconhecimento sobre as províncias do Cunene e do Cuando Cubango.

O contacto com as forças terrestres sul-africanas, previsto pelos responsáveis militares angol-





A sabotagem e o terrorismo organizados pela UNITA e África do Sul já custaram 10.000 milhões de dólares a Angola

lanos, aconteceu no dia 19 de Setembro, nos arredores de Mavinga. Utilizando um sistema de artilharia reactiva *Kentron*, canhões de 106 milímetros e morteiros de 120 milímetros, as forças sul-africanas, apoiadas por blindados *AML-60* e *AML-90* e pela aviação, bombardearam as unidades das FAPLA a fim de impedi-las de capturar Mavinga e prosseguir o avanço em direção à Jamba.

Diante destes factos, os observadores, em Luanda, fizeram a seguinte constatação fundamental: tratava-se da primeira vez que a África do Sul realizava operações militares na província do Cuando Cubango. Pretória tinha os seus motivos, portanto, para ocultar da opinião pública o nome da região angolana que tinha sido invadida pelas suas tropas. Com efeito, sabe-se que no Cuando Cubango não existem quaisquer bases da SWAPO, pelo que o pretexto invocado para "justificar" a invasão seria totalmente improcedente.

As denúncias do governo

de Luanda, segundo as quais a invasão levada a cabo pelas tropas de Pretória não visava senão salvar a UNITA de uma derrota iminente, foram corroboradas até por certas fontes sul-africanas. Leon Kok, director do Instituto Sul-Africano para os Assuntos Internacionais, um organismo de pesquisas sediado em Joanesburgo, declarou, um dia depois do início da invasão, que esta tinha como objectivo auxiliar os grupos da UNITA. Conforme ele reconheceu, esta última está em grandes dificuldades perante a ofensiva do exército angolano. As opiniões de Kok foram partilhadas, segundo as agências internacionais, por diplomatas creditados em Pretória.

A evidência dos factos exhibidos por Angola obrigou as autoridades da África do Sul a revelar os verdadeiros propósitos de mais esta invasão. No dia 20 de Setembro, num comunicado oficial, o ministro sul-africano da Defesa, general Magnus Mallan, disse expressamente que o gover-

no de Pretória "continua engajado em fornecer ajuda à UNITA". Fórmula eufemística, mas muito clara, de admitir a veracidade das informações angolanas.

#### Um apoio "tradicional"

No período imediatamente anterior à intervenção sul-africana, concretamente de 20 de Agosto a 10 de Setembro, o exército angolano abateu 1.046 contra-revolucionários da UNITA e aprisionara outros 67, nas províncias do Moxico e do Cuando Cubango. Foram também capturadas 388 armas ligeiras e pesadas, bem como grandes quantidades de munições e documentos. Foram, ainda, recuperadas 178 cabeças de gado e libertadas 376 pessoas, que viviam cativas nas matas.

Estes dados confirmam, igualmente, que a invasão do sudeste angolano pelas tropas de Pretória não foi uma simples coincidência. Aliás, uma outra prova da verdadeira natureza dessa invasão foi a morte em combate

do oficial sul-africano Hans Fidler, em Cazombo, na província do Moxico. Cazombo, há vários meses em poder das forças coligadas da UNITA e da África do Sul, foi recuperada pelo exército angolano em Setembro desse ano.

Não é a primeira vez que o exército sul-africano participa directamente em acções dentro de Angola, a fim de tentar salvar a UNITA. A primeira grande invasão do país pelas tropas de Pretória, em 1975, é um exemplo disso. John Marcum escreveu na revista norte-americana *Foreign Affairs*: "em fins de Outubro (de 1975), respondendo a numerosos pedidos da UNITA (...), a África do Sul interveio no conflito". A agência *France Press* escrevia, em Dezembro de 1975: "nos círculos ligados ao Ministério da Defesa da África do Sul, declarava-se que a "ajuda técnica foi prestada a pedido da UNITA". E o *Sunday Times*, de Joanesburgo, em 8 de Fevereiro de 1976,

informava: "Savimbi chegou em Dezembro à capital sul-africana para pedir o aumento da ajuda".

#### O frustrado assalto a Luena

Depois da independência de Angola, as tropas de Pretória têm participado numa série inumerável de acções ao lado dos grupos da UNITA, enquadrando-os, dirigindo-os ou intervindo simplesmente para livrá-los de apuros. Savimbi, por exemplo, já foi salvo diversas vezes da captura pelos helicópteros sul-africanos. Recentemente, em 1983, aconteceu um exemplo gritante desse tipo de intervenção da África do Sul em Angola, quando a UNITA, numa operação suicida, tentou apoderar-se da capital da província do Moxico, Luena. A 200 quilómetros desta cidade, na localidade de Cangamba, importante nó rodoviário, travou-se uma batalha de grande envergadura, durante a qual foram mortos 2.000 homens da UNITA, tendo os restantes sido

obrigados a debandar. Perante isso, a aviação sul-africana interveio massivamente e arrasou completamente a região, impossibilitando as tropas angolanas de perseguir os fugitivos.

A África do Sul também tem realizado muitas operações especiais, que depois são atribuídas à UNITA. Citamos, entre elas, a sabotagem da refinaria de Lunda (1981), o ataque contra a baragem de Lomaum (1983) e a sabotagem de dois navios com alimentos, no porto de Luanda (1984). Em 21 de Maio deste ano, tentou sabotar as instalações petrolíferas de Cabinda, mas fracassou (ver *cadernos* nº 78, Junho 1985). Um dos integrantes do comando, capitão Winan Du Troit, capturado pelas tropas angolanas, confessou numa conferência de imprensa que, caso a operação tivesse sido bem sucedida, seria deixado no terreno material de propaganda da UNITA, para dar a ideia de que tinha sido ela a realizar a sabotagem.



SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-GUINEENSE, S.A.R.L.

R. Tomás Ribeiro, 50-4º  
1000 LISBOA  
PORTUGAL

Telex: 14238 ACTIME/P  
Telef. 540019 548316 548269

#### IMPORTAÇÃO:

*Amendoim, coconote, cera, couros, borracha, bagaço, etc.*

#### EXPORTAÇÃO:

*Produtos alimentares, têxteis, materiais de construção e bens de equipamento.*

#### ASSISTÊNCIA TÉCNICA:

*Áreas administrativa e financeira*

#### ÁREA GEOGRÁFICA DE ACTUAÇÃO:

*Larga experiência dos mercados africanos e europeus.*

O apoio de Pretória aos contra-revolucionários angolanos abrange, ainda, o treino, financiamento e apoio logístico. Muitas vezes, esse abastecimento é realizado por via área. Aviões sul-africanos, voando de noite e a baixa altitude, para escapar aos radares, abastecem os grupos da UNITA que agem em zonas bem distantes da fronteira com a Namíbia. Recentemente, foram detectados descarregamentos do género nas províncias de Malanje, Bié, Lunda-Sul e Lunda-Norte.

O chefe de Estado angolano, José Eduardo dos Santos, numa entrevista à agência *Prensa Latina*, no dia 21 de Setembro, referiu-se a este carácter complementar das acções sul-africanas e da UNITA. "A táctica do inimigo consistia (até 1983) em combinar as acções da África do Sul nas províncias de Huíla e Cunene com os actos terroristas dos bairros armados no Cuanza Norte, Cuando Cubango, Moxico, Bié, Huambo e Malanje, com o que pretendia criar uma situação que incapacitaria o governo de dirigir o país", afirmou o presidente angolano.

José Eduardo dos Santos revelou, igualmente, que o referido plano, apoiado também pelos EUA, previa a substituição do governo angolano em Dezembro de 1983.

Contudo, a situação inverteu-se com a contra-ofensiva iniciada antes do final de 1983 pelo exército angolano. Este, que até então se preparava, fundamentalmente, para uma guerra convencional com a África do Sul, passou por uma reestruturação, a fim de aperfeiçoar o combate à contra-revolução armada. Desde essa altura, a UNITA tem sofrido revéses cada vez maiores, o que obriga o regime de Pretória a intervir directamente noutras áreas de Angola, como sucedeu em Setembro.

Tudo indica que, como declarou o presidente angolano, essas intervenções não poderão salvar



As tropas sul-africanas sob o comando do general Magnus Malan (em baixo) invadiram agora a região sudeste de Angola

a UNITA. Os contra-revolucionários "são estranhos à vontade do povo angolano", acentuou José Eduardo dos Santos.

#### Guerra civil ou agressão externa?

A invasão de Angola pelo exército sul-africano, iniciada a 17 de Setembro, veio, mais uma vez, dar razão ao ponto de vista angolano de que a UNITA constitui apenas um apêndice da estrutura militar de Pretória e um elemento da sua estratégia agressiva. "O inimigo principal do povo angolano não é a UNITA", diria Pinto João, director do Departamento de Informação e Propaganda do MPLA-Partido do Trabalho, em Luanda. Os responsáveis angolanos sublinham que o que se passa no país actualmente não pode ser confundido com uma hipotética guerra civil. Angola é alvo, como o demonstram os factos, de uma agressão externa, na qual a UNITA joga um papel subsidiário. Sem o apoio directo da África do Sul, ela ver-se-ia condenada a



desaparecer rapidamente.

Esta nova invasão de que Angola foi vítima mereceu a condenação unânime do mundo inteiro, dos EUA à URSS, passando pelos Países Não-Alinhados, a Organização da Unidade Africana, a Comunidade Económica Europeia e o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Mas, as atitudes de Pretória há muito que exigem que se passe da condenação retórica às penalizações concretas, gerais e obrigatórias para toda a comunidade internacional. (João Melo, exclusivo da ANGOP para "cadernos do terceiro mundo")

## África do Sul

# Alfred Nzo: o apartheid ficará ingovernável

Nzo, um dos veteranos da luta contra o *apartheid* e segundo homem em importância na direcção do ANC falou sobre a crise sul-africana, em exclusivo a Carlos Castilho, em Luanda

**A**lfred Nzo, secretário-geral do Congresso Nacional Africano é um veterano da luta contra o racismo. Nascido na região do Cabo, desde a sua juventude que se envolve na luta dos negros contra a discriminação racial. Faz parte da chamada velha guarda do ANC. Depois de Oliver Tambo e Nelson Mandela, Nzo é o mais importante dirigente político na hierarquia do principal movimento anti-apartheid da África do Sul. De estatura baixa, falando pausadamente, Nzo exerce uma liderança incontestável entre os membros mais jovens da sua organização, graças ao seu talento como organizador político.

*Como vê a situação actual na África do Sul?*

— A África do Sul vive desde o ano passado a pior crise da sua história. Uma crise económica agravada pelo aumento da luta das populações discriminadas, e uma crise política expressa na intransigência do regime em abrir mão dos seus privilégios, num momento em que a minoria branca está virtualmente a queimar os seus últimos cartuchos e se mostra incapaz de resolver a crise na qual está mergu-

lhada. Ela já não pode governar como nos velhos tempos. O *apartheid* tentou prolongar a sua sobrevivência através das chamadas reformas constitucionais do ano passado, mas a resposta popular foi de rejeição total, já que as mudanças foram encaradas pela esmagadora maioria da população negra como uma manobra para a discriminar ainda mais e tentar dividir os sectores não brancos da população sul-africana. As reformas introduzidas pelo governo de P. W. Botha tornaram

ainda mais claro para a população do meu país, o carácter ilegítimo do regime imposto pela minoria branca, porque contradiz tudo aquilo que no resto do mundo é considerado um direito inalienável do cidadão, ao negar o voto aos negros sul-africanos.

A crise afectou inclusive importantes sectores da população de origem europeia que passou a ter a sensação de um desastre iminente diante da obstinação de Botha e seus adeptos. Muitos começaram a perder a confiança na habilidade do regime para encontrar uma solução pacífica para esta situação. Alguns passaram a achar que é mais seguro deixar o país, o que provocou um êxodo de muitos brancos. Outros acreditam que é necessário ficar e lutar por uma sociedade melhor. Sector este que participa do movimento democrático do nosso país. São, na sua maioria, jovens, os principais responsáveis pelo crescimento de um sector democrático na comunidade de origem europeia.

Por outro lado, a classe dirigente está hoje totalmente dividida. Um grupo acredita que os

C. Castilho



Nzo: "a África do Sul vive, desde o ano passado, a pior crise da sua história"

seus interesses já não estão garantidos e passam a responsabilizar a continuidade do *apartheid* pelo agravamento da crise. Este sector organizou-se em grupos que passaram a pedir ao governo um diálogo com os líderes autênticos da comunidade negra. Quando esta reivindicação foi apresentada, o Congresso Nacional Africano foi apontado como a organização mais representativa da maioria negra, razão pela qual exigimos a libertação imediata do nosso líder, Nelson Mandela. Este sector da classe dirigente acredita que a intransigência do governo está a criar uma séria ameaça aos seus próprios interesses. Assim, afirmam: nós não podemos continuar neste caminho. Há já algum tempo, que este mesmo sector da classe dirigente se organizou em torno da Fundação Sul-Africana, cujo objectivo, na época da sua criação, era romper o isolamento a que foi submetida a minoria branca pela pressão internacional contra o *apartheid*. Os membros deste grupo encararam as pressões internacionais como uma ameaça à expansão dos seus mercados no exterior. Muitos viajaram para outros países para dizer que o *apartheid* não era tão mau como muitos diziam na Europa e nos Estados Unidos. Agora, esta mesma Fundação Sul-Africana, numa reunião em Março, chegou à conclusão de que a crise é cada vez mais profunda e que o governo demorou demais a promover reformas pouco importantes. Assim, com a intensificação da luta de massas, é inevitável uma intensificação das contradições dentro da classe dirigente. É por isso que o ANC diz que a única alternativa possível para o nosso povo é aumentar a luta contra o *apartheid*.

No que se refere à crise financeira na África do Sul, estamos agora numa situação curiosa. O sistema financeiro in-

ternacional nunca pensou que chegasse um momento em que o próprio governo racista fosse capaz de admitir que não poderia pagar a sua dívida externa. A crise interna foi agravada pela queda catastrófica do *rand*, que provocou não apenas o encerramento temporário dos mercados de câmbio, mas forçou o Banco Central sul-africano a pedir ajuda aos seus aliados. A situação financeira melhorou um pouco em Agosto, mas logo de seguida piorou de novo, porque enquanto o presidente do Banco Central viajava pela Europa e Estados Unidos, os trabalhadores negros na África do Sul, entraram em greve, principalmente no sector das minas de ouro.

Isto alarmou novamente os sócios internacionais do *apartheid* que até agora resistem a todo o tipo de pressões e de sanções contra o regime racista. Mas apesar disso, as sanções têm sido impostas a partir do próprio regime. Os capitais estrangeiros que antes achavam o racismo seguro para os seus investimentos estão agora alarmados e começam a reduzir as suas aplicações na África do Sul branca, o que de uma certa forma já é um tipo de sanção.

Voltando ao terreno político, eu diria que a grande tarefa do nosso povo é a busca da unidade. Uma unidade que já assume formas bastante particulares, como a Frente Democrática Unida (UDF). Esta frente criada há dois anos reuniu, quando da sua fundação, cerca de 500 organizações; agora esse número já é superior a 600, envolvendo cerca de dois milhões de pessoas das mais variadas origens, tendências e estratos sociais. Também a comunidade religiosa dentro do país verificou que o homem não pode apenas rezar mas deve preocupar-se também com a sua realidade material concreta e principalmente com a sua liberdade.

A linha política do ANC sempre foi combinar a ação política de massas com uma efectiva luta armada clandestina. Esta linha foi reafirmada durante a Segunda Conferência Geral do ANC, em Junho, na Zâmbia.

*O ANC decidiu na sua última conferência tornar os bairros negros ingovernáveis. Como pretende o seu movimento atingir especificamente este objectivo?*

— Nós não pretendemos que apenas os bairros negros se tornem ingovernáveis. Queremos que toda a África do Sul se torne ingovernável pela minoria racista. O regime, no seu afã de neutralizar a luta da maioria negra pelo poder, criou estruturas destinadas a dar uma aparência de autogoverno em determinadas áreas. Os Conselho Comunitários criados pelo racismo foram imediatamente identificados pela população dos bairros negros como uma tentativa do *apartheid* de desviar as pessoas da luta por um poder autêntico. Na verdade, esses conselhos não são órgãos de poder popular, mas instrumentos de ampliação da dominação branca. A resistência popular contra os chamados conselhos comunitários fez com que eles desaparecessem praticamente em todo o país.

*O ANC pretende criar as suas próprias organizações comunitárias?*

— Esse é o problema. Nós dizemos à população que no lugar desses conselhos comunitários, as pessoas devem organizar-se de forma a criar as bases de um poder popular autônomo. Estes comités populares obviamente não podem assumir poderes totais nas suas respectivas áreas porque o poder branco ainda é hegemônico na região. Mas estas organizações autônomas devem servir de base à mobilização popular e legitimar as estruturas que forem sendo criadas.



**"A população negra não quer vinganças mesmo após sofrer vários massacres"**

*Que forma específica tomarão essas organizações ou comités?*

— Sempre encorajámos a população a criar todas as formas de estrutura, seja para a autodefesa, seja para a auto-ajuda, nas suas áreas de residência e trabalho. Não existe um modelo pré-determinado.

*Essas organizações serão clandestinas ou de massas?*

— Na sua maioria elas vão adquirir uma dupla forma. Por causa da situação interna do país, devem surgir organizações que actuem à luz do dia para mobilizar as pessoas na luta pelo poder político, ao mesmo tempo que devem ser criadas formas de resistência clandestinas para ajudar a mobilização de massas.

*Existe a possibilidade do governo branco criar uma quarta câmara legislativa para os negros sul-africanos?*

— Essa não é uma exigência

do ANC. Algumas pessoas dizem que se existe uma câmara para os brancos, uma para os indianos e outra para os mulatos, porque não uma para os negros? Eles podem fazer este tipo de reivindicação, mas a nossa exigência é a de uma única câmara onde todos os sectores étnicos tenham direitos iguais. A nossa posição é de que o actual sistema de câmaras deve ser destruído juntamente com a estrutura do *apartheid*. A quarta câmara, como pretendem alguns, não representa a consagração do direito de um homem, um voto, que é a nossa reivindicação fundamental.

**"Não pensamos em vinganças"**

*Fala-se muito na Europa e nos Estados Unidos de que a crise sul-africana caminha para um banho de sangue. Acredita nesta possibilidade?*

— É preciso não esquecer que já existe um banho de sangue na

África do Sul. O sangue tem corrido diariamente nas ruas dos nossos bairros negros. Mas quando os europeus e norte-americanos falam de banho de sangue, eles referem-se ao sangue branco. Na verdade, o que aqui está em jogo é o futuro da luta de massas no meu país. Desde 1955, que o ANC apresentou à África do Sul o seu programa sobre o futuro da nação. Este programa está contido na Carta da Liberdade que procura uma democracia não-racial. Com o passar dos anos, mesmo depois de o ANC ter sido proscrito, um número cada vez maior de pessoas passou a apoiar a Carta da Liberdade, numa atmosfera onde se sucedem os massacres diáários praticados por brancos. Mas apesar de tudo isto, nós continuamos a dizer que não existe qualquer alternativa razoável fora da democracia não-racial, onde os brancos tenham os mesmos direitos dos negros. Nós não defendemos qualquer tipo de vingança ou de exclusão como a que os europeus nos impuseram.

O que realmente está em jogo, quando muitos falam de banho de sangue, são as perspectivas futuras da luta de libertação nacional na África do Sul. Nós do ANC temos especialmente presente a perspectiva de implantação de uma sociedade verdadeiramente democrática. Isto significa que quando a crise actual for resolvida, nós estaremos mais preocupados com o tipo de sociedade que vamos construir, uma sociedade onde não existam as discriminações e a opressão que caracterizam o *apartheid*. Mesmo depois dos vários banhos de sangue já promovidos pelos brancos contra os negros no passado, nós não pensamos em vinganças ou retaliações quando a coluna vertebral do racismo for quebrada. Nós teremos que nos dedicar totalmente a um outro esforço, o da reconstrução nacional.

## As pressões internacionais

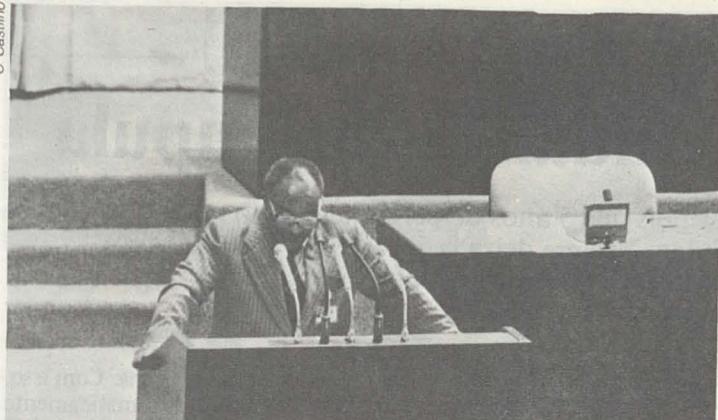
*Que acontecerá nos próximos 12 meses?*

— Não é correcto fazer previsões em termos de prazos sobre o desenrolar de revoluções. Se eu pudesse permitir-me um desejo, gostaria que a nossa libertação acontecesse amanhã. Mas a vida não ocorre como nós desejamos. O desenrolar da nossa luta vai depender da nossa capacidade de estabelecer as condições objectivas e subjectivas para o sucesso da revolução. Se tomarmos por exemplo o caso da FRELIMO em Moçambique, verificamos que em Janeiro de 1974 o movimento fixou uma estratégia de luta que previa uma longa duração da guerra contra o colonialismo português, e meses depois, o salazarismo entrou em colapso. Portanto, repito, é impossível fazer previsões. Mas uma coisa é certa: a situação na África do Sul sofreu uma grande mudança nos últimos meses. As condições objectivas e subjectivas têm mudado muito rapidamente, o que vai acelerar o processo revolucionário no país. A pressão internacional tem aumentado, a luta interna intensifica-se, mas ainda falta fazer muita coisa. Por exemplo, é necessário aumentar as pressões internacionais, dobrando principalmente os países e governos que defendem o chamado "empenhamento construtivo". São estes países e governos que abastecem o apartheid.

*Em Agosto, o regime branco sul-africano foi obrigado a reconhecer que não tinha condições de pagar em dia os seus débitos externos. Isto colocou nas mãos dos banqueiros internacionais uma arma decisiva para forçar o racismo a um recuo. Acredita que os bancos salvarão o racismo, ou é possível os banqueiros tentarem entendimentos com o ANC?*

— É uma questão difícil de ser respondida. Sabemos que

C. Castilho



Alfred Nzo representou o ANC na Conferência dos Não-Alinhados em Luanda

os banqueiros não pensam salvar a vida dos negros sul-africanos perseguidos pelo apartheid. Eles pensam basicamente na segurança dos seus interesses. Se acharem que podem ter prejuízos, talvez abandonem o país. Mas também pode acontecer o contrário, isto é, os bancos podem pedir novas garantias ao governo branco, de maneira a proteger os seus bens e interesses. O Banco Central sul-africano quando foi pedir ajuda aos Estados Unidos e à Grã-Bretanha afirmou que o regime branco não estava à beira do colapso financeiro. O emissor do apartheid disse que não se tratava de uma questão financeira, mas política. Isto significa que no entender dos responsáveis pelo apartheid, o importante, no momento, é garantir a situação política do regime de P.W. Botha. O governo minoritário está hoje directamente empenhado em saber se ainda tem amigos no exterior capazes de o apoiar. Esse apoio é para os racistas, no momento, mais crucial do que a ajuda financeira. Portanto, a razão do problema é toda ela política. Os banqueiros podem ajudar o apartheid se isso for politicamente lucrativo para eles. Assim como podem vir procurar o ANC pelos mesmos motivos.

*Durante a conferência ministerial dos Países Não-Alinhados, em Luanda, foi aprovada uma moção de solidariedade a Nelson Mandela, preso há 22 anos pelo regime racista. O que representa Mandela na luta do ANC?*

— Ele é o símbolo da resistência contra o racismo. A solidariedade para com ele é um estímulo poderoso na luta contra o racismo, porque Mandela é hoje um dos grandes problemas nas mãos do apartheid. Já lhe ofereceram a liberdade em troca de condições, como a renúncia à violência. Mas Mandela recusou, mostrando que está mais preocupado com a luta do povo negro do que com a sua segurança pessoal. A resistência do nosso líder dá força ao movimento. O regime não tem outra alternativa senão libertá-lo incondicionalmente, o que significará uma derrota importantíssima para o racismo. Mantê-lo na prisão, representa um desgaste enorme para o sector mais fascista no governo. Mesmo preso, Mandela tem a iniciativa política, e na verdade pode dizer-se que é ele quem tem o governo como prisioneiro, porque os racistas não têm alternativas. (Carlos Castilho)

## Tanzania

# Mudanças na cúpula

Depois de 25 anos de permanência no poder, Julius Nyerere deixa o governo ao seu substituto eleito, Ali Hassam Mwinyi, um professor universitário de 60 anos

A preparação foi longa e cuidadosa. Praticamente tudo foi feito para que as eleições gerais de 17 de Outubro fossem o menos traumáticas possíveis, já que a Tanzânia trocava de presidente após viver um quarto de século sob a liderança incontestável de Julius Nyerere. Além do novo presidente, os tanzanianos foram chamados a escolher, no mesmo dia, os membros para a Assembleia Nacional. O homem que surgiu como candidato único à sucessão presidencial é Ali Hassam Mwinyi.

Figura relativamente nova na alta liderança do país, Mwinyi foi eleito presidente de Zanzibar no ano passado, após uma mudança política que afastou Abdou Jumbe do mais alto cargo dessa ilha situada ao longo da

costa oriental africana. Com isso, Mwinyi subiu automaticamente à vice-presidência da República Unida da Tanzânia, para depois ser eleito, em Agosto de 1984, também vice-presidente do partido dominante, o *Chama Cha Mapinduzi* (CCM).

Desde que foi nomeado, a 15 de Agosto, pelo CCM como candidato à Presidência da União, Mwinyi recebeu total apoio do partido nos comícios eleitorais organizados em todo o país e dos meios de comunicação controlados pelo Estado.

Quinze dias antes da nomeação de Mwinyi para a sucessão presidencial, o órgão do governo *Sunday News* publicou declarações de Julius Nyerere afirmando que as Forças Armadas da Tanzânia deveriam "respeitar

e apoiar a escolha do partido para as próximas eleições presidenciais". Depois disto, todas as forças armadas, inclusive a polícia e o Departamento de Estabelecimentos Penais, deram um voto de lealdade à Constituição do país e ao próximo presidente.

### A escolha do sucessor

Houve uma certa surpresa na escolha de Mwinyi como sucessor de Nyerere, que decidiu este ano abandonar o cargo após ter governado o país durante 24 anos, desde que a Tanzânia se libertou do domínio britânico. Antes da Conferência Geral do CCM em Dar es Salam, que nomeou o próximo presidente, Nyerere havia declarado existirem, pelo menos, três outros possíveis candidatos à sua sucessão. Não chegou a dar nomes, mas até o homem da rua pôde concluir que se tratava de Salim Ahmed Salim, actual primeiro ministro; Rashidi Kawawa, secretário-geral do partido; e o próprio Mwinyi.

Diz-se extra-oficialmente que Kawawa retirou o seu nome da proposta no decorrer da sessão preparatória do Comité Executivo Nacional realizada no Congresso. Quanto a Salim, apesar da sua popularidade no continente — onde, segundo fontes bem informadas, tem as suas raízes maternas — consta que o seu nome não foi aprovado por uma parte dos seus compatriotas ilhéus que integravam o Comité.

Nas eleições gerais da União, Salim é candidato incontestado à representação do distrito de Mkoani no parlamento. Mkoani fica em Pemba, ilha gémea do antigo Sultanado Árabe sob proteção britânica e que se tornou independente em Janeiro de 1964 após uma sangrenta revolução. Zanzibar integrou-se na Tangânia cerca de quatro meses



Nyerere deixa o governo para tomar conta da reorganização do CCM

depois, para formar a actual República Unida da Tanzânia.

Discursando recentemente em Zanzibar por ocasião de um dos comícios realizados em apoio à sua nomeação (6 de Setembro), Mwinyi desmentiu rumores de que as ilhas estivessem prestes a regressar aos "antigos e duros tempos da divisão". Aparentemente, os boatos tinham surgido depois de o partido ter nomeado Idris Abdul Wakil, presidente da Câmara Legislativa das Ilhas, como candidato único à presidência de Zanzibar. Mwinyi disse que os autores dos boatos eram elementos insatisfeitos que desejavam separar um povo unido. "O objectivo desses elementos é confundir as massas a fim de desintegrá-las", acrescentou ele.

Segundo notícias provenientes da ilha, parece que alguns homens de negócios suspenderam as importações, receosos de que Zanzibar possa vir a viver dias difíceis. Para tranquilizar a população de Zanzibar, Mwinyi declarou que "Wakil é um homem de grande respeito, integridade, impressionante capacidade e um político experiente". Acrescentou ainda que "é um homem que tem amor a Deus, um nosso irmão, incapaz de favorecer um grupo em detrimento de outro. É um verdadeiro homem do povo".

Mwinyi, um pedagogo profissional que se transformou em político após a revolução de 1964, disse que o ónus da liderança nacional cabe a todos os tanzanianos. Se a primeira fase da revolução de Zanzibar foi tão difícil, disse ele, "é porque havia tantos contra-revolucionários".

Ex-professor universitário, Mwinyi serviu no governo revolucionário como principal secretário do Ministério da Educação, antes de ser nomeado ministro no governo da União. Como membro do governo, ocupou como ministro diferentes pastas: Interior, Saúde, Recursos Naturais, Turismo, bem como minis-



A tarefa imediata de Mwinyi será a recuperação da agricultura

tro de Estado no órgão da vice-presidência responsável pelos assuntos ligados à UNIP. Mwinyi foi ainda embaixador da Tanzânia no Cairo.

### O futuro depois de Nyerere

O recenseamento de eleitores para as eleições, programado para durar um mês, teve que ser prorrogado por uma semana e só terminou em 31 de Agosto. O processo arrastou-se lentamente até que expirou o prazo original de 24 de Agosto. Até certo ponto, a nomeação de Mwinyi acelerou o recenseamento mas, quando este terminou, anunciou-se que apenas 80% dos eleitores previstos tinham sido recenseados.

Dizem outras fontes que a meta oficial do recenseamento — mais de nove milhões de eleitores — não foi atingida porque o candidato presidencial não teria agradado a uma grande parte do eleitorado.

O Comité Executivo Nacional do CCM, que, na noite de 12 de Setembro, terminou a sua selecção de candidatos aos 244 lugares no parlamento da União e aos 50 da Câmara Legislativa das

Ilhas, ordenou a todos os líderes do partido e do governo, a todos os níveis, que se empenhassem para que as eleições corrassem normalmente nas suas respectivas localidades.

Daudi Mwakawago, chefe de propaganda política e mobilização de massas do partido, declarou, após a sessão do Comité, que as eleições eram mais importantes que quaisquer outras tarefas em que os líderes partidários regionais estivessem empenhados.

Os novos governantes que passarão a dirigir os destinos de Zanzibar e da União terão diante de si uma tarefa gigantesca: recompor a debilitada economia agrícola do país e reestruturar os ineficientes órgãos de serviço público a fim de torná-los mais responsáveis.

A má política de investimentos adoptada durante muitos anos no sector agrícola não é a única responsável pelos actuais problemas económicos da Tanzânia. Há necessidade de medidas correctoras que criem condições favoráveis ao empresariado público e privado, através de novas estratégias que acelerem o desenvolvimento da maioria rural do país. (Anaclet Rwegayura) •

# O golpe e o FMI

O novo governo do general Babangida, o quinto regime militar desde 1960, enfrenta a tarefa de impor a receita do FMI aos desiludidos nigerianos

**O**s gritos de "viva" que saudaram o golpe contra o governo do general Muhammed Buhari, em Agosto, estão a desaparecer gradualmente e os nigerianos voltam agora a uma atitude de expectativa. Isto porque o golpe não é um acontecimento novo na vida do país, que desde a sua independência, em 1960, teve oito governos diferentes.

Mas apesar da mudança de atitude, não há dúvidas de que o último golpe foi recebido com simpatia pela maioria dos nigerianos que estavam progressivamente a ser empurrados para um novo regime de tipo fascista, estimulado pela cúpula militar de posta. A principal causa da mudança de governo foram os desentendimentos entre os membros do Conselho Militar Supremo (SMC).

O Conselho assumiu o poder em Dezembro de 1983 implantando um regime de responsabilidade colectiva no qual todos os chefes militares ligados ao governo civil do presidente Shehu Shagari foram afastados. A nova liderança militar era formada por oficiais mais jovens que dividiram entre si os postos-chaves e formaram o SMC para governar o país. Mas com o passar do tempo, o general Buhari, comandante-chefe do exército, e o seu principal assessor, o general Tun-de Idiagbon, assumiram poderes cada vez mais amplos enquanto o Conselho perdia o seu peso político.

De acordo com o general Joshua Dogonvaro, porta-voz dos golpistas, num pronunciamento feito na manhã do golpe de Estato, "todos os esforços para

aconselhar a cúpula militar esbarraram numa tenaz resistência, que encarava qualquer sugestão como um desafio à sua autoridade e um acto de deslealdade".

### O autoritarismo

Na sua edição de 1 de Setembro, o jornal dominical *Concord* revelou que o general Ibrahim Babangida, líder do golpe, deveria ser transferido para a reserva em Outubro, quando o país comemora 25 anos de independência. O que era uma manobra do governo agora deposto para tentar neutralizar a principal figura dos grupos que contestavam o poder cada vez mais autoritário do general Buhari.

Além do autoritarismo, os golpistas entraram em choque com o antigo regime por causa das operações de *countertrade* (troca directa) adoptadas pelo antigo regime para contrabalançar a carência de dólares provocada pelo pagamento de juros da dívida externa, a resistência na libertação de políticos e funcionários governamentais do regime civil suspeitos de corrupção, mas que nunca foram formalmente acusados nem tiveram as denúncias comprovadas. Outra acusação do novo governo militar foi que o general Buhari não conseguiu resolver os problemas económicos do país.

No seu pronunciamento à nação, após o golpe, o general Babangida disse que o *countertrade* deu margem a fraudes, especialmente na fixação dos preços e na cobrança dos produtos trocados. A Nigéria depende do petróleo para poder trocar produtos com outros países, na tentativa de contornar o congelamento de créditos no mercado internacional. Mais de 44% dos lucros do país com as exportações estão destinados ao pagamento de juros. Mas apesar das afirmações



O major-general Babangida (à direita), novo presidente da Nigéria após o golpe que derrubou o general Buhari

do novo homem forte nigeriano, não houve um acordo unânime sobre a questão do *countertrade* entre os membros do seu governo.

#### A liberdade de imprensa

Na questão dos presos, Babangida disse no mesmo discurso que iria garantir os direitos humanos, argumentando que a Constituição nigeriana parte do pressuposto de que um homem é inocente até prova em contrário. A promessa foi cumprida já nos primeiros dias do novo governo quando 87 presos sem culpa formada foram libertados, com a advertência de que seriam novamente detidos se as suspeitas fossem comprovadas mais tarde.

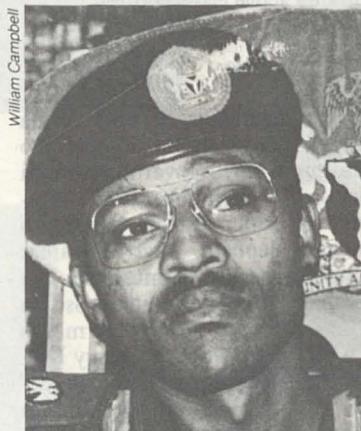
Ainda no que se refere aos direitos humanos, o deposto general Buhari adoptou uma conduta orientada por motivos pessoais na direcção dos negócios de Estado. Ao assumir o poder, disse que iria "interferir na liberdade de imprensa", porque o seu nome foi mencionado no caso do desaparecimento de 2,8 mil milhões de dólares em negócios de petróleo durante o governo civil de Shuhu Shagari. Buhari foi ministro do petróleo no regime militar, até 1979.

O escândalo foi divulgado em 1980, quando surgiram indícios de que os 2,8 mil milhões de dólares foram depositados num banco britânico fora da contabilidade oficial da NNPC, a companhia estatal nigeriana de petróleo, no período em que Buhari era o responsável pela empresa. Ao chegar ao governo o general Buhari publicou um decreto no qual passava a ser considerado crime publicar informações que "não fossem verdadeiras em todos os seus detalhes" ou que provocassem embaraços a membros do governo ou a altos funcionários públicos.

Dois jornalistas nigerianos foram detidos em Julho do ano passado por causa do menciona-



Tropas nigerianas durante a ocupação do Palácio do Governo em Lagos



O ex-presidente Buhari acreditava deter o monopólio das soluções para todos os problemas do país

do decreto, tendo permanecido presos durante mais de um ano. Os dois foram libertados depois do golpe, seguindo as novas promessas de respeito pelos direitos humanos. O presidente Babangida também garantiu que procurará um acordo mais realista para a obtenção de empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI), ao mesmo tempo que prometeu melhorar a situação económica do país.

A euforia pós-golpe já acabou e a Nigéria enfrenta agora os

mesmos problemas que provocaram a desgraça dos dois governos anteriores. O regime do general Buhari chegou a fazer esforços genuínos para melhorar a economia e aumentar a disciplina do serviço público, mas a sua principal falha foi ter acreditado que detinha o monopólio das soluções para todos os problemas. Milhares de pessoas perderam os seus empregos porque as fábricas começaram a fechar por falta de matéria-prima.

O presidente da Câmara do Comércio de Lagos, professor Ayo Ogunshye, afirmou antes da queda de Buhari que era demasiado dedicar 44% das exportações ao pagamento da dívida. Ele garantiu que uma percentagem menor para o pagamento dos juros permitiria uma reserva para a importação de matérias-primas e consequentemente um estímulo à produção capaz de criar novos empregos e melhorar o desempenho económico com reflexos directos nas exportações.

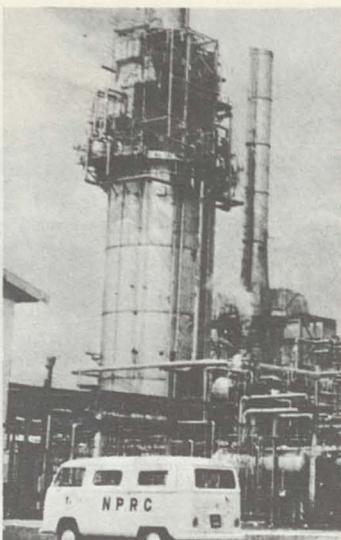
#### Conflito de posições

Até agora a questão das relações com o FMI tem dividido as opiniões entre os nigerianos,

com banqueiros e economistas tomando posições antagónicas. Mas o novo regime militar decidiu abrir o debate antes de tomar uma posição sobre o problema. As posições também estão divididas no que se refere à desvalorização do *naira*, moeda nacional, à liberalização das importações e ao fim dos subsídios ao petróleo. Quanto à desvalorização, os seus opositores alegam que ela provocará uma forte inflação à medida que os débitos externos forem readjustados paralelamente à perda de valor do *naira*. Enquanto isso, os defensores da desvalorização alegam que a medida impedirá o contrabando de divisas e estabilizará a moeda nigeriana que, segundo eles, está supervalorizada.

Quanto à liberalização das importações, alega-se que isso permitirá uma concorrência desleal dos produtos estrangeiros, assim como impedirá o fortalecimento de sectores básicos nacionais, que o governo vinha a estimular graças aos benefícios concedidos aos que usassem matérias-primas não importadas. Os defensores da liberalização afirmam que ela conduzirá a uma reactivação da economia, pois permitirá que vários sectores económicos escapem da faléncia ao poderem contar com matérias-primas para continuar no mercado e criar novos empregos.

Finalmente, quanto à questão dos subsídios ao petróleo, as opiniões dividem-se da seguinte maneira: um lado afirma que como o sistema de transportes do país é ineficiente, as pessoas serão obrigadas a suportar um grande aumento de tarifas, o que logicamente reflectir-se-á nos custos finais das mercadorias e na cesta; os adeptos do fim dos subsídios alegam que ele desestimulará a compra de veículos, descongestionando o tráfego nas cidades e permitindo que o governo possa planificar um sistema de transportes de massas.



A questão dos subsídios ao petróleo é mais um problema que divide a actual classe política nigeriana

#### Continuidade

Os nigerianos de uma forma geral estão a chegar à conclusão de que o novo governo não está inclinado a promover uma ruptura total com o sistema vigente no regime deposto, salvo em áreas onde o conflito de interesses seja radical. Um dos membros do Conselho das Forças Armadas (AFRC), o comodoro Larry Konyan, disse num recente banquete em homenagem ao ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, sir Geoffrey Howe, que o novo governo não seria tolerante com "aqueles que ignoraram as leis do país e aumentaram o sofrimento dos nigerianos".

O novo governo, por exemplo, vai continuar a campanha contra a indisciplina, com especial ênfase na limpeza urbana, patriotismo e contra a sabotagem económica. O problema é que o petróleo é a principal fonte de divisas externas do país, e como os preços internacionais do produto têm caído, as perspectivas não são muito animadoras.

Nos últimos anos, a Nigéria importou grandes quantidades de alimentos, mas agora, estão a ser feitos grandes esforços para aumentar a produção local de comida e aliviar a pauta de importações. Mas o que em última análise pode provocar uma mudança das expectativas dos nigerianos é a melhoraria da situação económica com a redução do desemprego, paralelamente com uma maior oferta de matéria-prima, que ainda é escassa ou, quando disponível, tem preços exorbitantes no mercado interno.

A dívida externa nigeriana está avaliada em 9.000 milhões de dólares, enquanto os débitos internos somam 20.000 milhões. A combinação das duas dívidas criou enormes dificuldades à obtenção de créditos, enquanto os banqueiros internacionais exigem um novo acordo com o FMI para abrir as portas do crédito externo. Inicialmente, o governo anunciou uma remodelação ministerial, o que foi bem aceite pela população, e deu mostras de que usaria critérios práticos para a solução dos problemas herdados pelo general Babangida.

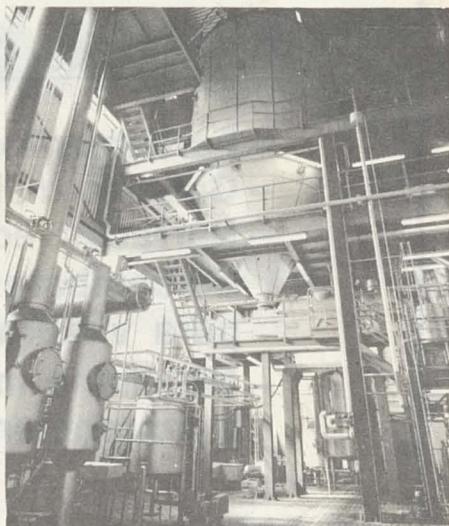
A nova equipa terá que ter sucesso para que o governo mostre as diferenças em relação ao regime deposto, ao mesmo tempo que as autoridades devem manter a liberdade de imprensa como meio de acompanhar a evolução do sentimento popular. Para a esmagadora maioria da população, importa menos quem esteja no poder e mais quem fornece os bens básicos à sobrevivência. Neste sentido, a nova administração parece estar a adoptar as medidas necessárias que lhe garantam um mínimo de apoio popular, frente aos enormes problemas económicos. Mas apesar do crédito inicial de confiança, os desconfiados nigerianos preferem ficar numa atitude de "pagar para ver" os futuros actos dos militares. (Oje Orié) •

# ASP ARSOP

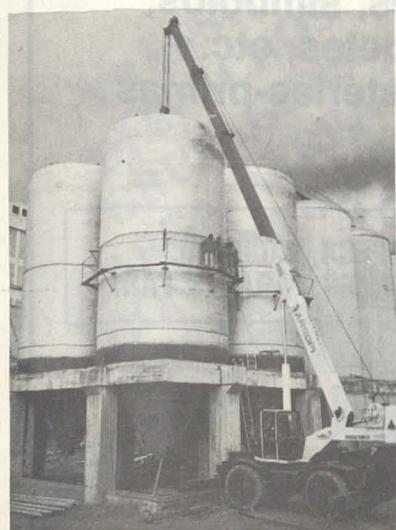
EQUIPAMENTOS EM AÇO INOXIDÁVEL, AÇO CARBONO, ALUMÍNIO, TITANIO, LIGAS DE NÍQUEL E LIGAS DE COBRE  
PARA AS INDÚSTRIAS : ALIMENTAR, BEBIDAS, QUÍMICA E PETROQUÍMICA



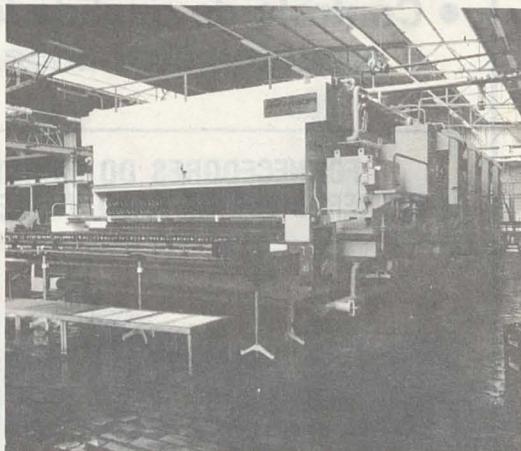
VISTA AÉREA DAS INSTALAÇÕES



CÂMARA DE SECAGEM DE LEITE EM PÓ



FERMENTAÇÃO DE CERVEJA CILINDRO CÔNICAS



MÁQUINAS DE LAVAR GARRAFAS

FUNDIÇÃO EM AÇO INOXIDÁVEL • BOMBAS CENTRÍFUGAS • FUNDOS COPADOS • ACESSÓRIOS

#### SEDE

INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, LDA.  
TELEF. 42511 • TELEX 22568 ARSOP P • APARTADO 10 • 3731 VALE DE CAMBRA CODEX

#### DELEGAÇÃO

AVENIDA ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 25-E  
TELEFS.: 895327-882356 • TELEX 13373 LARSOP P • 1000 LISBOA

**OFICINAS GERAIS DE FARDAMENTO E EQUIPAMENTO**  
**ESTABELECIMENTO FABRIL DO EXÉRCITO**

**FÁBRICAS DE:**

- Fardamentos**
- Calçado militar**
- Barracas, equipamento individual de combate e capotas de lona para viaturas**
- Mobiliário metálico para escritório e aquartelamento**

- Estudo e criação de uniformes, símbolos, emblemas, bandeiras, galhardetes, etc.**
- Controlo de qualidade das matérias-primas e produtos acabados.**

**FORNECEDORES DO MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL  
DA REPÚBLICA DE CABO VERDE, DE UNIFORMES PARA AS FARP**



SEDE – Campo de Sta. Clara – 1100 LISBOA

Telex 4 25 26 OFARDA P – Tels. 86 30 06 - 86 59 50/9

SUCURSAL – Rua da Boavista, 230 – 4000 PORTO

Telex 28 160 FARSUC P – Tels. 022 97 51 - 022 40 54

DELEGAÇÃO – Delegação das OGFE – 2330 ENTRONCAMENTO

Telefone 04 96 61 47



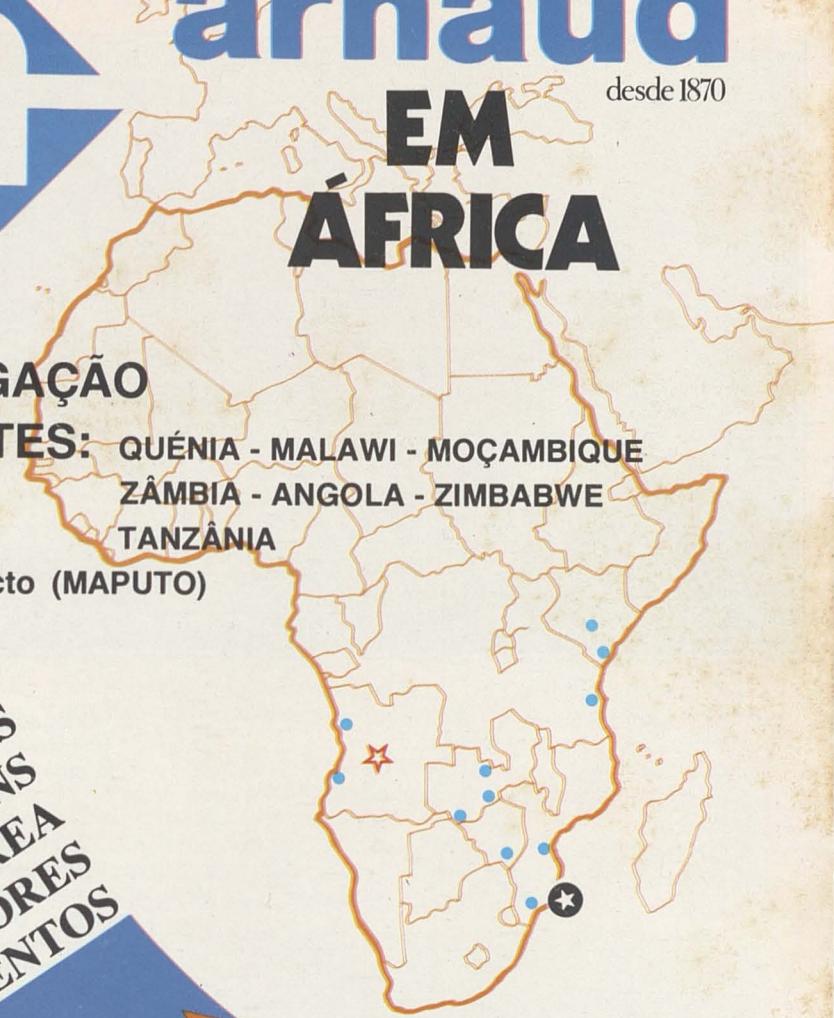
**arnaud**

desde 1870

## EM ÁFRICA

- ★ DELEGAÇÃO
- AGENTES: QUÉNIA - MALAWI - MOÇAMBIQUE  
ZÂMBIA - ANGOLA - ZIMBABWE  
TANZÂNIA
- em projecto (MAPUTO)

TRÂNSITOS  
DESPACHOS  
GRUPAGENS  
CARGA AÉREA  
CONTENTORES  
FRETAMENTOS



# O Rio de Janeiro é muito mais que um cartão postal do Brasil.



O Estado do Rio de Janeiro não é só feito de belezas naturais. É, acima de tudo, uma grande oficina de trabalho. Por isso, somos o segundo pólo de desenvolvimento e o maior centro financeiro do Brasil.

Nossas empresas produzem, em escala de exportação, alimentos e bebidas, peles e manufaturas de couro, papel, produtos químicos, plásticos e têxteis, borracha natural e sintética, aparelhos elétricos, produtos metalúrgicos e muito mais. E, além de concentrar o maior número de empresas de consultoria de engenharia, o Rio de Janeiro tem o principal aeroporto e o segundo maior porto do Brasil.

O BD-Rio, como agência financeira de fomento, tem a função de trabalhar pelo desenvolvimento do Estado. Por isso, o BD-Rio deseja ser o laço entre nossas empresas exportadoras e os importadores em potencial de nossos produtos. Laço que há de unir povos amigos. Use o BD-Rio para fazer contatos com as empresas do Rio de Janeiro. O BD-Rio terá sempre a solução adequada para a sua expectativa.

GOVERNO DO  
ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO  
- BRASIL



**BD-Rio**

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO S.A.

Praia do Flamengo, 200 - 23º, 24º e 25º andares

Rio de Janeiro - Brasil - CEP.22210

Tel.: 205.5152 (PABX) - Telex (021) 22318

Filiado à Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento - ABDE

# As primeiras declarações de Joseph Momoh

O sucessor de Siaka Stevens afirma que tratará de recuperar a economia aumentando a produção.

Quanto à política externa, define-se pelo não-alinhamento

O major-general Joseph Momoh, que concorreu sozinho às recentes eleições para a Presidência da República, é o novo chefe de Estado de Serra Leoa, em substituição de Siaka Stevens. Momoh já havia sido eleito, em Agosto último, secretário-geral do Congresso de Todo o Povo (APC).

Numa entrevista concedida à revista *West Africa*, ainda antes do acto eleitoral, o novo presidente negou que a sua designação para a chefia do Estado pudesse ser considerada como uma tomada do poder por parte dos militares. "Deixe bem claro aos homens sob o meu comando que o novo governo não é dos militares. (...) A Constituição será respeitada", garantiu o general Momoh.

### O barco e o leme

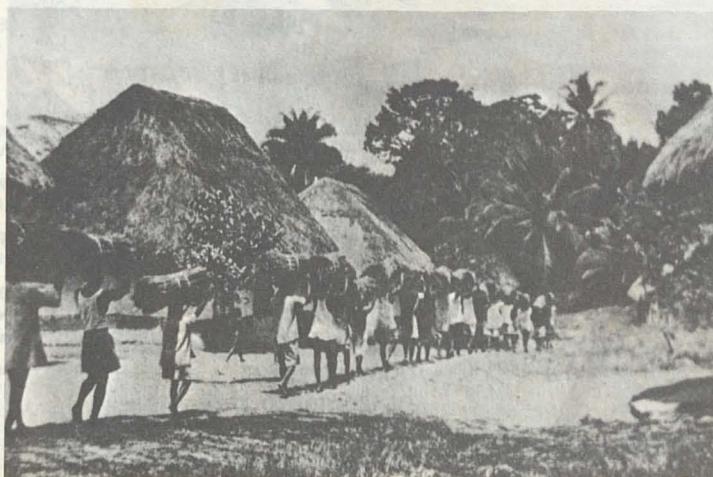
O general Momoh entendeu que o seu papel como presidente "não será muito diferente do de qualquer outro chefe de Estado. Considerando a nação como um barco, alguém deve ficar ao leme para levá-la a bom porto. Mas o meu maior desejo é fazer o melhor possível para a maioria dos cidadãos do meu país".

Com esta perspectiva, Momoh dá algumas definições sobre o que deverá ser a sua política no comando do Estado: em matéria de política externa, adiantou que ela será baseada no "não-alinhamento, na amizade com todos os países e na não-intervenção nos assuntos internos dos outros Estados".

Quanto à sua política no plano interno, reconhece que deverá fazer "esforços desesperados para recuperar a economia. Nesta questão, é mais fácil falar do que fazer, mas nós tentaremos.

A nossa economia é muito dependente das importações, que têm que ser pagas com divisas cada vez mais escassas e, em muitos casos, não disponíveis. Temos que pensar em formas e meios para reduzir, tanto quanto possível, essa dependência, o que significa que devemos aumentar a nossa capacidade produtiva. O nosso país possui terras férteis, mão-de-obra e um clima favorável, para não termos que gastar os nossos escassos recursos comprando arroz que nós mesmos podemos cultivar", acrescentou.

Momoh insistiu em caracterizar como um grave problema a questão da indisciplina social em Serra Leoa. "Antes de mais nada — afirmou — o povo tem que saber quais são as normas e as leis que devem ser obedecidas. Tudo deve estar subordinado ao interesse nacional. Existem aqueles que só estão preocupados com o seu próprio bolso e não se importam com o que ocorre no país. Em primeiro lugar, deve estar a nação; depois os interesses individuais. Vamos impor disciplina, assim como uma mística nacionalista e de preocupação com o país".



"Esforços desesperados para recuperar a economia do país"

**Estamos cá  
como se estivéssemos lá.  
Somos uma ponte segura  
na cooperação recíproca.**



uma Empresa privilegiada na auscultação directa e no diálogo negociador, preparada e experimentada como via das melhores condições de parceria, que decorrem do planeamento de um grande mercado.

# ANGOLA



**uma experiência  
adquirida  
uma confiança  
reforçada  
no domínio de  
acordos e  
operações  
comerciais e  
no fomento de  
cooperação  
técnica com a RPA.**

Consulte:  
**VESPER • Importação e Exportação, Lda.**  
Av. João Crisóstomo, 16, 3.<sup>º</sup>  
1000 LISBOA • Portugal  
telefs. 54 60 00 (8 linhas)  
telex 43688 VESPER P  
43446 VESPER P

Empresa de Capitais mistos  
Luso-Angolana, associada das  
seguintes Unidades Económicas Estatais:

**IMPORTANG U.E.E.**

Central Angolana de Importação

**EXPORTANG U.E.E.**

Central Angolana de Exportação

**ANGODESPACHOS U.E.E.**

Empresa de Despachos Alfandegários  
de Luanda

e da

**COTECO, Sociedade de Cooperação  
Técnica e Comercial, Limitada**

# Maior participação e melhor organização

A segunda edição da Feira Internacional de Luanda deverá registrar progressos sensíveis em relação à precedente

**A** Feira Internacional e Comercial de Luanda (FICOM), edição 1985, a ter lugar nas instalações da ex-FILDA de 8 a 17 de Novembro, vislumbra-se como a melhor, neste seu segundo ano de organização, quer pelo número de países participantes e empresas, quer pelo seu carácter organizativo.

Com efeito, vinte e quatro países convidados confirmaram já a sua participação no certame que, como no ano transacto, agrupará empresas nacionais e estrangeiras, algumas de renome internacional.

É assim que dos países convidados confirmaram a sua participação, até ao momento, a República Popular de Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Zâmbia, Zimbabué, Quénia, República Popular do Congo, Costa do Marfim, Cabo Verde, Marrocos, URSS, Cuba, RDA, Espanha, França, Checoslováquia, Hungria, Jugoslávia, China, República Democrática e Popular da Coreia, Brasil, Roménia, Suécia, Índia e a Organização de Libertação da Palestina.

A estes vinte e quatro países, acrescenta-se, ainda, um grupo de empresas portuguesas que cooperam com a República Popular de Angola, convidadas individualmente, tal como aconteceu na edição de 1984, através da Vesper, empresa mista luso-angolana com sede na capital portuguesa.

Angola, como país organizador, far-se-á representar por mais

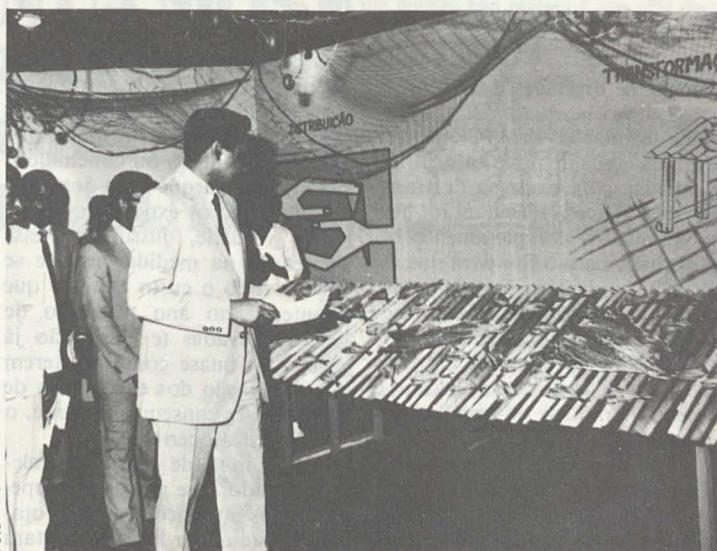
de uma centena de empresas, quase o dobro do número que expôs em 1984. Sabe-se, no entanto, que as empresas nacionais ocuparão uma área coberta e descoberta calculada em sete mil e quatrocentos metros quadrados e as estrangeiras uma de oito mil e quinhentos, aproximadamente.

Dos produtos nacionais a serem expostos, para além do petróleo e seus derivados, as empresas angolanas far-se-ão representar com o apreciado «café Ginga» a madeira ébano (pau-preto), cimento, têxteis, pescados e seus derivados entre outros produtos conhecidos além fronteiras.

### Espanha estreia-se em força

Uma fonte bem informada juntou da direcção da empresa garantiu entretanto que os preços do aluguer dos recintos estão estipulados de acordo com a área desejada. Assim, por cada metro quadrado coberto, as empresas estrangeiras pagarão trinta e cinco dólares e pela descoberta apenas vinte e cinco.

As empresas angolanas cobrirão as despesas em moeda nacional, isto é, dois mil e quinhentos kwanzas e mil e quinhentos, respectivamente, pela ocupação das áreas cobertas e descobertas,



Filda 84: Lopo do Nascimento, ministro do Plano, visita o certame

igualmente por metro quadrado.

Estas importâncias são entretanto consideradas insignificantes se se tiver em conta que muitas feiras internacionais, quer africanas quer em outros continentes, alugam o recinto coberto a cem dólares e o descoberto a cinquenta por metro quadrado.

Entretanto, a SONANGOL terá, no conjunto das empresas nacionais, a maior área de exposição, agrupando, para o efeito, todas as empresas petrolíferas que em partilha com ela operam em território angolano.

Desta feita, a Sociedade Angolana de Combustíveis ocupará uma área de 1350 metros quadrados enquanto que a URSS e a Espanha, os dois países convidados a quem estão reservadas as maiores áreas, poderão expôr os seus produtos em áreas de dois mil e mil trezentos e cinco metros quadrados, respectivamente.

Note-se que este país ibérico com quem a República Popular de Angola mantém um intercâmbio comercial bastante significativo, sobretudo nos ramos das pesca e petróleos, fará a sua estreia neste certame da FICOM que de ano para ano caminha para um dos lugares cimeiros nas organizações continentais congêneres.

#### Parque de diversões e serviços

As instalações da FICOM, que durante cerca de nove anos foram ocupadas pela empresa de transportes públicos (ETP), estão, neste momento, completamente recuperadas para o fim para que estão vocacionadas. É assim que, após a conclusão das obras, tudo indica que as instalações da FICOM poderão situar-se entre as melhores do continente africano e constituir motivo de orgulho dos angolanos.

Neste momento, os trabalhadores da empresa preparam o recinto para que até Outubro esteja tudo operacional e pronto a receber os expositores para a montagem dos respectivos pavilhões.

Algodão angolano e maquinaria europeia: dois vectores conjugados no desenvolvimento do país



Foto ANGOP

No entanto, a Direcção da FICOM mostra-se preocupada pelo facto da empresa de terraplanagem (Mota & Companhia) e a de asfaltagem (Paviterra) ainda não terem dado início ou concluído o arranjo do parque e da área deserta para os expositores.

Na verdade, justifica-se essa apreensão na medida em que se deve a todo o custo evitar o que aconteceu no ano transacto de fortes chuvas (e elas estão já próximas) quase comprometerem a participação dos expositores de tais áreas e, consequentemente, o êxito total do certame.

Como nota de realce assinala-se, contudo, que graças à recuperação das instalações na sua totalidade este ano a FICOM contará com um parque infantil, adaptado com um quiosque que venderá

guloseimas, capaz de albergar várias centenas de crianças que ali encontrarão toda uma gama de diversões.

A isso acrescente-se ainda a construção de um maior número de bares e restaurantes que se espera será suficiente para permitir o atendimento satisfatório do público visitante.

Também as estruturas funcionais — Banco Nacional de Angola (BNA), Lojas Francas, Polícia popular, Informação e as outras necessárias ao bom funcionamento da feira — estão também quase preparadas de modo a contribuir para o êxito que se espera desta próxima edição da FICOM 85. *Pascoal Francisco, ANGOP, especial para cadernos do terceiro mundo.*



# CONTINUAMOS A TRADIÇÃO DE PROJECTAR PARA O FUTURO!



CONSULTORES INTERNACIONAIS EM PROJECTOS DE DESENVOLVIMENTO, SARL

Um projecto bem pensado é uma obra de arte.

Tomemos a Baixa Pombalina, por exemplo. Ainda hoje admiramos o traçado rigoroso, a harmonia das construções, a volumetria exacta.

Como foi possível? Foi-o graças a uma equipa bem formada, constituída por técnicos de grande competência e visão. Que não se limitaram a construir, mas a criar. Para o futuro. A CIPRO - Consultores Internacionais em Projectos de Desenvolvimento, SARL, segue esta mesma filosofia desde a sua fundação em 1972.

Para a implementar, conta com a colaboração de Arquitectos, Engenheiros, Paisagistas, Economistas, Sociólogos e outros especialistas, formando equipas de alto nível de competência.

Os seus clientes, tanto em Portugal como no Estrangeiro, têm deste modo à sua disposição um conjunto completo de meios para o estudo e realização dos seus empreendimentos nos campos do Planeamento Territorial, Arquitectura, Engenharia, Obras Públicas e Edifícios de Equipamento Urbano, Infraestruturas e Planeamento Técnico e Financeiro.

As dezenas de projectos concebidos e realizados pela CIPRO são disso prova inofensável. CIPRO. Continuamos a tradição de projectar para o futuro.

# **GUIA DO TERCEIRO MUNDO**

HISTÓRIA • GEOGRAFIA • ECONOMIA • POLÍTICA

Uma publicação que não vê o mundo  
com olhos dos países ricos



“... este Guia é uma ferramenta de trabalho necessária para todos aqueles que pretendem conhecer as realidades contemporâneas através do prisma do Terceiro Mundo.”

(LE MONDE DIPLOMATIQUE, Agosto de 1985)

*A edição de 1986 será lançada em Novembro.  
Anote na sua agenda*

## América Latina/Uruguai



Bento Basso

A alegria da campanha eleitoral, em Novembro de 1984. Agora, o desafio é governar sem frustrar as expectativas

# “As nossas democracias estão em jogo”

Numa entrevista a *cadernos do terceiro mundo*, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Uruguai defende a necessidade de um acordo político latino-americano para aumentar a capacidade de negociação da dívida externa

**E**conomista conhecido pela sua actuação, durante mais de uma década, à frente da Comissão Económica para a América Latina das Nações Unidas (CEPAL), Enrique Iglesias fala aqui da sua primeira experiência eminentemente política, como ministro dos Negócios Estrangeiros do Uruguai.

“A nova dimensão é que, no governo, vêem-se as reais prioridades com uma visão pragmática e realista. Os temas são os mesmos, os conceitos também, mas as prioridades mudam devido ao predominio das circunstâncias. O que aprendi é que as teorias têm muitas ve-

zes uma visão idealista. Na prática, a realidade adquire uma dimensão diferente e os problemas uma urgência bem maior.

“No caso do Uruguai, temos visto a importância que tem uma acção conjunta. Constatamos que o problema da dívida condiciona o nosso desenvolvimento económico e que a negociação tem que ser acompanhada por uma vigorosa acção interna, onde um acordo entre as diversas forças políticas é fundamental para se atingir o consenso que nos impeça de entrar em lutas redistributivas. O tema da dívida tem, além disso, uma relação directa com a nossa capacidade

de acção interna. É isto que se aprende quando se está no governo”.

### Contadora e Cartagena

Enrique Iglesias foi projectado ao primeiro plano da política latino-americana nos curtos meses que leva de gestão, pela sua actuação como negociador activo em dois temas fundamentais: a paz na América Central e a dívida externa.

Em relação ao primeiro, Uruguai, Argentina, Brasil e Peru acabam de formar uma equipa internacional de apoio ao Grupo de Contadora, com o objectivo

de reactivar os esforços para evitar o conflito na região. Quanto à dívida externa, tema mais ligado à sua formação de economista, Iglesias é, actualmente, secretário do Consenso de Cartagena, um grupo de países latino-americanos que busca negociar com os credores melhores condições para o pagamento da dívida externa.

*Contadora e Cartagena são dois compartimentos estanques ou estão relacionados?*

— “A nossa acção política em Contadora tem aspectos que podem levar-nos a pontos de vista diferentes ou até a confrontos com os grandes actores internacionais em cena no problema centro-americano. E é com esses mesmos actores que temos discutido o problema da dívida. De forma que o clima internacional pode melhorar ou piorar em função do que se discute em Contadora e tudo isso pode afectar, directa ou indirectamente, a nossa capacidade negociadora em outros planos.”

Na segunda quinzena de Agosto, o ministro dos Negócios Estrangeiros uruguai participou num seminário internacional organizado em Montevideu pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais (ILET), de Santiago do Chile, sobre “Cooperação Política Regional para a Democracia”. A dívida externa constituiu o centro das reflexões do seminário e Iglesias, com a autoridade que lhe conferem os seus conhecimentos e a sua experiência negociadora (“bastante frustrante”, como a classificou) com o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e governos do Norte industrializado, assinalou que há uma “grande coincidência”, quanto ao diagnóstico do problema: primeiro, é um tema central para o desenvolvimento da América Latina; segundo, a dívida não pode ser paga, nem está a ser cobrada.

Na sua opinião, o problema



O presidente Julio Sanguinetti

complicou-se a ponto de ficar fora de controlo, devido às altas taxas de juro vigentes nos Estados Unidos, que não mantêm os juros altos para cobrar mais dos países devedores, mas para atrair capitais de que necessitam para cobrir o seu défice comercial.

Além disso, há um consenso, conforme assinalou Iglesias, quanto ao facto de que a “culpa” da dívida não é exclusiva dos devedores. “Os credores são co-responsáveis pela existência do problema.”

*Durante o seminário foi insistentemente assinalado que o tema da dívida é político e não meramente técnico ou financeiro. Como encará-lo então nas negociações com os credores?*

— Temos procurado afinadamente os caminhos para conseguir que a dívida seja tratada no plano político das negociações e não na discussão técnica com os bancos. Até agora, não obtivemos grandes êxitos. Temos apelado para a opinião pública e para os amigos do hemisfério norte. Especialmente para as forças que se mostram receptivas, como as da Comunidade Económica Europeia. E, sobre-

tudo, tentamos convencer os nossos credores, pela via da razão, de que a solução do problema da dívida não beneficia apenas a nós, mas também os países industrializados e o sistema financeiro internacional.

No Norte, a dívida é vista como um problema isolado, que só a nós interessa. Não é fácil mudar isto. Até agora, os países industrializados não conseguiram convencer-se da necessidade de negociar. Mas, eu creio que, por enquanto, a única alternativa é continuarmos a trabalhar juntos. Continuar a apelar para a opinião pública, alertando para os riscos que corremos e procurando mostrar ao Norte o interesse que eles devem ter em discutir connosco este tema a nível político, o que não significa politizar o problema.

Ninguém desconhece a dívida, os compromissos assumidos, a relação bilateral, a relação entre devedor e credor. O que queremos é um factor político adicional, para que o pagamento possa ser feito de forma equitativa, para que possamos promover o desenvolvimento económico de que forçosamente necessitamos para poder sustentar as nossas democracias. É isto que está em questão.

#### Prudência nos prognósticos

O ministro dos Negócios Estrangeiros uruguai não quer ser taxativo num prognóstico sobre o que poderá acontecer se esta mudança não ocorrer por parte dos credores. Do seu ponto de vista, as posições oscilam entre as teses “catastróficas” e as “conformistas”. As primeiras recorrem à História e assinalam que, no passado, as crises da dívida resolveram-se com (ou conduziram a) guerras, invasões, convulsões internas e internacionais. Os optimistas invocam a experiência dos anos 70 e 80, assinalando que o capitalismo inventou mecanismos de supor-

te que foram absorvendo outras crises que pareciam "finais", como a do petróleo, em 1973 e anos seguintes, ou a da inflação com estagnação, em finais da década passada e princípios desta.

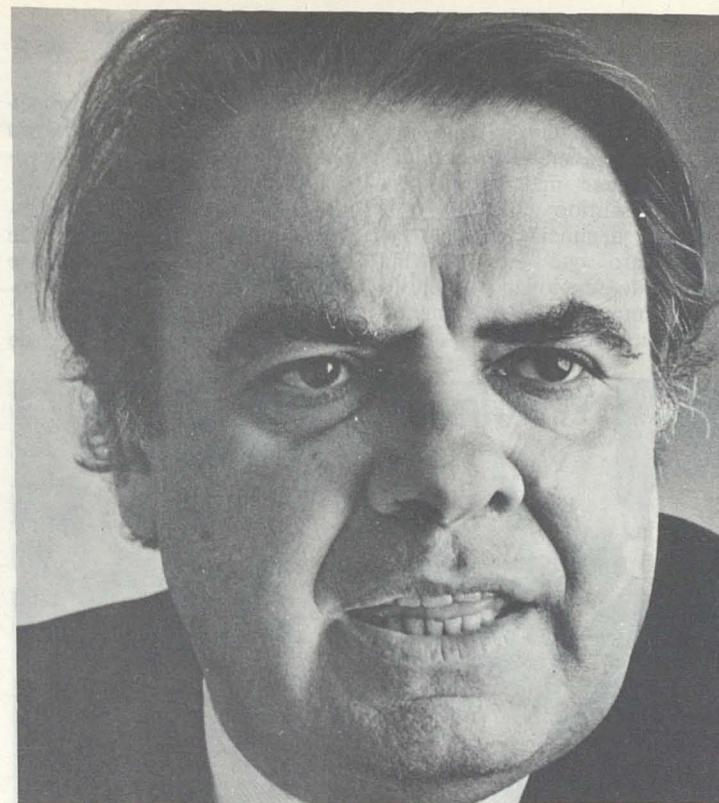
Os conformistas alegam que a crise da dívida não é mundial, nem sequer de todo o Terceiro Mundo. Afecta a América Latina, mas não o Médio Oriente. A África, de certa forma, mas não o Sudeste Asiático. Em suma, concluem que pode surgir um mecanismo novo que permita superar o problema, embora ainda não se saiba qual.

Entre os extremos, assinalou Iglesias, é preciso ser "prudente no prognóstico" sobre como poderá evoluir a dívida no futuro.

Quanto às soluções, o ministro dos Negócios Estrangeiros uruguai alargou-se mais na análise:

"Teoricamente — afirmou — as soluções poderiam ser de ruptura com o sistema ou dentro dele. Uma ruptura, explicou, poderia produzir-se através da moratória ou do repúdio à dívida. A moratória poderia ser declarada unilateralmente, alegando-se, por exemplo, a simples impossibilidade de pagar. O repúdio poderia ser legitimado com argumentos como: a dívida, ou grande parte dela, é ilegítima; foi contraída por regimes ditatoriais; os capitais nunca entraram verdadeiramente no país; houve operações fraudulentas ou, de qualquer forma, o dinheiro que entrou foi amplamente compensado pela fuga ilegal de capitais durante o mesmo período, os quais estão depositados nos bancos credores da dívida, o que não poderia acontecer sem a sua cumplicidade.

Mas esta alternativa, segundo o ministro dos Negócios Estrangeiros uruguai, só é concebível se os grandes devedores (México, Argentina, Brasil e Venezuela) a adoptarem. Os países pequenos não teriam qualquer possibilidade de enfrentar sozinhos



Iglesias: "os países pequenos não teriam nenhuma possibilidade de sobreviver sozinhos às represálias que uma moratória unilateral acarretaria"

as represálias que adviriam de uma moratória unilateral: bloqueio das suas contas externas, paralisação do comércio exterior, etc..

"E os grandes devedores não pensam em rupturas deste tipo, acrescentou Iglesias, não por preconceitos ideológicos, mas, simplesmente, pela avaliação que fazem quanto aos custos e benefícios de uma moratória".

O "salto no vazio", decididamente, não está na agenda. Poder-se-ia chegar ainda a uma ruptura "forçada", a bancarrota pura e simples. "Seria preciso repensar, nesse caso, todo o esquema", assinala o ministro uruguai, esclarecendo que esta última hipótese é mais teórica do que alternativa plausível.

As soluções no interior do sistema são agrupadas por Iglesias em três grandes categorias. A pri-

meira, no esquema actual, que chamou de "duração sem direção". Trata-se, simplesmente, de deixar passar o tempo, renegociando de vez em quando os saldos esperando que algo ocorra: talvez melhorem os preços das matérias-primas, baixem os juros ou os países devedores possam economizar mais. "O problema é que vivemos nesta esperança desde 1982". Em 1984, houve um certo desafogo, porque o défice comercial dos Estados Unidos absorveu os extraordinários excedentes de exportações latino-americanas. Mas, a contrapartida não veio. Os preços continuaram a cair e os juros continuam altos. De modo que os países latino-americanos, segundo Iglesias, "ficam nervosos e estão muito perto de atingir os seus limites de tolerância".

"Nestes últimos três anos, a América Latina transferiu para o exterior um saldo líquido de 50.000 milhões de dólares, numa altura em que a consolidação das democracias reconquistadas requer mais investimentos no sentido do desenvolvimento", denuncia Iglesias. "Parece claro que este esquema não pode funcionar por muito mais tempo. Ou, simplesmente, já não funciona".

### "É necessário um grande realismo"

*Como aumentar essa capacidade negociadora da América Latina, ainda sem uma negociação conjunta?*

— Creio que esse é, fundamentalmente, um problema de unidade política, descobrindo-se que há interesses comuns a todos. E de aplicação de ideias realistas, e não, simplesmente, de

### "Negociar com os bancos ou com os governos?"

— Para nós é muito claro que o tema é político, mas não se pode esquecer que os interlocutores são o FMI e o Banco Mundial, que não estão dispostos a ouvir novas fórmulas.

### A nova divisão internacional do trabalho

"Acontece — acrescenta Iglesias — que a posição convencional dessas instituições não funcionou. Trata-se, então, de voltar às origens: recolocar politicamente o tema".

Para isso, seria preciso estabelecer as seguintes bases: primeiro, não se pode falar apenas da dívida.

"O tema não comove. Quem trabalha com ele são os bancos e as tesourarias, e não os ministérios dos Negócios Estrangeiros. É preciso falar de desenvolvimento, da reintegração da América Latina no mundo. Hoje, os países industrializados negoceiam a nova divisão do trabalho mundial para os próximos 25 ou 50 anos. É preciso defender, então, a inviabilidade da realidade actual. Diante de governos com uma posição responsável, viável no sentido económico, financeiro e jurídico."

Para Enrique Iglesias, "é necessário ter criatividade e audácia, mas sem esquecer que estamos num mundo que vive uma explosão liberal. É necessário reconhecer a nossa força. Reconhecer diferenças entre países. O Norte ainda não está preocupado".

Contudo, o ministro dos Negócios Estrangeiros uruguai reconhece que existem "elementos positivos". "Há uma maior consciencialização no Norte. Há diferenças entre os bancos. O Congresso norte-americano está mais flexível. A dívida concentra-se em grandes bancos. E isto, sim, é político. Por outro lado, o México, com a sua crise reno-



São as classes assalariadas que carregam o ónus mais pesado da crise

A segunda alternativa é a negociação colectiva da dívida, o "clube" ou "sindicato" dos devedores. Parece a opção ideal, mas Iglesias considera inviável, pela mesma razão porque acredita ser inviável uma ruptura com o sistema: os grandes devedores não estão dispostos a isso e preferem negociar em separado, pois a sua própria análise sobre a relação custos/benefícios indica-lhes ser esta a melhor via no momento.

A única opção disponível é, segundo Iglesias, a "negociação bilateral com melhoria das condições gerais". Cada país renegociará a sua dívida com os credores, mas a ação conjunta melhorará o cenário onde os negociadores actuarão.

romantismos retóricos. Temos que ter sentido prático e um grande realismo nas relações internacionais. E certamente, depois, chegar a um acordo de interesses nos foros apropriados.

É preciso começar a fortalecer certas instituições. O SELA (Sistema Económico Latino-American), por exemplo, se falamos do problema económico. O SELA passa por um momento crítico que tem que superar. A América Latina criou o SELA como órgão de negociação económica. É necessário defendê-lo. Temos que estar atentos para que não sejam destruídas as instituições onde investimos esforços e temos confiança.

vada, o Brasil, com o seu novo governo e a Argentina, com uma nova política económica, mudaram. Cartagena fortalece-se."

E insiste: "não sairemos (do atoleiro da dívida) através de soluções técnicas. O problema é político, lento e difícil. O factor opinião pública é fundamental. O Norte não é impenetrável. É necessário abrir brechas para promover uma solução global e não apenas limitada à dívida".

### Sindicato de presidentes?

*Falou-se da necessidade de criar o que o vice-ministro argentino Jorge Sábato chamou com humor de "SIPLADE", ou seja, um "Sindicato de Presidentes Latino-Americanos Democráticos", para poder conduzir essas negociações. O Uruguai apoia esta ideia?*

— Veríamos com simpatia uma organização política desse tipo. De facto, existem contactos, mas seria preciso institucionalizá-los de uma forma muito mais clara. Creio que a OEA exerce um papel, a de ser um fórum para o diálogo com um país (os Estados Unidos) com o qual temos relações muito importantes e permanentes. Mas assim como se criou um SELA para levar avante as relações económicas negociadas entre os parceiros latino-americanos, também se poderia pensar num organismo de consulta política permanente, que desse à região uma maior capacidade de negociação no diálogo internacional. É uma ideia positiva, que vemos com simpatia.

*Em mais de uma oportunidade, o senhor realçou a necessidade de fortalecer as instituições internacionais, contrariando inclusive os que preferem os diálogos informais...*

— Há, neste momento, no mundo uma descrença muito grande quanto ao funcionamento de toda a estrutura institucional que se construiu, paciente-

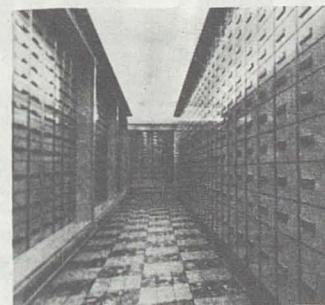


Os grandes bancos internacionais ainda não se sensibilizaram nem se alarmaram com o tema da dívida, facto que eles não consideram um problema político

mente, nos últimos 40 anos (incluindo, entre outros organismos, a própria ONU) e que visava criar uma rede de solidariedade a partir do funcionamento dos mecanismos multilaterais.

Esta estrutura está em crise. Mas, por detrás dessa crise, há certamente factos objectivos. Alguns organismos tornaram-se um tanto obsoletos. O que os levou a perder força, prestígio e eficácia. Mas, creio que há elementos muito mais importantes que têm minado a sua acção.

Certos grupos sociais ou políticos prefeririam simplesmente que estes organismos, que foram a consciência crítica da humanidade, não existissem nem mantivessem a influência que tiveram no passado. Isto é muito grave, porque nos levaria a um mundo onde imperariam os inte-



resses constituídos e a força, e não a razão e os compromissos éticos.

Acredito que a estrutura institucional internacional com todos os seus defeitos, responde aos imperativos éticos das relações entre nações. E isto tem que ser defendido. Muitas vezes, fugimos das instituições, em vez de defendê-las. O que constitui uma má política. (Roberto Re-

# A neutralidade perdida

A crescente militarização e a constante submissão aos interesses de Washington desmentem na prática o apoio de Monge a Contadora



"Contras", cujas bases estão instaladas na Costa Rica, socorrem um ferido em combate

“Temos defendido que todos os assessores militares e de segurança estrangeiros saiam da América Central, qualquer que seja a sua nacionalidade e qualquer que seja o pretexto ideológico para se intrometerem nos assuntos centro-americanos”.

(Luis Alberto Monge, durante

*te a inauguração da Conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Europa Ocidental, América Central e do Grupo de Contadora, em Setembro de 1984, na Costa Rica).*

No decorrer de Maio último, chegaram à Costa Rica 24 asses-

sores militares norte-americanos, procedentes do Comando Sul do exército norte-americano na zona do Canal do Panamá, para ministrar um curso denominado “Contra-insurreição e desenvolvimento” a cerca de 800 membros da Guarda Civil costa-riquenha. Os “boinas verdes”, de acordo com o porta-voz do Pentágono, Fred Laster, treinarão uma “força de reacção rápida” durante um curso básico de três meses, que inclui adestramento militar geral, orientação, patrulha e mobilidade em áreas montanhosas.

O local onde tem sido realizado o treino, a fazenda “El Muriélagos” (O Morcego), expropriad a ao ditador nicaraguense Anastasio Somoza, a 20 quilómetros da fronteira com a Nicarágua, no departamento de Guanacaste, havia sido transformado, anteriormente, numa base militar sob a supervisão de engenheiros militares norte-americanos, que orientavam a construção de acampamentos.

Segundo declarações de funcionários norte-americanos, as “Forças de reacção rápida”, unidades de combate equipadas com metralhadoras M-16, morteiros e armas antitanques, continuariam formalmente a fazer parte dos 9.000 efectivos da Guarda Civil costa-riquenha.

### Preparando o terreno

A criação das “Forças de reacção rápida” coloca um ponto final numa longa história onde a Costa Rica era o único país latino-americano sem exército<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Depois que a Costa Rica desactivou as suas unidades militares em 1949, restaram uma força paramilitar, a Guarda Civil e a Guarda Rural, que totalizam cerca de 13.000 homens.



O povo costa-riquenho saiu às ruas em defesa de uma efectiva neutralidade no conflito centro-americano

Com a vitória da revolução sandinista em 1979 e com a chegada ao poder do presidente norte-americano Ronald Reagan em 1981, a Costa Rica começou a desempenhar um papel determinante na estratégia norte-americana relativamente à Nicarágua. O seu território tornou-se indispensável ao desencadeamento de acções militares contra os principais centros agro-pecuários e industriais nicaraguenses, já que a longa faixa fronteiriça permite a concentração de milhares de homens para submeter a revolução sandinista a uma guerra de desgaste ou para lançar, quando oportuno, uma agressão militar em grande escala.

Possibilitar uma ocupação gradual das forças militares norte-americanas, transformando a Costa Rica num corredor militar para uma possível intervenção dos Estados Unidos na Nicarágua, era uma tarefa difícil para a administração Reagan, devido à declarada neutralidade da Costa Rica. Porém, desde 1982, a imprensa costa-riquenha — vinculada aos interesses norte-ame-

ricanos — bombardeia a população com notícias sobre o "regime totalitário" da Nicarágua, que, com as suas supostas "invasões" à Costa Rica, estaria a ameaçar a segurança e a soberania nacionais.

Da mesma forma, a chegada em Abril de 1983 de 16 oficiais e 188 *marines* norte-americanos em missão de "acção cívica", distribuindo brinquedos, medicamentos e roupas em comunidades de Puerto Limón, ou de pára-quedistas fazendo demonstrações públicas com as bandeiras da Costa Rica e dos Estados Unidos entrelaçadas nos seus pára-quedas tinham como objectivo criar um clima de simpatia pelas forças militares dos Estados Unidos e acostumar a população à sua presença no país.

Funcionários do regime da Costa Rica reconheceram que desde 1982 a administração Reagan tem pressionado o governo para que proporcione treino e equipamento militares às unidades da Guarda Civil. O que já foi aprovado, por exemplo, para a "Unidade Espe-



Monge, presidente da Costa Rica

cial de Intervenção" (UEI), uma força de assalto antiterrorista criada em 1982 com o acompanhamento de oficiais norte-americanos, israelitas e alemães federais. Embora em Dezembro de 1983 já tivessem chegado nove oficiais do exército norte-americano para supervisionar o trabalho dos seus ex-alunos da Escola das Américas, até então a presença dos Estados Unidos

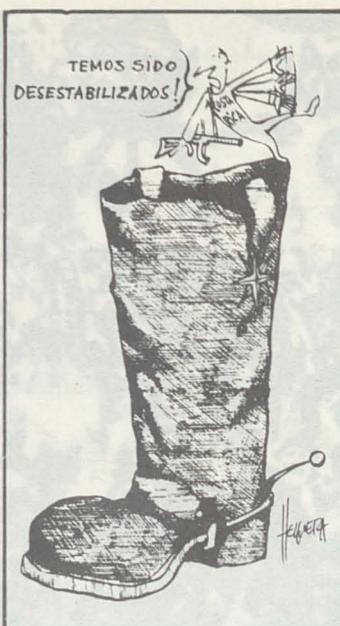
havia-se concentrado, principalmente, no sector do "desenvolvimento infra-estrutural".

Desde o início de 1983, a administração Reagan e organismos financeiros norte-americanos, em especial a Agência para o Desenvolvimento Internacional (AID), mostraram-se extremamente interessadas no "desenvolvimento infra-estrutural" da zona fronteiriça com a Nicarágua. A Costa Rica assinou um convénio com a AID cujo montante de 14,2 milhões de dólares estava destinado ao "desenvolvimento comunitário" dessa região. No entanto, só 10% dos fundos do projecto – executado por engenheiros militares norte-americanos e supervisionado pelo então chefe do Comando Sul dos Estados Unidos, Paul Gorman – foram aplicados para fins comunitários e ecológicos, enquanto que os 90% restantes foram utilizados na construção de estradas (para as mais remotas regiões da fronteira com a Nicarágua), aeroportos e "outros objectivos não incluídos explicitamente". A imprensa costa-riquenha noticiou em finais de 1983 a construção de 37 casernas militares, com capacidade para alojar 2.000 homens, em Los Chiles, Barra del Colorado e Limón<sup>2</sup>.

Em Fevereiro de 1984, o governo costa-riquenho suspendeu as negociações com os Estados Unidos em torno de um projecto que consistia no envio de 1.000 engenheiros militares e pessoal de apoio para a construção de caminhos, pontes e aeroportos num montante de 12 milhões de dólares.

Diante das pressões crescentes da administração Reagan, a Costa Rica declarou em Novembro

<sup>2</sup>A assistência norte-americana à Costa Rica, que era nula em 1980, alcançou 9,2 milhões de dólares em 1984.



de 1983 a sua "neutralidade activa, perpétua e não-armada". Seis meses depois, em Maio de 1984, o jornal norte-americano *Washington Post* publicou um documento secreto do Departamento de Estado norte-americano, segundo o qual o pedido da Costa Rica ao governo Reagan para receber 7,6 milhões de dólares em ajuda militar, adicionais aos 2,5 milhões já recebidos, "oferece a possibilidade de ajudar a pender o fiel da balança a nosso favor no flanco sul da Nicarágua e poderia provocar uma mudança significativa no equilíbrio neutral da Costa Rica, conduzindo o país, mais pública e explicitamente, para o campo do anti-sandinismo, o que poderia render-nos importantes dividendos políticos e diplomáticos". O documento conclui, sublinhando que "a história deve ser a Nicarágua contra a Costa Rica e não a Nicarágua contra opositores armados".

De facto, a partir desse momento, o governo da Costa Rica começou a manifestar uma "significativa mudança no seu equilíbrio neutral".

Ainda em Maio de 1984, o jornal costa-riquenho *La Nación* informou que o Estado-Maior do Comando Sul havia previsto o envio para a Costa Rica de 1.500 soldados norte-americanos estacionados nas Honduras e no Panamá, no caso de uma "intervenção" por parte da Nicarágua.

Três meses depois, chegou ao porto de El Limón o destroyer "USS-King" e o couraçado "Iowa" este último equipado com 32 ogivas nucleares, o que violava não só a declarada neutralidade da Costa Rica, como também o tratado de Tlatelolco, que declara as Caraíbas zona desnuclearizada, tratado assinado por este país centro-americano. Posteriormente, funcionários costa-riquenhos assistiram no "Iowa" a uma manobra militar dentro das suas águas territoriais.

Desde o começo de 1985, a Rádio Costa Rica, totalmente financiada pelos Estados Unidos, com estação retransmissora na fronteira com a Nicarágua, passou a abrir as suas transmissões com um boletim noticioso da "Voz das Américas". No momento, a estação pode ser captada numa área de 930 quilómetros, mas, futuramente, projecta-se convertê-la na mais poderosa da região centro-americana.

Entretanto, o governo de San José cedeu às pressões da administração Reagan no sentido de proporcionar treino à Guarda Civil. Um curso de "luta anti-guerilha", dirigido por assessores militares norte-americanos no CREM das Honduras, foi frequentado por 45 oficiais da Guarda Civil da Costa Rica. Ao mesmo tempo, anunciou-se que seria enviado pessoal para os Estados Unidos e Venezuela para receber treino de "navegação nocturna, luta antiguerilha e mecânica aeronáutica". Além disso, com a entrega de dois helicópteros Hughes 500-E como parte da assistência militar dos Estados Unidos ao governo de Monge, chegaram instrutores nor-



A Rádio Costa Rica, financiada pelos Estados Unidos, iniciou as suas transmissões no início de 1985

te-americanos para treinar pilotos costa-riquenhos.

#### O "balanço" entre a neutralidade e a guerra

A crescente militarização da Costa Rica e a gradual transformação das suas forças de segurança num exército não só provocaram fortes contradições internas<sup>3</sup> como colocaram o governo, apesar de social-democrata, contra as propostas da Internacional Socialista relativamente à Nicarágua e à América Central. E colocaram também em dúvida a sinceridade do apoio da Costa Rica à Acta do Grupo de Contadora, que pede a saída de todos os assessores estrangeiros do istmo centro-americano.

Segundo Monge, na Costa Rica não existe um processo de militarização, mas uma preparação para enfrentar situações urgentes

como a subversão interna (qual?), o terrorismo e a possibilidade de uma agressão externa. O presidente Monge insiste que a presença dos assessores norte-americanos era necessária devido, segundo ele, à existência na América Central de grupos da ETA, da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), de grupos norte-coreanos e das Brigadas Vermelhas da Itália.

A verdade é que já faz tempo que as decisões sobre o futuro da Costa Rica são tomadas em Washington. A crise económica — que se manifesta através de uma dívida externa de 420 milhões de dólares (num país de 2,5 milhões de habitantes) e de uma desvalorização da moeda de 400% — fez o presidente Monge afirmar que a Costa Rica “não é viável economicamente sem a ajuda norte-americana”. Assim, a administração Reagan refinanciou a dívida externa e a Costa Rica, por seu lado, dá luz verde aos projectos da Casa Branca e permite que os grupos contra-revo-

lucionários da Aliança Revolucionária Democrática (ARDE), estacionados na faixa fronteiriça com a Nicarágua, circulem cada vez com mais facilidade.

Finalmente, a emboscada supostamente preparada por membros do Exército Popular Sandinista (EPS) contra uma patrulha costa-riquenha em finais de Maio aconteceu no momento mais indicado. Por um lado, servia para justificar perante a opinião pública nacional e internacional a presença dos Estados Unidos na Costa Rica e, por outro, teria efeitos imediatos no resultado da votação do Congresso norte-americano sobre uma ajuda “logística” de 38 milhões de dólares para a contra-revolução nicaraguense. Cinco organizações da esquerda costa-riquenha, que atribuíram o incidente fronteiriço a “uma armadilha bem preparada” dos anti-sandinistas da ARDE, declararam ser “evidente que os únicos beneficiados eram as forças que pugnam pela militarização do país”. (Sybille Flaschka) ●

<sup>3</sup>Sob a liderança do ex-presidente José Figueres, formou-se em 24 de Maio último o Foro Patriótico pela Paz e a Soberania,

# Luta de massas e guerra urbana

Os últimos meses mostraram uma crescente combatividade dos sindicatos, ao mesmo tempo que a FMLN aumentou a sua operacionalidade nas grandes cidades

Depois de cinco anos de silêncio imposto pelos esquadrões da morte e pelo estado de sítio, o movimento de massas voltou a irromper com força no cenário político salvadorenho, de tal forma que já ocupa de novo a primeira linha na luta contra o regime liderado pelo presidente José Napoleón Duarte.

Embora os primeiros sinais da reactivação das mobilizações dos trabalhadores já tivessem surgido durante o período eleitoral, em Março de 1984, nos últimos meses a onda de greves e protestos

populares alcançou dimensões de desafio declarado.

A evolução do movimento popular significa para Duarte uma constante "dor de cabeça", já que a crise económica e o estado de guerra civil limitam as possibilidades de negociação do governo. De acordo com diferentes fontes, a taxa actual de desemprego oscila entre os 30 e os 48% e, nos últimos três anos, o índice de preços ao consumidor teve um aumento médio de 12%.

A 1 de Maio, por ocasião das comemorações do Dia Interna-

cional dos Trabalhadores, cerca de 15.000 pessoas percorreram as ruas de San Salvador, na que foi considerada "a maior manifestação" realizada nos últimos cinco anos no país. Este acto realizou-se apesar da campanha de intimidação lançada previamente pelos militares.

Pouco depois, eclodiu a greve do Sindicato dos Trabalhadores do Instituto Salvadorenho do Seguro Social (STISSS). O movimento grevista teve o apoio das principais federações operárias e pôs em evidência os limites da chamada "abertura democrática" do regime: a 2 de Junho, o hospital central onde se reuniam os grevistas foi ocupado militarmente e os dirigentes sindicais presos. Mas, apesar do uso da violência, Duarte teve finalmente que ceder a todas as reivindicações dos trabalhadores.

Além disso, há vários meses que o Sindicato da Administração Nacional de Aquedutos e Esgotos (SETANDA) mantém o



O último 1º de Maio foi considerado "a maior manifestação" dos trabalhadores nos últimos cinco anos

governo em xeque. Apesar da ocupação militar das suas instalações, do assassinato de seis sindicalistas e da demissão de outros 49, os trabalhadores continuam as suas actividades reivindicativas.

Outras greves e manifestações foram protagonizadas pelos sindicatos da Administração Nacional de Telecomunicações (ANTEL), do Ministério da Agricultura e Pecuária, do Instituto Salvadorenho de Turismo e da Associação Nacional de Educadores Salvadorenhos (ANDES), entre outros. Numa paralisação a nível nacional, participaram cerca de 22.000 professores e 85% dos funcionários administrativos.

Entre as reivindicações dos sindicalistas, destacam-se os aumentos salariais, um efectivo controlo de preços dos produtos de primeira necessidade, demissão de funcionários incapazes e corruptos, o regresso ao diálogo entre o governo e a guerrilha e a abolição dos decretos antilaborais, assim como o fim da manipulação estatal das organizações operárias e das medidas divisionistas.

### As medidas divisionistas

Um elemento de destaque na mobilização popular é a participação de organizações vinculadas ao situacionista Partido Democrata Cristão (PDC). Esses grupos operários e camponeses, reunidos na Unidade Popular Democrática (UPD), sustentaram uma posição firme em torno das suas reivindicações económicas e da exigência de que o governo retome o diálogo com os rebeldes.

Por causa disso, instituições sindicais norte-americanas intervieram na questão. Segundo o Centro Universitário de Documentação e Informação (CUDI), ligado à universidade jesuíta de San Salvador, a central sindical norte-americana AFL-CIO propôs-se criar uma organização que devolvesse ao movimento



O regime tenta vincular os sindicatos aos movimentos rebeldes

operário "um carácter centrista", com o objectivo de substituir a UPD, porque esta teria "politicizado" as suas actividades e estaria situada "muito à esquerda do PDC".

O CUDI assinala que a luta entre o PDC e a AFL-CIO pelo controlo da base social da UPD começou a manifestar-se em Agosto de 1984, quando os norte-americanos decidiram "financiar e estimular a criação de uma organização sindical alternativa". A nova organização foi fundada em Dezembro, sob o nome de Central dos Trabalhadores Democráticos (CTD).

Um ano depois, o principal efeito foi a divisão das organizações maioritárias que constituíam a UPD. A nova central sindical refere-se à UPD como "oficialista" e apêndice do partido do governo.

Pelo seu lado, a UPD acusou o Instituto Norte-Americano para o Desenvolvimento do Sin-

dicalismo Livre (AIFLD) de ter em El Salvador "agentes corruptos e corruptores" e denunciou que Rafael Castro, o funcionário que administra os fundos locais do instituto, é "um agente da CIA", vinculado à extrema-direita. Ramón Mendoza, secretário-geral da UPD, informou também que havia expulso das suas fileiras Samuel Maldonado — presidente do Instituto Salvadorenho de Transformação Agrária (ISTA) — e outros altos funcionários.

Outra situação que afecta o movimento sindical é a política do regime que visa criar sindicatos paralelos nas instituições estatais que possuem organizações fortes e tradicionalmente de oposição ao governo. Casos desta natureza aconteceram nos sindicatos das Telecomunicações e dos Educadores, ANTEL e ANDES, respectivamente, embora os resultados até ao momento tenham sido mínimos.

Dentro da estratégia para conter a onda de greves e protestos, através de uma intensa campanha propagandística, o governo de Duarte tenta vincular os sindicatos ao movimento rebelde. A luta reivindicativa, segundo os porta-vozes oficiais, é "orquestrada de fora, manipulada e infiltrada pela subversão".

Várias vezes, Duarte previniu os trabalhadores "contra a instrumentalização dos que pretendem desestabilizar o processo democrático com o objectivo de destruí-lo" e disse que a Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional e a Frente Democrática Revolucionária (FMLN-FDR) promovem as greves através de elementos infiltrados nos sindicatos.

Pelo seu lado, o Comité de Imprensa das Forças Armadas (COPREFA), informa com regularidade sobre planos de "reactivação das massas" que a FMLN-FDR tenta fomentar. Os militares apresentam antigos chefes guerrilheiros "arrependidos" em



Segundo um jornal mexicano, em El Salvador "o simples protesto laboral é considerado agora um acto de guerra"

programas de televisão, que denunciam supostas ligações entre o movimento sindical e os rebeldes.

Segundo especialistas da universidade jesuíta, estas respostas ao movimento de massas parecem sugerir que o governo "parte do pressuposto de que qualquer um que tenha uma atitude coincidente com as propostas da FMLN-FDR é, *a priori*, simpatizante ou mesmo um elemento infiltrado pela FMLN e, portanto, a sua posição política é desestabilizadora e subversiva".

Segundo o jornal mexicano *La Jornada*, em El Salvador "o simples protesto laboral é agora um acto de guerra", devido ao interesse do regime em "disputar com a guerrilha o apoio da população civil, na perspectiva de que seguramente o conflito se prolongará".

#### **Desaparecimentos e assassinatos de sindicalistas**

Torna-se difícil determinar o verdadeiro grau de influência dos

58 - terceiro mundo

rebeldes na condução do movimento sindical. Além da repressão estatal — entre 1979 e 1982, foram assassinados, presos ou simplesmente desapareceram cerca de 3.400 sindicalistas segundo dados de organismos humanitários —, a desarticulação das organizações de massas em 1980 deu-se à decisão da FMLN de efectuar um recrutamento em massa a fim de formar rapidamente um exército popular, o que levou à militarização das estruturas. Fontes da FMLN reconheceram que o fracasso da insurreição de Janeiro de 1981 traduziu-se na perda de inúmeros quadros do movimento operário industrial.

Estas fontes informaram que actualmente a agitação laboral concentra-se no sector de serviços estatais ou a eles ligados onde a FMLN deve disputar a direcção não apenas contra os sindicatos democrata-cristãos e pró-norte-americanos como também com as forças de esquerda que se afastaram da FMLN — como a Federação Sindical Revolucionária (FSR) — e com novas correntes independentes.

Para outros a reactivação sindical segue a orientação dos rebeldes, que através dessas acções propõem-se obrigar o governo a continuar o processo de diálogo. "O movimento sindical demonstrou ser capaz de torcer o braço de Duarte", afirmaram.

A verdade é que apesar de todos os esforços para frustrar o crescimento das organizações gremiais e sindicais, o governo democrata-cristão viu-se obrigado a atender reivindicações e a fazer algumas concessões aos sindicatos, com o objectivo de manter uma situação minimamente estável na capital do país e dar cobertura ao seu discurso sobre a chamada "abertura democrática".

De acordo com observadores políticos a tendência do movimento de massas urbano é aumentar a sua importância, independentemente dos interesses do governo e do movimento rebelde, "à medida que as condições de vida dos trabalhadores não só não melhorem, como continuem



Nas fotos  
Os grupos rebeldes têm-se proposto a actuar nas grandes cidades, mas vêm encontrando dificuldades, como a delação

a deteriorar-se, tal como tem acontecido nos últimos anos".

#### Intensifica-se a guerra urbana

Por outro lado, enquanto cresce a militância e a combatividade dos sindicatos, verifica-se também a intensificação da actividade guerrilheira nas zonas urbanas.

Apesar do desenvolvimento de um sofisticado trabalho de segurança e informação por parte do governo de Duarte, as unidades da Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) têm actuado na própria capital salvadorenha.

A operação mais sofisticada, a 19 de Junho último, custou a vida a quatro *marines* norte-americanos quando dez guerrilheiros em uniforme de campanha penetraram numa zona residencial de San Salvador e metralharam as suas vítimas, retirando-se depois sem problemas. Neste atentado, morreram ainda dois assessores de informática norte-americanos, cinco civis salvadorenhos, um guatemalteco e um chileno. O impacto desta operação na opi-

nião pública foi enorme.

Quando no dia 21 do mesmo mês, um comando da FMLN se responsabilizou pela operação, observadores internacionais realçaram ser esta a primeira acção dos rebeldes vitimando civis não-combatentes. A guerrilha explicou através de um comunicado que a operação "consistiu num ataque de extermínio contra assessores militares norte-americanos, agentes da CIA e elementos de outras nacionalidades, vinculados a organismos de segurança ao serviço do imperialismo norte-americano".

O presidente Duarte reagiu dizendo que "o governo não cairá na armadilha preparada pela FMLN através do traiçoeiro assassinato múltiplo e prosseguirá com firmeza no caminho da democratização". Os altos chefes militares afirmaram que a operação é uma prova de que a FMLN "voltará à cidade" e explicaram que isso deve-se ao facto de os rebeldes "estarem derrotados" nas zonas rurais.

Para o presidente Ronald Reagan, a morte dos *marines* serviu para aumentar a ajuda militar a El Salvador e denunciar um

"complot do terrorismo internacional" contra o seu país.

#### Acções de risco

Nos últimos quatro meses a guerrilha realizou pelo menos uma dúzia de acções na capital salvadorenha, entre as quais se destacam as execuções do tenente-coronel Ricardo Arístides Cienfuegos — chefe do Comité de Imprensa das Forças Armadas (COPREFA) —, do general na reforma José Adalberto "El Chele" Medrano, do tenente da força aérea Marvin Noel Díaz Sánchez e do juiz militar Rodolfo Araújo, assim como o atentado contra o major Mariano Turcios. Os rebeldes atacaram também o quartel central da Polícia Nacional e outras instalações governamentais.

Os grupos que estiveram mais em destaque em San Salvador foram os Comandos Mardoqueo Cruz do Partido Revolucionário dos Trabalhadores Centro-Americanos (PRTC) — que se responsabilizaram pela morte dos *marines* —, a Brigada Rafael Arce Zablah do Exército Revolucionário do Povo (ERP) e a Frente Clara Elizabeth Ramírez uma cisão da FMLN.

Os esforços da guerrilha para se infiltrar nas grandes cidades controladas pelo regime sofreram porém sérios revéses nos últimos meses. Por esta razão, o atentado contra os norte-americanos apanhou de surpresa os militares, já que estes pensavam haver neutralizado as principais unidades de comandos urbanos rebeldes.

#### "Deserção" e denúncias

A captura da comandante Nidia Díaz e, sobretudo, a "deserção" do comandante Napoleón Romero García, em Abril último, resultaram na obtenção por parte das forças armadas de informações estratégicas e táticas muito importantes sobre os planos e a estrutura da FMLN.



Duarte com Shultz (atrás): os Estados Unidos estimulam a criação de "uma organização sindical alternativa"

Romero García pertencia às Forças Populares de Libertação (FPL), organização onde ocupava o cargo de coordenador executivo da Comissão Política. O ex-guerrilheiro — agora colaboracionista entusiasta do regime — tinha acesso praticamente a todas as informações da sua organização e aos planos gerais da FMLN.

De acordo com fontes vinculadas aos rebeldes, Romero García era o encarregado de transmitir as orientações aos estados-maiores das frentes de guerra da organização e era ainda um dos principais integrantes da Comissão Político-Militar Metropolitana, da qual, além das FPL, participavam a Resistência Nacional (RN) e o Partido Comunista Salvadorenho (PCS).

Semanas antes da sua captura, Romero García havia participado na reunião anual do Comité Central das FPL, onde foram estabelecidos acordos estratégicos a todos os níveis. Toda esta informação está agora nas mãos dos serviços de segurança e informação militar do regime.

**EBO** A versão assinala que o ex-comandante entregou algumas estruturas urbanas das três organi-

zações que faziam parte da Comissão Político-Militar Metropolitana. A traição de Romero García foi atribuída pela guerrilha ao facto de ele não ter resistido às torturas infligidas pelos seus captores. Mas, numa conferência de imprensa, o ex-guerrilheiro disse que desertou porque estava "far- to de violência".

Outras fontes próximas à família do desertor disseram que Romero foi alvo de chantagem por parte dos militares que em troca lhe entregaram a sua companheira, Claudina Calderón, uma militante que figurava desde o ano anterior como "desaparecida". Esta versão não pôde ser confirmada.

Romero García apresenta-se duas vezes por semana na televisão salvadorenha, em programas onde informa sobre os métodos de funcionamento da guerrilha e as táticas para se infiltrar nas organizações de massas, através de um discurso que visa desacreditar a luta armada.

Uma semana após a traição do ex-comandante, uma esquadrilha de helicópteros atacou a retaguarda rebelde nas montanhas de San Pedro, no departamento de San Vicente, tendo

sido capturada a comandante Nidia Díaz que havia participado do primeiro encontro entre o governo e a guerrilha, em Outubro de 1984.

Ferida durante o combate Nidia Díaz, enquanto era atendida no Hospital Militar de San Salvador, apressou-se a dizer a um grupo de jornalistas que conseguiram chegar ao seu quarto que os documentos que trazia consigo tinham caído nas mãos do exército.

#### "Altamente suspeito"

Embora Guillermo Ungo, presidente da Frente Democrática Revolucionária (FDR), tenha afirmado que "parece altamente suspeito" que a comandante tivesse consigo "um arquivo ambulante durante uma ação de combate", o bispo auxiliar de San Salvador, monsenhor Gregorio Rosa Chávez, confirmou que a dirigente lhe disse que no dia da sua prisão estava "a transferir" uma parte do arquivo da FMLN para uma zona segura.

Uma semana depois, o exército governamental conseguiu nova vitória ao capturar o dirigente máximo da Frente Clara Eliza-

beth Ramírez, assim como o chefe de comandos e vários militantes desse grupo. Segundo algumas fontes, a delação de Romero García estaria directamente relacionada com estas detenções.

Observadores locais consideram que os avanços do regime no combate à guerrilha urbana têm como ponto de partida a reestruturação dos três corpos de segurança (Polícia Nacional, Guarda Nacional e Polícia Fiscal) sob a direcção do coronel Reynaldo López Nuila, actual subsecretário de Segurança Pública.

### Controlo centralizado

Esta subsecretaria foi criada com o regresso de Duarte à presidência, em Junho de 1984, a fim de coordenar, profissionalizar e depurar os corpos de segurança. Isto implicava também submeter os chamados esquadrões da morte a um controlo centralizado e "racionalizado".

López Nuila já se havia destacado como director da Polícia Nacional ao criar o Centro de Análise e Informação (CAIN), um organismo especializado em espionagem que contou com instrutores israelitas, argentinos e guatemaltecos, de acordo com denúncias dos rebeldes.

Dentro dos novos planos do regime, o trabalho de segurança e informação deve fazer parte de uma estratégia global de contra-insurreição, que visa o controlo político da população, combater e isolar a FMLN e dar uma imagem positiva da instituição militar. Nestes planos, o Partido Democrata Cristão (PDC) é sem dúvida o instrumento político principal, já que a extrema-direita enfraqueceu-se e fragmentou-se depois da sua derrota nas últimas eleições.

Entre as táticas para conseguir o controlo político da população urbana e enfrentar o crescente e poderoso movimento de massas, o regime utiliza a cria-



Os militares infiltram agentes nos sindicatos a fim de neutralizar as suas lideranças

ção de sindicatos paralelos, a filiação forçada dos funcionários públicos no PDC, a formação das chamadas Brigadas Juvenis Patrióticas e uma permanente guerra psicológica através dos meios de comunicação.

As brigadas constituem uma experiência nova no país, pois têm como objectivo a organização de jovens que vivem nas maiores concentrações populacionais da periferia de San Salvador (Soyapango, Cuscatancingo, Ciudad Delgado, entre outras), cujas idades oscilam entre os 12 e os 16 anos. Este projecto é realizado sob a orientação do Departamento D-5 da Polícia Fiscal. Trata-se, como definiu um oficial do governo, de "ganhar as novas gerações" aos rebeldes.

No que diz respeito ao trabalho de segurança e informação dirigido para combater e isolar a FMLN, os militares dão prioridade à infiltração de agentes nos sindicatos e movimentos populares com a finalidade de detectar as lideranças rebeldes. O que é completado com uma política de respeito à vida de alguns prisioneiros e da utilização das divergências internas entre os grupos guerrilheiros. O objectivo final é, de acordo com

os porta-vozes militares, "desmoralizar" a guerrilha.

### Gesto de boa-vontade

Um caso que mostra a nova linha de relações públicas das forças armadas é a captura, a 14 de Junho, do jornalista Francisco Javier Campos, acusado de colaborar com a Frente Clara Elizabeth Ramírez, o qual foi entregue cinco dias depois pela Polícia Fiscal à Associação de Jornalistas de El Salvador (APES), como "um gesto de boa-vontade para com a imprensa". Um ano atrás, Campos teria simplesmente desaparecido.

Apesar destas variantes, a morte dos *marines* lembrou à cúpula militar de que nem a guerrilha se desmoralizou, nem a guerra diminuiu, tendo apenas mudado de forma. Tal como assinalava na sua homilia de 23 de Junho monsenhor Arturo Rivero y Damas arcebispo de San Salvador, embora o atentado rebelde que vitimou civis seja "condenável", igualmente o são os bombardeamentos da aviação governamental contra a população civil indefesa e as operações de "terra arrasada" do exército. (H. C. M.)

# INFORMAÇÃO COM MUITO CARINHO

*Quem faz da imagem e dos sons um instrumento para a promoção do desenvolvimento, da educação, do progresso, da paz, da Justiça, e do bem estar social, sabe que carinho é fundamental para se atingir qualidade, beleza e eficiência.*



**KANEMO PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO, LDA.  
TRABALHO COM MUITO CARINHO!**

Filmes, audio-visuais, reportagens, fotografia  
e trabalhos de produção

Av. Patrice Lumumba, n.º 577 — Maputo — Moçambique  
Tel. 28615-22413 — Cx. Postal 4645

KAV



Torna-se cada vez mais urgente uma resolução para Timor Leste

## A falta de consenso

As resoluções da Cimeira dos Não-Alinhados ficaram aquém daquilo que se esperava, relativamente ao conflito vivido em Timor Leste

**A**Cimeira dos Países Não-Alinhados, recentemente realizada em Luanda, acabou por não corresponder às expectativas criadas em torno do problema de Timor Leste. A falta de consenso, condição indispensável para a introdução de novas questões na resolução final, impediu que nela figurasse qualquer referência sobre a urgente necessidade de solução do conflito.

Angola, país anfitrião, e ao qual coube, de acordo com o regulamento, elaborar o projecto da declaração final, introduziu no texto os seguintes três parágrafos:

"Os ministros manifestam preocupação pela situação preva-

lente em Timor Leste revelando a necessidade urgente de se encontrar uma solução pacífica para o problema através do diálogo.

"Desenvolver esforços no sentido de se encontrar uma solução global duradoura e estável para Timor Leste, no âmbito da Resolução 37/30 da Assembleia Geral da ONU de 1982, bem como de todas as resoluções pertinentes.

"Nesse sentido registaram como passo positivo o início do diálogo instaurado entre Portugal e a Indonésia sob a mediação do secretário-geral da ONU, não ignorando a necessidade de participação de representantes do povo de Timor Leste neste pro-

cesso com vistas a salvaguardar o interesse de todas as partes directamente envolvidas no conflito".

A proposta angolana foi particularmente apoiada pelos cinco países de expressão oficial portuguesa e pelo Vietname, entre outros. Durante as quatro horas e meia em que a discussão se centrou exclusivamente na questão de Timor Leste, a Indonésia procurou a todo o custo defender a não inclusão de qualquer referência sobre o conflito, argumentando que desde a Cimeira de Nova Deli nada constava sobre esta questão. Fortemente apoiada pela Índia, Jugoslávia e países árabes, a Indonésia que

tudo havia feito em vésperas da Cimeira para que a questão de Timor Leste não fosse sequer tocada ao longo das discussões, acabou por conseguir fazer vingar a sua posição. A Jugoslávia resumiria, aliás, esta ideia, afirmando que, "não se deve desenterrar o que está morto", ao que o Vietname responderia que "não pode morrer perante o Movimento dos Não-Alinhados uma questão que os agride. Trata-se de verdadeiro colonialismo e o resto é ilusão".

Depois de ter sido formado um comité expressamente para discutir a questão, composto por Angola, na qualidade de presidente da Cimeira, Argélia, Índia, como presidente do Movimento até ao próximo ano, Cuba e Indonésia, na qualidade de convidados, ficou decidido que a inclusão de qualquer referência a Timor Leste será apreciada em Harare, no Zimbabwe, no próximo ano, pelos próprios chefes de Estado.

#### FRETILIN descontente

"A FRETILIN não ficou contente, mas pensamos que um caso como o de Timor Leste, de tamanha gravidade, ao não produzir uma situação de consenso é não só uma violação dos próprios princípios norteadores do Movimento, como traduz o estado de fragilidade em que este se encontra", afirmou a *cadernos* Abílio Araújo, membro do Comité Central da FRETILIN. Depois de repudiar a posição da Jugoslávia que "no terreno amigo de Angola afirma peremptoriamente que Timor Leste é parte da Indonésia", Abílio Araújo acrescentaria que "no conjunto saudamos as resoluções que saíram da Cimeira. Consideramo-las uma vitória para os povos da África Austral e regozijamo-nos pelo facto de Angola ter saído altamente prestigiada, o que para o povo de Timor Leste também



Abílio Araújo: "no conjunto saudamos as resoluções que saíram da Cimeira"

constitui uma vitória. Para nós teria, contudo, sido importante que na resolução final fosse resposta a fórmula da Cimeira de Havana, relativamente a Timor Leste".

No entanto, apesar de os resultados da Cimeira não corresponderem plenamente ao que dela pretendia a FRETILIN, o balanço que esta organização faz é de que a Indonésia também não atingiu os seus dois objectivos principais: a indigitação para a presidência do movimento durante os próximos anos, "porque ela fez saber que estava disposta e por essa razão realizou a Conferência de Bandung no princípio deste ano" e, por outro lado, não conseguiu impedir o debate em torno da questão de Timor Leste. "A Indonésia, diz-nos Abílio Araújo, queria demonstrar que o caso de Timor Leste é inexistente, mas a verdade é que a Cimeira gastou mais de quatro horas só para o debater e 38 delegações intervieram na discussão, o que comprova tratar-se de um caso que preocupa os fiéis seguidores dos princípios dos Não-Alinhados".

#### A posição australiana

Entretanto, não se afigura casual a altura escolhida pelo primeiro-ministro australiano, Bob Hawke, para afirmar aos microfones de uma estação de rádio indonésia, que o governo de Djacarta é soberano sobre o território de Timor Leste. Segundo Abílio Araújo, semelhantes declarações poderão acarretar graves custos internos para o actual governo australiano, principalmente quando foram os próprios trabalhistas que, em 1979, criticaram duramente o então líder do governo liberal, Malcolm Fraser, pelo reconhecimento da soberania indonésia sobre Timor Leste. A posição australiana tem-se caracterizado por uma ambiguidade constante. Os partidos políticos, quando na oposição, contestam o apoio que, na prática, a Austrália dá a Suharto. No entanto, quando atingem a governação, alteram o seu posicionamento.

A recente tomada de posição pública do primeiro-ministro australiano não foi uma mera declaração ocasional, na opinião da FRETILIN. De facto, a sê-lo, tal corresponderia a uma enorme falta de tacto por parte do governo, já que esta é uma das piores alturas no contexto interno. Acontece que, de facto, os custos internos ter-se-ão apresentado a Bob Hawke de somenos, perante o que jogava a nível internacional. Para a FRETILIN três razões que se prendem todas elas com a política externa, terão estado na origem de tais declarações. A primeira tem precisamente a ver com a Cimeira dos Não-Alinhados e pretendia dar força à Indonésia, no sentido de o regime de Djacarta surgir reforçado em Luanda. A segunda prende-se com o interesse australiano em apressar o governo de Suharto a negociar as fronteiras marítimas do mar de Timor, onde existe petróleo. A terceira,

deve-se às pressões de que o governo australiano tem sido alvo por parte de Djacarta, no sentido de proibir no seu território a Rádio FRETILIN, arma importan- tíssima no desenrolar da luta de resistência desenvolvida pelas FALINTIL, as forças armadas do movimento nacionalista.

#### A estratégia norte-americana no sudeste asiático

Considerada a maior potência econômica do sudeste asiático, a Indonésia goza de certa imunidade no contexto mundial. Zona particularmente rica do globo em matéria-prima variada, da qual se destacam o petróleo, a borracha, açúcar, arroz e café, o sudeste asiático é ainda uma região privilegiada para a colocação dos produtos já transformados. Por outro lado, a Bacia do Pacífico oferece ainda uma óptima posição geo-estratégica de que os Estados Unidos não pretendem abrir mão. Apoiando entusiasticamente a Indonésia desde o golpe militar que na década de 60 depôs Sukarno, os Estados Unidos prosseguem a sua política procurando por todos os meios ao seu alcance preservar os seus domínios naquela região do globo. Suharto serve-lhes incondicionalmente, e uma habilidosa política externa por ele desenvolvida, tem-lhe permitido receber apoios de países que outras condições não se verificaram.

Constatando a realidade de uma vitória vietnamita na região e a consequente libertação do Kampuchea e do Laos, Suharto procura agora manter uma política de boa-vizinhança com estes países, por um lado, e evitar a todo o custo, por outro, que novos países se libertem do domínio indonésio e norte-americano.

A libertação de Timor Leste acarretaria, deste modo, graves perigos para o posicionamento norte-americano na zona. Primei-



Destacamento das FALINTIL em operações (em cima). Suharto (à esq.): todas as "ofensivas finais" indonésias fracassaram até agora



ro porque o exemplo de mais um país livre, mesmo ao lado da ditadura de Suharto, onde a miséria da população e as revoltas pontuais vão estalando, poderia, em termos internos, dar "maus exemplos" aos indonésios. Em segundo lugar, porque o petróleo do mar de Timor e as riquezas minerais da ilha, interessam à Indonésia, no sentido de assim aumentar o seu poderio econômico. Finalmente, porque o Estreito de Ombai-Weter situado ao norte de Timor Leste, constitui uma importante via para a

passagem de submarinos nucleares norte-americanos que a perdem este percurso, teriam que contornar a Austrália, o que os faria perder nove dias e poria em causa o domínio estratégico-militar norte-americano na zona.

Este conjunto de questões acrescido dos interesses comerciais e de bom relacionamento de uma série de países, tem condicionado, como já acima foi referido, um apoio coerente por parte de muitos países, ao povo de Timor Leste. A ambiguidade de posições de que a recente Ci-



O posto médico possível na República Democrática de Timor Leste

...a debater a questão de Timor Leste, que é o problema da soberania, da independência, da autodeterminação, que é o direito do povo de Timor Leste de decidir o seu destino, de decidir o seu futuro, pelos próprios chefes.

#### FRETILIN descontente

A FRETILIN não é tento, mas sentimos que se como o de Timor Leste mantém gravidade, as nô

**Jaime Gama:** o porta-voz das contradições da política portuguesa em relação a Timor Leste

meira dos Não-Alinhados foi exemplo, torna-se assim mais compreensível. Por isso também, e apesar de ter relações comerciais com a Indonésia, se torna importante a posição de defesa da causa maubere por parte do Vietname (ver entrevista com o ministro dos Negócios Estrangeiros vietnamita, *cadernos* nº 81, Setembro 1985).

#### As contradições da política portuguesa

Dez dias depois de concluir a Cimeira dos Não-Alinhados,



Perez de Cuellar, secretário-geral da ONU, revelava, num relatório sobre a questão de Timor Leste, que Portugal e a Indonésia realizaram já pelo menos seis sessões de conversações sobre a questão. Segundo o relatório, esses encontros permitiram a ambos os países abordarem pontos, como o repatriamento de antigos funcionários portugueses e famílias e a salvaguarda de liberdade de culto, proteção do património cultural e defesa dos direitos humanos do povo de Timor Leste. O relatório, apresentado durante a abertura da 40ª sessão

da Assembleia Geral das Nações Unidas, refere ainda que os representantes de Portugal e da Indonésia se encontraram pela última vez entre 19 e 22, do passado mês de Agosto.

Entretanto, e ainda durante a Cimeira de Luanda, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Mochtar Kusumamadja, afirmou que "nem nós nem o governo português admitimos alguma vez a participação da FRETILIN nas negociações", acrescentando que "a autodeterminação de Timor Leste está automaticamente feita connosco, com a Indonésia". Estas afirmações não foram alvo de qualquer desmentido por parte de Lisboa.

O ministro dos Negócios Estrangeiros português, Jaime Gama, afirmou em Luanda, onde participou na Cimeira como convidado, que a autodeterminação de Timor Leste é a única solução para o problema e pediu, em carta enviada aos Cinco, que discutissem esta questão; porém, o não reconhecimento público da FRETILIN como legítimo representante do povo maubere por parte de Lisboa, junto com as declarações não desmentidas de Kusumamadja, parecem indicar que o governo português não pretende reconhecer, de facto, a FRETILIN. Nas declarações de Gama não fica claro que tipo de autodeterminação preconiza o governo português. Por outro lado, as questões acordadas com a Indonésia, remetem, de certo modo, para um reconhecimento da integração de Timor Leste neste país.

A ambiguidade que tem pautado a política de diversos países em relação a Timor Leste atinge particularmente Portugal. Com a agravante de que este último, como ex-potência colonial, tem mais responsabilidades e é, na área diplomática, uma das forças a quem se exige, necessariamente, maior clareza de posições. (Guilherme Belo Marques) ●

# A ONU chega à idade da razão

Ao completar quatro decénios de existência, a Organização das Nações Unidas ainda tem muitos desafios pela frente

**A** Organização das Nações Unidas (ONU) completa no dia 24 de Outubro 40 anos de existência. São quatro decénios de múltipla e relevante actuação no cenário mundial, no qual o chamado sistema das Nações Unidas — integrado por seis órgãos principais, 17 suborganizações e as entidades operacionais criadas pela Assembleia Geral — desempenha um papel de primeira importância.

Nascida dos escombros da Segunda Guerra Mundial com o objectivo declarado de impedir a eclosão de uma terceira, a ONU cumpriu essa missão principal, com a convivência, é claro, das superpotências, ou, mais precisamente, com a contribuição do equilíbrio mantido entre os seus potenciais de destruição nuclear, sem o qual, provavelmente, não estaríamos aqui para registar a efemeride.

### A luta pela paz

O que a ONU não conseguiu foi evitar a irrupção de dezenas de guerras e conflitos regionais e circunstanciais, argumento frequentemente apresentado pelos que procuram minimizar a sua importância ou mesmo invalidar a sua existência. Esses críticos — visíveis, salvo honrosas exceções, nos extremos do espectro político, entre os extremistas de diferentes calibres e tendências

— fingem ignorar o papel decisivo que a organização desempenhou na mediação de inúmeros conflitos e crises, como em Berlim, em 1949; na Coreia, em 1953; no Canal do Suez, em 1956; no Líbano, em 1958; no Congo, em 1960; na questão dos mísseis nucleares em Cuba e no

Yémen, em 1962; no Chipre, em 1964; na guerra entre a Índia e o Paquistão, em 1965; no Bahrein, em 1971; na guerra do Médio Oriente, em 1973; novamente no Chipre, em 1974; e no Líbano, em 1978.

É óbvio que a ONU não solucionou todos estes casos. Para isso, ela carece de poder, pois não se trata de um governo supranacional, capaz de impor decisões às partes em conflito. A ONU reflecte — como, isso sim, uma espécie de parlamento mundial — o conjunto de posições dos países que a integram. Os seus êxitos e fracassos têm que ser creditados ou debitados a toda a comunidade internacional. Se esta se recusasse, por exemplo, a apoiar as operações de socorro em grande escala que a ONU



Evitar uma nova guerra à escala mundial tem sido o objectivo principal da ONU desde a sua fundação em 1945

empreende, actualmente, em África, a organização nada poderia fazer.

A ONU é a expressão quase exacta dos 159 países que a compõem, mais do triplo dos 51 que a fundaram em 1945. Quase exacta, porque cinco dos membros fundadores (Estados Unidos, União Soviética, França, China e Grã-Bretanha) têm lugar permanente no Conselho Mundial de Segurança, onde dispõem de um segundo privilégio: o direito de voto. Mas, até mesmo quanto a esta questão, a culpa não pode ser simplesmente imputada à ONU, sem que se investigue o que os demais países-membros fizeram para pôr fim a tais privilégios.

A ONU não resolveu todos os problemas que lhe foram encaminhados, da mesma forma que governo algum solucionou a totalidade dos que lhe foram apresentados à escala nacional. Mas, ela tem contribuído, ao longo destas quatro décadas, para minorá-los — como presentemente, no caso da fome que assola uma vasta região da África — e, em muitos casos, para encaminhar soluções, como ocorreu diante do colonialismo com que se deparou ao ser fundada.

### Descolonização

Nos finais da década de 30, havia cerca de 40 países independentes. De 1946 a 1960, os 51 que fundaram a ONU receberam em Nova Iorque, onde está sediada a organização, os representantes de 28 Estados que se tornaram soberanos. Mas foi a partir de 1960, quando a Assembleia Geral (em que o voto das Seychelles vale tanto quanto o dos Estados Unidos) aprovou a declaração sobre a concessão de independência aos países e povos coloniais, que o processo de descolonização se acelerou. Desde então, o número de países independentes elevou-se a mais de 170, e o colonialismo, cujo fim o

documento considerava urgentemente necessário, encontrava-se praticamente limitado à África Austral, a algumas possessões nas Caraíbas e a algumas ilhas no Pacífico. Uma dimensão bem menor, sem dúvida, do que tinha há 40 anos, quando a ONU foi fundada.

### Surgem novos protagonistas

Este processo de descolonização, além de representar a concretização de um dos objectivos principais da Carta das Nações Unidas — o direito à livre determinação dos povos —, veio alterar a composição da maioria na Assembleia Geral, formada durante a década de 50, no auge da guerra fria, por países da América e da Europa Ocidental.

Países latino-americanos que haviam alcançado a independência política formal nas primeiras décadas do século passado começaram a perceber que os seus problemas pouco diferiam dos que chegaram à ONU com os novos Estados soberanos da África e da Ásia. E o reconhecimento dessa identidade provocou aos poucos o aparecimento de uma "terceira força" entre os blocos liderados pelos Estados Unidos e pela União Soviética. Foi assim que surgiram os conceitos de Terceiro Mundo, de não-alinhamento e de subdesenvolvimento.

Quando esses países do Terceiro Mundo se reuniram pela primeira vez, em 1964, para debater e elaborar uma declaração sobre os problemas comuns de subdesenvolvimento económico, já eram 77. E passaram a ser conhecidos como o Grupo dos 77, embora já sejam, actualmente, cerca de 130. Eles tiveram influência determinante na criação, também em 1964, da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), que declarou logo de início que o comércio é "o instrumento principal do desenvolvimento". Desde então,

a luta pelo desenvolvimento económico e social, contra a fome e a miséria, progrediu e tornou-se muito mais consciente, o que acarretaria o nascimento de novos objectivos e conceitos. Desde 1974 que esses países se batem por uma Nova Ordem Económica Internacional.

### Consciência e maturidade

Mas, há muitos outros problemas de que o mundo tomou consciência através da ONU. Antes dela, não se encontra qualquer referência, por exemplo, ao problema da poluição e da necessidade de preservação do meio ambiente. Já em 1949, ela promoveu a realização de uma conferência científica sobre a conservação e a utilização dos recursos, na qual participaram especialistas de 50 países.

Outra questão para a qual a ONU abriu os olhos do mundo foi a dos direitos da mulher. Também aí, a Organização das Nações Unidas não conseguiu remover todos os obstáculos à concretização, na prática, da igualdade entre os sexos. Mas são inegáveis os avanços obtidos, especialmente a partir de 1975, quando a I Conferência Mundial do Ano Internacional da Mulher resolveu que o período 1976-85 seria o Decénio das Nações Unidas para a Mulher (ver *cadernos do terceiro mundo* nº 79, Julho 1985).

Este artigo ocuparia muitas páginas se quiséssemos mencionar todas as principais realizações da ONU através das suas representações especializadas no amparo à infância (UNICEF), na ajuda aos refugiados da Palestina (OOPS) e de outras regiões (ACNUR), na solução dos problemas agrícolas e alimentares (FAO, CMA e PMA), na promoção do desenvolvimento (UNCTAD, PNUD e ONUDI), no fomento da educação, ciência e cultura (UNESCO, UNI-TAR, UNU e INSTRAW), da

saúde (OMS) e da justiça nas relações de trabalho (OIT), etc..

É bem verdade que o custo, por exemplo, de todos os programas da OMS (Organização Mundial de Saúde) — que tem, entre os seus méritos, o de haver erradicado a varíola do mundo, numa campanha internacional encerrada em 1980 — equivale, aproximadamente, ao que o mundo gasta em armamento em apenas três horas. Mas não é a ONU que gasta pouco em saúde; o mundo é que continua a gastar demais em armamento, apesar da ONU e de todo o seu empenho no desarmamento.

E a questão pode ser analisada também de outro ponto de vista: será que não devemos creditar em grande parte à ONU e à habilidade dos seus cinco secretários-gerais — Trygve Lie (1946/53), Dag Hammarskjöld (1953/61), U Thant (1961/71),



Através da OMS, a ONU tem desenvolvido um trabalho notável no campo da saúde

Kurt Waldheim (1972/81) e Javier Pérez de Cuéllar (desde 1982) — a não eclosão de uma terceira grande guerra num mundo que nunca, em toda a sua história, esteve tão preparado para a destruição à escala planetária?

Quarenta anos depois da fundação da Organização das Nações Unidas, o mundo ainda está

longe dos ideais que inspiraram os seus criadores. Mas é bem difícil contestar o argumento de que o mundo seria ainda mais imaturo<sup>1</sup> e estaria bem pior sem a ONU. (Artur José Poerner) •

<sup>1</sup> Só há pouco ele se tornou suficientemente maturo, por exemplo, para aprovar uma convenção internacional contra a tortura.

## MONTAGEM COMPLETA DE FÁBRICAS PARA CALÇADO



PLANIFICAÇÃO  
DE INSTALAÇÕES

FORNECIMENTO  
DE MATERIAIS-PRIMAS  
E EQUIPAMENTOS

LANÇAMENTO  
DE PRODUÇÃO

TECNOLOGIAS AVANÇADAS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
PERMANENTE

**Comércio Internacional, Lda.**



RUA DOS ARNEIROS, 96-1.º DIR. — 1500 LISBOA

Telefone 708139/709220

Telex 42039 ZIMA P

Director Comercial: ANACLETO MARQUES.

Produtos - EQUIPAMENTOS E MATERIAIS-PRIMAS PARA A INDÚSTRIA DE CALÇADO

# ABRAÇO A MOÇAMBIQUE

O Povo Português está a corresponder!

## AGORA É A VEZ DAS EMPRESAS



# ABRAÇO A MOÇAMBIQUE

"Dos que têm pouco aos que ainda têm menos..." O Povo Português entendeu a mensagem. E tem sido FRATERNO e SOLIDÁRIO com o sacrificado povo de Moçambique.

ABRAÇO A MOÇAMBIQUE tem sido um êxito!

Mas há necessidades urgentes que se fazem sentir. Necessidades que são um desafio a algumas EMPRESAS: Medicamentos; material de penso; produtos de higiene e limpeza; lençóis; toalhas — tecido turco; batas; vestuário.

#### DONATIVOS:

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA — Telef. 327673  
Juntas de Freguesia  
Misericórdias Concelhias

#### DONATIVOS EM DINHEIRO:

Caixa Geral de Depósitos e Estações dos Correios  
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa  
Banco Nacional Ultramarino  
Banco Português do Atlântico  
Banco Pinto & Sotto Mayor

Conta n.º 594748-3  
Conta n.º 29600  
Conta n.º 80000  
Conta n.º 809  
Conta n.º 98800

Banco Totta & Açores  
Banco Fonsecas & Burnay  
Banco Borges & Irmão  
União de Bancos Portugueses  
Crédito Predial Português

Conta n.º 133115  
Conta n.º 2644444  
Conta n.º 7333030  
Conta n.º 411913  
Conta n.º 7051160

# Um método revolucionário de combate à mortalidade infantil

Com uma inovação baseada em antigas tradições, dois médicos colombianos têm conseguido salvar a grande maioria dos bebés prematuros

O método não poderia ser mais simples, um verdadeiro "ovo de Colombo": em vez de colocar os recém-nascidos com peso deficiente — em geral, prematuros — em dispensiosas incubadoras e de alimentá-los através de sondas gástricas, o grupo de pediatras dirigidos pelos drs. Edgar Rey e Héctor Martínez abriga-os junto aos seios das mães, onde encontrarão o calor e o alimento de que necessitam.

Os resultados do método empregue no Hospital San Juan de Dios, em Bogotá, podem ser qualificados de espectaculares: das crianças ali nascidas com peso entre 500 e 2.000 gramas — que antes morriam quase todas —, sobrevivem agora cerca de 95%. Recém-nascidos com peso entre 500 e 1.000 gramas, onde o índice de mortalidade era de 100%, os médicos colombianos têm conseguido salvar 75%.

### Revolução social

A repercussão do sucesso dos pediatras colombianos já transpõe as fronteiras do país e chegou ao Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), cujo parecer foi categórico: não se

trata de uma revolução médica, mas de uma revolução social.

De Setembro de 1979 a Setembro de 1981, os médicos do Hospital San Juan de Dios — os únicos no mundo a praticarem de maneira sistemática e em larga escala este método não-convençional — salvaram 507 das 539 crianças nascidas com peso entre 500 e 2.000 gramas. Sobreviveram ainda 13 das 18 crianças nascidas com peso entre 500 e 1.000 gramas.

O dr. Rey está cada vez mais animado: "dando prosseguimento à nossa técnica e aperfeiçoando-a ao longo dos últimos 32 meses, obtivemos um sucesso ainda maior e temos cuidado de um número substancialmente mais elevado de crianças".

O hospital de Bogotá recebeu recentemente a visita da actriz norueguesa Liv Ullman, que, como "Embaixatriz da Boa-Vontade" da UNICEF, foi constatar *in loco* o êxito pediátrico. A actriz, que também é mãe, ficou muito comovida ao ver um recém-nascido com peso inferior a um quilo. É ela quem conta: "estiquei cuidadosamente um dedo para tocar o pequenino bebé e repentinamente uma enrugada mãozinha precipitou-se e agarrou o meu dedo com uma força inacreditável. O médico riu e disse: 'não existem muitos lugares no mundo onde você possa ver uma criança tão pequena fora de uma incubadora. Que milagre ver e sentir a vida palpitar com tanta vitalidade num ser tão diminuto. E sem que tenha sido necessário recorrer a qualquer tecnologia dispensiosa'".



Segundo a UNICEF o método dos pediatras colombianos constitui uma revolução social



"A experiência de Bogotá é relevante para o mundo em desenvolvimento"

### Tratamento "Canguru"

"Quando o bebé é amamentado — assinala o dr. Rey — recebe protecção imunológica da mãe, através do leite. Isto elimina os perigos de infecção aos quais a criança fica exposta quando é retirada repentinamente do ambiente protector da incubadora e colocada nas dependências — em geral, pouco higiénicas — de uma residência pobre. Além disso, numa incubadora, a criança fica muito quieta, não sendo estimulada. Não existem vozes, sons, contactos — apenas o vidro. E sabemos o quanto são vitais estes primeiros momentos após o parto para estabelecer um relacionamento normal entre a criança e a mãe".

Pode afirmar-se que o que o dr. Rey fez foi procurar uma solução terceiro-mundista para a questão, afastando-se das normas vigentes nos países que se encontram na vanguarda da medicina moderna. "Desde o início, insistimos para que a criança fosse amamentada pela mãe ou por outras mães que, na mesma enfermaria, estivessem amamentando. O resultado imediato foi a queda na incidência

de infecções gastro-intestinais, bem como das taxas de morte e enfermidades entre essas crianças. Em seguida, permitiu-se às mães o acesso às incubadoras ou berços, a fim de amamentarem as crianças sempre que o desejasse; e os resultados foram ainda mais encorajadores".

Segundo o médico colombiano, "uma das maiores debilidades das crianças prematuras é a dificuldade de manter estável a temperatura do corpo". Para superar esta dificuldade, ele e a sua equipa passaram "a encarar a mãe como a melhor incubadora: comparando o recém-nascido a um filhote de canguru, que depende da bolsa materna, aconselhamos as mães a colocarem os filhos directamente sobre os seios, de forma a aquecê-los. Encorajamos as mães a amamentá-los à vontade, proporcionando-lhes afeição, e a estimulá-los através do canto, das suas conversas e até mesmo do pulsar dos seus corações".

Logo que os médicos estejam seguros de que a mãe e a criança estão em condições de superar por si a situação, o que acontece num período de dois a 12 dias, é-lhes dado alta. Crianças que

nascem com peso igual ou superior a 1.700 gramas deixam em geral a maternidade em 48 horas; aquelas com peso muito reduzido podem permanecer até 12 dias.

O dr. Rey esclarece: "antes de dar alta, explicamos, clara e cuidadosamente, às mães a importância da amamentação e do controlo de temperatura. Realçamos o facto de que a mãe pode passar à criança o calor do seu próprio corpo, conservando-a, constantemente, junto aos seios. As mães passam a vir às consultas semanais, mas com rigorosas instruções de trazerem as crianças assim que percebam qualquer mudança no seu estado geral de saúde".

### O estímulo do aconchego

Um outro resultado deste "Tratamento Racional da Criança Prematura" — como é oficialmente denominado — é a acentuada redução no número de recém-nascidos com peso deficiente abandonados na maternidade, que chegavam a 34 por ano. Agora, não chegam a 10. Para o dr. Martínez, a explicação é óbvia: as mães tinham ficado separadas dos filhos por um período demasiado longo, isolados numa incubadora, para que entre eles se estabelecesse qualquer laço emocional. Conforme ele acentua: "o contacto visual e táctil, estabelecido desde cedo, cria fortes laços entre mãe e filho".

Outros resultados positivos: uma queda substancial — de 300 para 30 garrafas mensais — no consumo de leite para mamadeiras, bem como no uso de antibióticos, do número de transfusões e testes de laboratório. Além disso, o método reduz a necessidade de incubadora, cujos preços oscilam entre 2 e 12.000 dólares, e de outros equipamentos dispendiosos.

O programa Rey-Martínez já obteve a aprovação da UNICEF,



"Quando o bebé é amamentado, recebe a protecção imunológica da mãe"

organismo sempre à procura de métodos de baixo custo para diminuir a mortalidade infantil. Segundo salientou aquela instituição da ONU, "abreviando-se o período de internamento de bebés prematuros sadios nos hospitais, economiza-se tempo de pessoal e é possível assegurar melhores cuidados àqueles que de facto necessitam de internamento hospitalar".

Em Genebra, a Organização Mundial de Saúde (OMS) também já se manifestou, através do chefe da sua Unidade de Saúde Materno-Infantil, dr. Mark Belsey: "a técnica é única, merecendo consideração mais profunda e utilização em maior escala". Segundo o dr. Belsey, o aconchego "estimula o desenvolvimento da criança, de maneira que os bebés amamentados e conservados per-

to das mães têm um desenvolvimento psicomotor mais rápido".

Outro pronunciamento importante sobre a inovação foi o da dra. Karin Edstrom, obstetra sueca da OMS em Nova Iorque: "a experiência de Bogotá é relevante para o mundo em desenvolvimento, pois aponta um caminho capaz de melhorar o cuidado com os recém-nascidos prematuros sem que seja necessário investir em equipamentos dispendiosos". Segundo ela, contudo, o significado do método é ainda maior para o mundo industrializado, "onde o cuidado com prematuros tem-se desumanizado e tornado demasiado tecnológico, com prejuízos para o relacionamento entre mãe e filho".

A dra. Edstrom lembrou que o custo da sobrevivência de um recém-nascido com deficiência de peso num país desenvolvido, através dos recursos da "alta tecnologia", pode atingir 100.000 dólares.

## **cadernos do terceiro mundo**

### **Portugal**

anual (12 números) .....	850\$
semestral (6 números) .....	500\$

Espanha (12 números) .....	900\$
----------------------------	-------

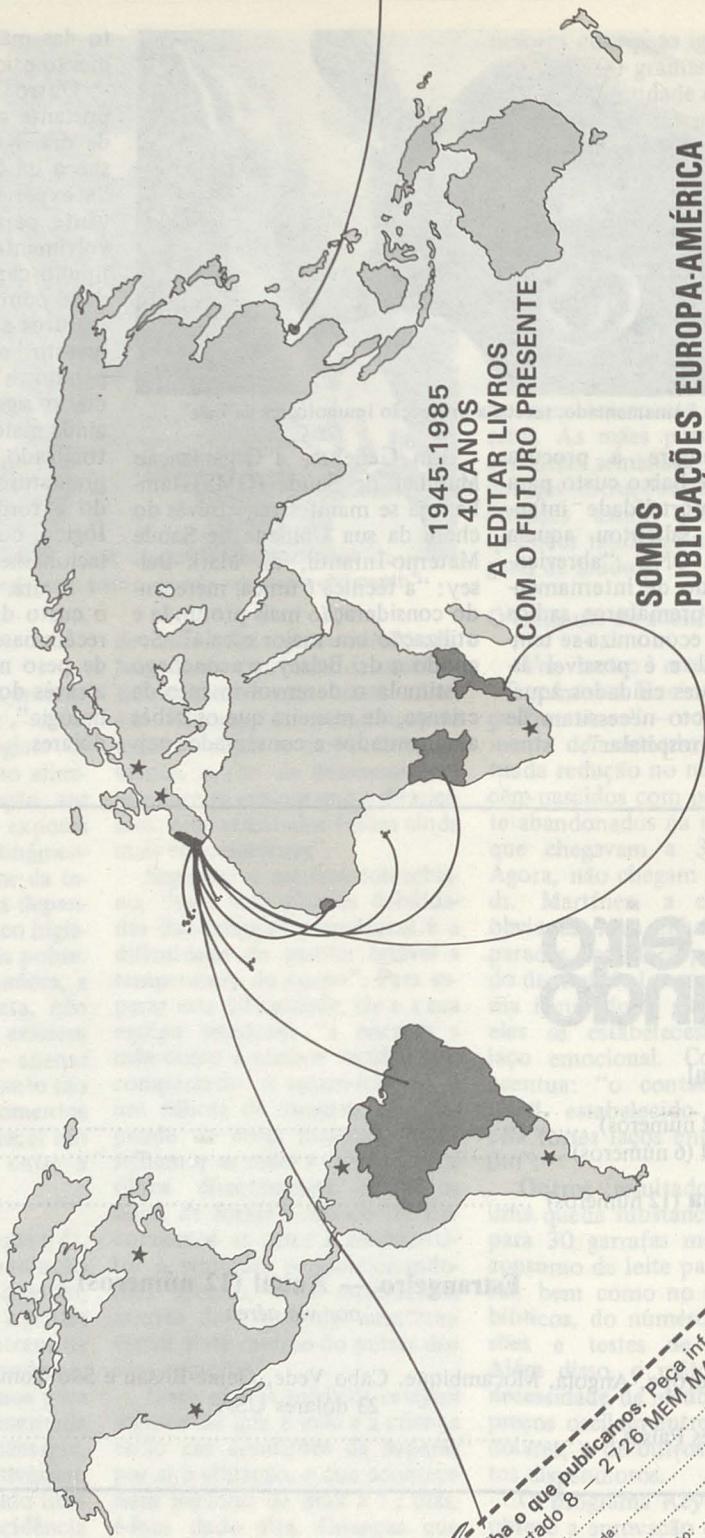
### **Assinaturas**

#### **Estrangeiro — Anual (12 números)** *por via aérea*

Europa, Angola, Moçambique, Cabo Vede, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe  
23 dólares USA

Restantes Países ..... 28 dólares USA

# LIVRO-TRAÇO DE UNIÃO ENTRE QUEM FALA PORTUGUÊS

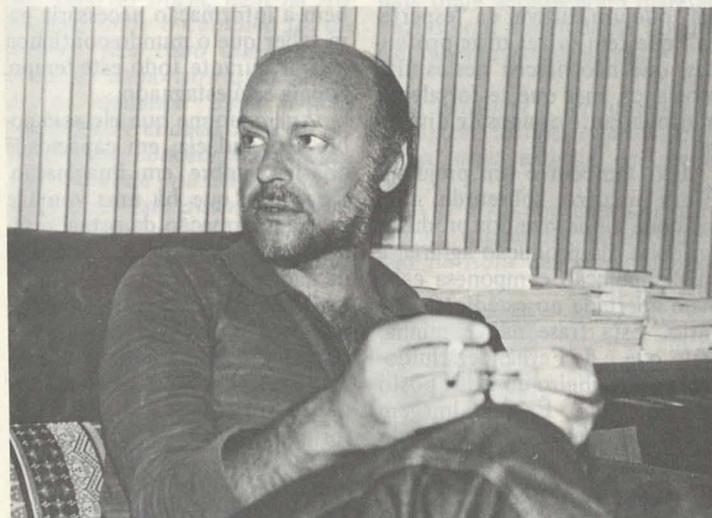


Sabia o que publicamos? Peça informações para:  
Apartado 8 - 2726 MEM MARTINS CODEX  
Nome: \_\_\_\_\_  
Morada: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_  
País: \_\_\_\_\_

**ESTAMOS ONDE VOCÊ ESTÁ • CONTACTE-NOS!**

## Galeano: 'sou um homem do meu tempo'

O escritor uruguai reflecte sobre a sua obra literária, as marcas da ditadura e afirma que o homem caminha ao encontro da sua unidade perdida



Walter Santos

Eduardo Galeano: "desde que pisei esta terra, tive a certeza de que voltava ao lugar que eu preferia, entre todos os outros"

**E**duardo Galeano não precisa de apresentação. Desde o sucesso sempre renovado de "As veias abertas da América Latina", os seus livros têm despertado o interesse de um público cada vez mais amplo e diversificado. *Cadernos do terceiro mundo* já o entrevistou várias vezes. Mas agora havia assuntos novos, acontecimentos marcantes na sua vida, sobre os quais é muito importante ouvir o seu depoimento: o fim do seu exílio, o seu regresso ao Uruguai, a "falha" — como ele mesmo diz — do seu coração.

Os leitores encontrarão nas suas palavras um nítido senti-

mento de amor à vida, ao continente latino-americano, ao nosso século, ao ser humano. Um escritor maduro e profundo que nos faz reflectir.

*Já há alguns meses que estás de volta ao Uruguai. Como te sentes? Como sentes depois de 11 anos o país e o povo que havias deixado?*

— Voltei em finais de Fevereiro, depois de uma longa ausência de quase 12 anos. Desde que pisei esta terra, tive a certeza de que esta era a minha terra e que voltava para o lugar que eu preferia entre todos os lugares, com todos os defeitos que ele possa

ter.

Na minha opinião o país não foi transformado no essencial. Foi ferido, e nalguns aspectos teve ferimentos graves, pelos anos de ditadura militar.

A tragédia económica é evidente, não só as estatísticas nos mostram que o país consome agora menos sapatos e menos leite do que antes, como também salta à vista uma realidade brutal que nos causa estremecimento e dor. A quantidade de pessoas que vivem dos restos do lixo, por exemplo, em comparação com há 12 anos, é assombrosamente maior. O Uruguai tem uma quantidade enorme de pessoas que vivem do lixo, ou seja, pessoas que vivem dos desperdícios de outras pessoas, condenadas à vida marginal por um sistema que lhes nega o trabalho e que os exclui.

O Uruguai continua a sofrer uma hemorragia de população que não cessou a partir da ditadura militar, porque as causas não são apenas políticas mas também económicas. E agora que acabaram as causas políticas, as económicas persistem. O país tem liberdade mas não tem trabalho. As pessoas vêm-se obrigadas a partir.

*Talvez como escritor, como um homem que trabalha com seres humanos e com a realidade como matéria-prima para a ficção, devés ter sentido ou percebido o que não é perceptível para as outras pessoas que visitam o Uruguai*

— Sim, não tanto por ser escritor, mas por pertencer a esta terra, por ser saliva desta boca, por ser erva desta terra, migalha deste pão, há uma quantidade de chaves, secretas, profundas, que também me pertencem. Por isso talvez esteja em melhores condições que um turista para as ver. E, além disso, porque já voltei

há alguns meses.

Há uma quantidade de coisas que no início tu não vês, só vês depois. Durante bastante tempo, tive a impressão de que voltava sem ter partido. O que não era verdade. Percebi depois que havia partido e voltava para um país que não era o mesmo, que havia mudado. Não no essencial; ele continuava a ser o mesmo país carinhoso para o qual eu queria regressar. (O povo é muito cordial e afectuoso no Uruguai. Eu gosto do povo, gosto da minha gente.) Mas que mudou, mudou. Não se padece impunemente uma ditadura de 12 anos.

Durante todos estes anos esteve proibido de pensar. Isso nota-se. Durante todos estes anos as pessoas foram obrigadas a mentir para sobreviver. Isso também se nota. E depois é difícil recuperar o verdadeiro nome de cada coisa.

O Uruguai é um lugar onde a principal prisão de presos políticos chamava-se *Libertad*. Este é um símbolo de uma inversão de linguagem que afectava toda a vida quotidiana. O "código" militar obrigava a uma espécie de esquizofrenia colectiva, onde as coisas deixavam de ser o que eram ou deixavam de ter o nome que tinham porque a censura impunha a mentira como um modo de sobrevivência. Não se tinha outro remédio senão mentir. Isso também se nota.

E nota-se também, finalmente, uma coisa que eu considero muito grave, que constitui também um prejuízo cultural, infligida ao país pela política económica da ditadura: essa política económica, que deixou o país em ruínas, estava centralizada na especulação financeira e não na produção. Ou seja, tinha por eixo o capital financeiro e não o capital industrial. Isso gerou uma mentalidade especulativa que não transparece apenas nas classes dominantes, mas reflecte-se também na própria classe média e inclusive em alguns sectores da

classe trabalhadora.

A ideia de que quem trabalha é um otário, de que trabalhar é "coisa de tolos", já estava de alguma forma presente na vida nacional, mas foi confirmada por uma política que reduziu o trabalho ao último dos valores, à condição de escória.

### O que vale é o capital

— O que vale é o dinheiro. Privilegiou-se o dinheiro. Portanto, quem pode reivindicar trabalho, quando o que ganha é aquele que não trabalha, é o "vivo"? Há todo um cultivar da "esperteza" que tem raízes mais profundas, que não nasceu nestes últimos anos, mas que se fortaleceu muito durante os anos de ditadura.

Isso também é um prejuízo. É um prejuízo, sobretudo, num país que ainda vive dos produtos agrícolas, da produção agrária, e cuja população camponesa cabe meio apertada no estádio Centenário. Esta frase não é minha, creio que é de Fernández Huidobro, companheiro do MLN posto em liberdade. É uma imagem muito pertinente. O estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, chega e sobra para conter os camponeses do Uruguai. Razão porque é particularmente grave para o país este tipo de mentalidade.

*E, na verdade, não são camponeses no sentido que a palavra tem noutras lugares, mas assalariados rurais.*

— Claro, mas vivem da terra. É a população camponesa, rural, minúscula num país que contudo vive da produção agrícola.

Montevideu converteu-se num imenso estuário de desemprego gerado pelo latifúndio e num aeroporto e num porto de onde as pessoas partem para outros países, porque o seu próprio país nega-lhes trabalho. A culpa não é do país, pobre país, mas do sistema que o estrangula.

Nota-se, também, a falta de uma geração... Alguns ainda não voltaram do exterior ou apenas regressaram parcialmente, enquanto que outros ficaram pelo caminho. Os que ficaram no país foram os mais atingidos pela repressão e suas consequências nas diferentes manifestações da vida social. Como vês este aspecto, a geração entre os 20 e os 40 anos?

— É verdade que faltou ao Uruguai não só a presença viva de muitos dos seus expoentes mais vitais e criativos, como também a informação necessária para saber que o mundo continuou a girar durante todo este tempo. O país está estagnado.

Apercebo-me que ele está pobre em audácia, em capacidade criativa, pobre em imaginação. Parece-me que há uma vontade de transformação da actual realidade nas novas gerações que ainda não encontraram uma saída.

Oxalá a Frente Amplia seja capaz de dar essa saída à gente jovem que deseja transformar esta realidade. Porque é uma realidade transformável. O Uruguai não foi amaldiçoado por nenhum Deus. É um país que tem uma população cinco vezes menor que a Holanda e um território cinco vezes maior, cortado por muitos rios. Podia perfeitamente dar de comer a uma população muitíssimo maior do que a que contém e, contudo, continua a expulsar a sua gente.

Esta é a acusação mais grave que se pode formular contra os donos do poder, sejam eles militares ou civis. Faço, é claro, a ressalva, de que me regozijo, de o meu país viver em democracia e agrada-me, como a ninguém (e como a todos), respirar o bom oxigénio da liberdade. Senti-me muito feliz por poder caminhar livremente pelas ruas da cidade que amo e por poder conversar livremente e de viva voz, falando e escutando as opiniões dos outros. Convém realçar que também isto é necessário ter em con-

ta na hora de formular críticas. Mas noto ainda um país...

### *...com medo?*

— Sim, talvez seja uma reminiscência do medo. Porque existem medos e medos. E talvez o medo seja um veneno que fica no ar com muito mais pregnância do que se imagina... e que custa purificar.

*Pelo processo como se chegou à democracia, onde o povo realmente exerceu um papel, que não teve no Brasil, nem na Argentina, onde o caminho foi diferente, fica claro que o povo uruguai demonstra uma vontade de mudança. Seria, então, essa falta de audácia mais ao nível dos que concebem as estratégias? Ou és da opinião que não se pode fazer esta distinção, que o povo quis chegar à democracia, mas que lhe faltaria um pouco*

*de audácia para dar outros passos e aprofundá-la?*

— Talvez haja vontade de mudança, uma energia disponível para a mudança maior do que os seus canais de realização. Enquanto essa energia existir, a esperança existe. É a energia colectiva ao serviço da transformação da realidade, os milagres que ela opera. E tem que se levar em conta que o processo que conduziu à queda da ditadura no Uruguai teve uma participação popular indiscutível. O Uruguai é um país onde aconteceram manifestações com a metade da população de Montevideu na rua.

*E continua a ter, como a 25 de Agosto último, quando aconteceu uma enorme concentração...*

— O povo continua a ter uma grande capacidade de mobilização na hora das manifestações.

Creio que isso ainda falta traduzir-se em resultados concretos relativamente à transformação da realidade. Mas isso da transformação da realidade soa meio poético...

*Digamos, então, uma proposta de mudança concreta, radical.*

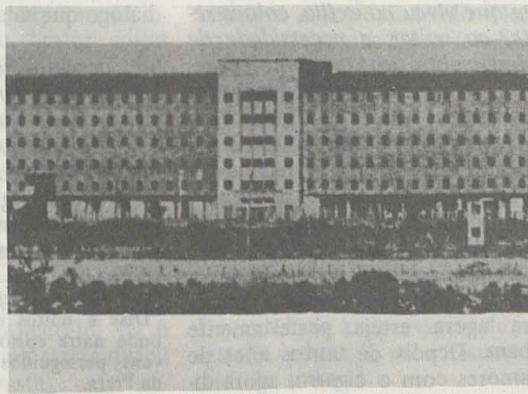
— Muito concreta. Acho que a Frente Ampla poderia ter brigadas mobilizadas, trabalhando nos bairros em tarefas concretas. A realidade não muda de um dia para o outro, nem de um minuto para o outro. O processo de transformação da realidade é lento e complicado. Penso que isso processa-se como no famoso verso de Machado: "abre-se caminho ao andar". Creio que no Uruguai é preciso abrir caminho andando.

Nós discutimos demasiado. Não que eu seja contra a discussão. Parece-me muito importante que a Frente Ampla tenha toda a actividade que têm os seus comités, os seus plenários de discussão. Mas o uruguai é muito dado a discussões, talvez exageradamente. Abusamos das palavras e somos um tanto incapazes de transformá-las em actos.

*É curioso. Várias opiniões que escutei de exilados assemelham-se nesse ponto. É como se o exílio nos tivesse obrigado a inserir-nos em realidades onde as pessoas são mais objectivas, ou simplesmente fazem mais e discutem menos...*

— No Uruguai somos todos

*"O Uruguai mudou; não se suporta impunemente uma ditadura de 12 anos" ... "A prisão "Libertad" (foto em baixo) é o símbolo de uma inversão de linguagem que afectava a vida quotidiana*



ideólogos. Por isso, imagino esses grupos de jovens com vontade de mudança, que estão disponíveis nos comités de base, trabalhando em tarefas concretas: alfabetizando os que não sabem ler nem escrever, que existem no Uruguai (os analfabetos multiplicaram-se nestes anos, embora sejam poucos se compararmos com outros países do continente latino-americano), vacinando os que precisam, atendendo as crianças desamparadas, contribuindo para restaurar as escolas destruídas, pintando as casas de paredes descascadas, recolhendo o lixo que se acumula nas ruas e que é uma fonte de ratos, moscas, pestes, imundície. Ou seja, uma série de tarefas mobilizadoras da energia criadora do povo. Parece-me que é por aí que se deveria trabalhar.

Por outro lado, creio que o país, para consolidar a sua democracia, tem que realizar com urgência algumas mudanças estruturais. A reforma agrária, por exemplo, que deixou de ser uma bandeira nacional. É necessário levantá-la como bandeira em todas as manifestações de esquerda. É uma urgência nacional. O mesmo em relação a outras medidas radicais que devem ser tomadas para que não acabe por ruir o que resta de uma antiga economia em funcionamento.

**"Meu coração partiu-se..."**

*Como escritor, como jornalista que viveu no exílio, coloca-se-te, ao voltar, a necessidade de desenvolver uma tarefa política?*

— No meu caso isso foi muito meditado, muito pensado. Não participo em todos os actos políticos que gostaria — recebo 2 a 3 convites por dia para falar — porque me canso muito. No ano passado, o meu coração partiu-se de tanto o usar. Isso obriga-me a ter um pouco de cuidado, embora agora esteja perfeitamente bem. Depois de tantos anos de amores com o cigarro, agora di-

vorciamo-nos em paz e sinto-me mais forte.

*O enfarte pesou na tua decisão de voltar ao Uruguai?*

— Creio que deve ter tido algo a ver, mas no sentido contrário: aconteceu precisamente quando voltei a Espanha depois da minha primeira estadia no Uruguai e na Argentina, no ano passado. São coisas que mexem connosco por dentro. O que sabemos a nosso respeito é muito pouco em relação ao que se passa dentro de nós. Deve ter havido algo... não apenas o cigarro. Creio que esse problema de coração também teve a ver com uma série de coisas... Estive um mês em Buenos Aires, foi uma actualização, um reencontro, depois de muitos anos, com alguns dos personagens do meu livro<sup>1</sup>. Um encontro com sobreviventes e lugares, que mexeu com coisas muito profundas.

A verdade é que todo aquele período (da década de 70) deixou marcas. E não se removem impunemente essas cinzas com tanta brasa ardendo. Ainda que não se saiba, ainda que não se queira, sofre-se...

*...e o coração demonstrou-o...*

— ... fazendo uma pequena greve. Ele disse-me: "cuidado com tantas emoções, é preciso baixar um pouco o ritmo". As palestras agora esgotam-me. Gostava muito de falar, de comunicar-me com os demais, sentir esse diálogo que se arma...

*...acredito que no Uruguai isso ser-te-á particularmente gratificante, porque é um país onde se sente sempre tanta atenção, tanto interesse...*

— A nossa gente é muito activa. O nosso povo não é um povo de testemunhas, não é um povo

<sup>1</sup> Galeano refere-se ao seu livro "Dias e noites de amor e guerra", onde narra episódios da vida de jovens perseguidos políticos no Rio da Prata.

consumidor de palavras. É protagonista, participa das discussões, opina, tem ideias próprias acerca de cada acontecimento. Não é um receptor passivo da mensagem que alguém transmite aos de-mais, o que existe é um jogo de ida e volta que eu sinto particularmente vivo e vibrante. É muito enriquecedor.

Mas não posso fazer isso mais do que duas ou três vezes. Dei uma palestra na Universidade, outra no teatro Circular, fui orador num comício a favor da Nicarágua. E parei aí porque não quero entrar nessa vertigem. Acho que sou mais útil escrevendo. Escrever é a minha função. Afinal, eu não escrevo hinos de louvor aos labirintos do meu umbigo, mas escrevo procurando ajudar os demais, revelando a realidade presente e a passada. Acender pequenos lumes iluminadores da história passada e da vida presente.

O que tem uma função política clara. Tudo que contribua para revelar o que está oculto da realidade que nos rodeia e que necessita ser transformado cumpre, a meu ver, uma função política positiva. A vida política não se reduz à actividade dos partidos. Praticamente, tudo na vida tem a ver com política. E em particular a literatura.

*Preocupaste-te em resgatar a memória da América Latina, memória essa que também é política*

— Tudo é política, porque tudo tem a ver com as relações entre o indivíduo e a sociedade, entre as classes e o poder... Tudo que tenha a ver com os demais, com a vida colectiva, tem a meu ver um conteúdo político, ainda que não seja aparente.

Acredito que se está sempre a escolher entre a liberdade e o medo, tomando partido, mesmo quando se acredita estar afastado. Porque ao afastar-se também se toma partido. É uma forma de tomar partido que eu não com-

partilho e que não me agrada. O que quero dizer é que, pelo sim pelo não, ou mais ou menos, estamos sempre dentro do "baile", mesmo quando se acredita que se pode ficar à porta. E sobretudo no tipo de literatura que eu faço. Mas também em qualquer outro tipo de literatura.

Na medida em que alguém publica, esse alguém participa da vida política, influí na consciência dos demais. Daí que a opção de escolher entre a literatura — agora que já quase não faço jornalismo — e a política, para mim é uma falsa opção, porque faz-se política o tempo todo. Além do mais, eu não faço uma literatura que se assemelhe à masturbação. Não se trata de uma declaração de amor que eu formulo a mim mesmo, mas da criação de um espaço de encontro com os demais. O que me leva a escrever é uma tentativa de comunicação com os outros. Uma aventura que pode não ter os resultados esperados...

*...mas parece que tem tido, porque a venda dos livros tem sido muito boa, abrangendo públicos muito diversos*

— Sim, isso é verdade. Mas quero dizer-te que é uma aventura. E correm-se riscos. Pode-se chegar a encurtar bastante a inevitável distância que existe entre o desejo de comunicação e as possibilidades, entre o que se quer dizer e o que as palavras dizem.

Às vezes fica-se com a sensação de que não funciona. E embora seja assim, o importante é tentar. Tentar honestamente e pôr ao seu serviço toda a energia.

Eu não escrevo para mim, escrevo para os outros. Que é a melhor maneira de escrever para mim. De outra forma morreria de sono.

**"Todos os horrores e todas as maravilhas"**

*Estás agora no terceiro volu-*



"Imagino todos esses jovens com vontade de mudanças realizando tarefas concretas: alfabetizando, dando atendimento às crianças desamparadas..."

*me da trilogia "Memória do Fogo". No que consiste esta terceira obra?*

— Estou na metade. É o século XX, que é deslumbrante. É realmente uma árvore da vida, com ramos infinitos, um século de loucura total. Neste século XX surgem todos os erros, todos os horrores e todas as maravilhas. Todos. É como se se tivesse concentrado tudo.

Tenho trabalhado com a História desde o século XVI, e agora dou-me conta de que numa semana acontecem tantas coisas que há 200 ou 300 anos demoravam dez anos para acontecer. Numa semana acontece tudo.

É um século apressado, um século louquissimo e ao mesmo tempo estupendo. Estou extremamente contente por ter nascido no meu tempo, sinto-me tão homem do meu tempo, que dá-me muito prazer trabalhar com ele e procurar reflecti-lo, ser o seu espelho. É uma tarefa difícil porque é muito vasta.

*Também é vasto o teu horizonte...*

— ...toda a América. Sobretudo a América Latina, mas também os Estados Unidos e o Canadá. Mas evidentemente o meu trabalho está concentrado na América Latina.

Esta é uma tarefa para um exército de chineses. Tento ser tão poderoso como ele e ter a paciência e a disciplina que se supõe que ele tenha. A verdade, é que são longas horas nas bibliotecas e em casa lendo e lendo, submerso nas águas tenebrosas em busca da pérola que sempre aparece.

*Lendo que tipo de livros?*

— Tudo. Tudo o que possas imaginar. Tudo que tenha a ver com o afã, com a respiração do século XX, com a respiração do nosso tempo. Tudo serve. Não há nada que não mereça ser lido. Da economia à reportagem de esquerda, passando pelo desporto, a moda, tudo.

### *A cibernética..*

— A cibernética, que ainda não sei por que corno vou seguir esse touro. Ontem estava a ler uma biografia de Allende, dou-te isto como exemplo. Uma biografia bastante má. Não sei se existe uma biografia boa de Allende, aquela era bastante pobre, bem intencionada mas fraca. Porém, contém uma história muito bonita, que pode e que acho que vale a pena recriá-la.

É a história de um índio huichol da serra de Nayarit, que vai à cidade de Tepi para comprar sementes e visitar uns parentes. Lá encontra, num caixote de lixo, um livro. Apanha-o e lê-o, porque ele sabe ler. Gaguejando, aos tropeços, mas sabe ler castelhano.

Esse homem pertence a uma comunidade de 150 famílias que no momento em que ele encontra o livro ainda não tem nome. Volta, caminhando, serra acima durante muitas horas, com as sementes que comprou, com a recordação dos parentes que visitou, as mensagens que leva e o livro que encontrou no lixo. E vai lendo pelo caminho. Quando chega ao povoado já terminou o livro e então anuncia: "já temos um nome".

Lê o livro para os outros, a leitura dura cerca de oito dias. Quando acaba, a comunidade está de acordo, agora tem um nome. O livro é sobre um país distante que se chama Chile, cheio de coisas horríveis e também de maravilhas. E há um personagem, o protagonista do livro, que na hora de escolher entre a traição e a morte não hesitou. Então, essa comunidade huichola de 150 famílias, decide chamar-se com o nome do homem que foi leal à sua palavra. E agora os viajantes, quando vão para ali dizem: "vamos para Salvador Allende".

É este tipo de histórias que eu procuro e que encontro amigadamente porque é a realidade que as oferece.

80 - terceiro mundo

### *Deus e o tigre azul*

*E os livros, a literatura, de algum modo, reflectem a realidade.*

— Ou tentam reflectir. A realidade é sempre melhor do que os livros que a expressam. A realidade é infinitamente melhor do que nós, que somos a sua substância, é infinitamente mais ampla. Mas às vezes podemos adivinhar um pouco dos seus desdobramentos, podemos chegar a conhecer alguns dos seus segredos. Não todos, é claro, porque a vida também seria horrível sem...

*...sem mistérios?*

— A vida sem mistérios seria um aborrecimento total. Mas devemos conhecer alguns pequenos segredos da vida. E essa tarefa, na minha opinião, tem um sentido político, porque o sistema de poder estabelecido, as classes dominantes e a engrenagem internacional do poder, fazem com que alguns países vivam às custas de outros. E isso baseia-se, em grande parte, sobre o ocultamento da realidade. Da realidade que foi, pela usurpação da memória colectiva — a história oficial é uma longa mentira — e da realidade que é, submetida à censura e a todos os filtros que os meios de comunicação utilizam para que ela não seja o que é, para que as pessoas não se apercebam de que essa realidade pode ser transformada, que não é um destino.

Nenhuma realidade é um destino. A própria realidade pede para ser transformada, como o mito guarani que diz que há um tigre azul que dorme debaixo da rede de Deus, à espera da ordem para despachar o mundo, porque o mundo quer ser destruído para nascer de novo. É a própria Terra quem suplica a Deus que, por favor, lhe permita ser outra. E Deus está em dúvida, com o tigre que espera, azul, dormindo sob a sua rede.

Creio que é um pouco isso

que acontece: que é a própria realidade que pede, aos gritos, que a transformem. Porque, como pode ocorrer à Deus que o mundo esteja bem, vivendo como um manicômio ou um campo de concentração ou um imenso matadouro, podendo ser, como deve ser, a casa de todos?

*Tu que tens estudado os séculos, pelo menos do século XVI para cá, encontraste alguma ideia predominante em cada um deles? Nesse caso, qual seria a ideia predominante neste século XX? Os homens dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX são diferentes?*

— É muito difícil reduzir um século a uma ideia, mas creio que o século XX é o século do vento. Assim como se fala do século XVIII como o século das luzes, penso que o XX teria que ser o século do vento, o que talvez não seja um mau título para o terceiro tomo.

*Seria o século onde as coisas acontecem vertiginosamente?*

— Sim, acho que não estaria mal como símbolo deste século. Seria um bom título para o terceiro livro.

*E nós, os homens e mulheres que estamos metidos nesta ventania, de repente nem nos damos conta da velocidade em que vivemos. Somos mais superficiais do que nos séculos anteriores? Não temos tempo de aprofundar a nossa passagem pela vida? Ou temos um desenvolvimento mental que nos permite compreender tudo mais rapidamente?*

— Toda a generalização é injusta e mentirosa mas necessária para podermos orientar-nos pelo mundo e não andarmos "como um cego num tiroteio", sem orientação. Creio que é um século onde há uma tendência perigosa para a superficialidade, devido à própria vertigem que a vida moderna impõe, e também

pela presença desse aparelhinho sinistro que antes não existia, a televisão.

Mas ao mesmo tempo parece-me que é um século muito mais intenso que os outros. É um tempo de rara intensidade este que nos toca viver, onde tudo está muito mais misturado. Misturaram-se as cartas, que antes estavam cuidadosamente separadas. O que de alguma forma acho positivo.

Gosto de viver neste tempo. Creio que é um século muito mais livre que os outros. Não acredito que qualquer tempo passado tenha sido melhor. Creio que foi pior. O que acontece é que isto continua a ser um desastre em relação ao que o mundo deveria ser.

*Mas há mais consciência do que é a liberdade.*

— Muito mais...

*Possivelmente, porque perdeu-se a liberdade na América Latina durante um lapso de tempo também importante do século, em diferentes lugares.*

— No fundo, há um pouco disso que tu dizes. Há uma maior consciência dos problemas. Uma maior consciência colectiva.

*E aí entra esse aparelhinho que é a televisão...*

— Claro, como tudo. Tudo é dialéctica na vida quotidiana.

*Uma mulher da alta burguesia, disse-me uma vez sobre as suas empregadas: "já não há mais analfabetos como os de antes". Era uma forma grosseira e pejorativa de dizer que uma pessoa hoje, apesar de analfabeta, vive muito mais o seu século, conhece melhor o mundo que habita...*

— Isso é verdade, está mais integrada do que acontece. Mas, ao mesmo tempo, é mais manipulada. A verdade é que a televisão não é inocente. Permite um controlo sobre a opinião pública que



'Domitila, minha amiga, é admirável...'.

não havia na antiguidade. Mais do que quando esse controlo dependia apenas da igreja, ou seja, da capacidade de pregação de um, dois ou de mil padres. O poder que tem um aparelho de televisão é infinitamente maior do que de todos os pregadores que existiam na História.

#### "A sombra abnegada"

*Há uma coisa que, como mulher, interessa-me que comentes. Nesses séculos procuraste sempre referir-te à realidade através de protagonistas, claro, a realidade é feita por seres humanos de carne e osso. Diz-se que neste século há uma irrupção da participação da mulher. Estás de acordo?*

— Sim, e também é verdade que a mulher teve uma participação nos séculos anteriores muito maior do que aquela que lhe é atribuída. O que acontece é que a história oficial foi escrita pelos vencedores e os vencedores são machos.

Há uma segregação da mulher na história oficial. Mas elas tive-

ram uma participação muito importante, e não apenas como damas de companhia, que é o máximo a que podem chegar dentro do estatuto machista.

*No máximo reconhece-se que "atrás de cada grande homem há uma grande mulher"...*

— É a "companheira abnegada" de fulano, mas que não tem vida própria. É a sombra abnegada, a sombra fiel. Bom, isso é verdade e tem o seu mérito, mas muito mais mérito do que a sombra tem o corpo. É muito melhor ser corpo do que sombra.

A verdade é que houve muitas rebeliões, sobretudo negras e indígenas, na América, encabeçadas por mulheres. Só que foram depois cuidadosamente apagadas...

*Há mais exemplos de sociedades matriarcais negra e indígena do que na sociedade branca, ocidental...*

— A verdade é que a sociedade de onde eram originários os escravos africanos e as sociedades indígenas que os conquistadores encontraram aqui, eram mais igualitárias do que a sociedade europeia, de servos e senhores. Se comparadas, eram mais igualitárias e, em muitos casos, muito mais democráticas. E as mulheres tinham uma participação muito importante, que se reflecte no facto de muitas das rebeliões mais importantes terem sido encabeçadas por mulheres, coisa que teria sido inimaginável na Europa.

*A conquista da América, por exemplo, não poderia ter sido empreendida pelas mulheres europeias da época...*

— Imagine as mulheres com elmo e armadura... Inimaginável. A função delas era outra: a freirinha ou a dama de companhia. Mas no século XX há um aparecimento da mulher, este século está cheio de personagens femininos de enorme importân-

cia que, em grande parte, não têm consciência da sua própria feminilidade.

É o caso, por exemplo, de Domitila. Domitila, que é minha amiga — gosto muito dela — é uma mulher admirável. Foi ela, com outras três, que desenadou a greve de fome que derrubou a ditadura de Banzer. Quatro mulheres loucas contra todos os sectores sensatos da vida nacional que diziam que aquilo era um disparate. Fizeram a sua greve de fome e acabaram por derrubar a ditadura de Banzer.

Já antes, tinha sido ela quem, no dia seguinte à matança de San Juan realizada pelo general Barrientos nas minas bolivianas de Catavi e Siglo XX, ergueu-se sobre o muro de um cemitério para insultar os militares. Por isso foi presa, torturada, castigada. Arrancaram-lhe os dentes, mataram-lhe um filho que trazia no ventre. Padeceu, lutou e sofreu como ninguém.

Contudo, na hora de definir o que ocorreu, ela disse que se tratava de demonstrar que o mineiro usa calças, que nas minas há homens, que a Bolívia é um país de machos, não de covardes. Ela utiliza, sem querer, toda a linguagem da dominação machista que ela própria sofreu desde criança. Porque a mulher boliviana obedece a ordens. É treinada para obedecer desde que nasce: ao pai, ao irmão, ao marido e ao filho macho.

Então, a sua linguagem reflete essa situação. É uma situação herdada, que dura há séculos. Ela própria não se dá conta de que foi ela quem deu em cada situação as mais altas provas de coragem. E foi precisamente com outras mulheres que venceu a ditadura.

A linguagem está contaminada de machismo, porque ao fim e ao cabo cada um fala a linguagem da sociedade em que foi gerado. Não se pode exigir outra coisa. Mas é um exemplo de

até que ponto as mulheres ainda não desenvolveram — começam agora a desenvolver — a autoconsciência do seu próprio protagonismo na história actual.

*É também um século de irrupção de outras camadas secularmente exploradas, como o negro e o índio?*

As rebeliões de negros e índios nunca acabaram. São os sectores mais humilhados, mais explorados, mais oprimidos da população nos países latino-americanos e também nos Estados Unidos. Em consequência disso, encontraram na rebelião a chave da sua dignidade. Sempre foi assim. O que acontece é que a história oficial não reúne mais do que um longo desfile militar, uma marcha de generais vitoriosos nas guerras de independência.

Mas ela esconde as outras revoltas, as revoltas sociais. A verdade é que foi incessante a resistência desses sectores oprimidos que hoje têm, de facto, no século XX, um maior desenvolvimento, uma maior confiança na sua força, na sua função histórica.

*O facto de te teres limitado à América no século XX, não faz com que te sintas de repente restringido, já que neste século estão também a irromper outros continentes no cenário internacional com uma força e uma importância inusitadas? É também o século da emancipação da África e da Ásia...*

— Sim, mas seria uma loucura. Já é loucura bastante eu pretender fazer a América toda e não apenas um fragmento dela, para ainda me arvorar a abranger mais mundo. Sinto que pertenço a uma condição humana que não é divisível, que vai alcançar a sua unidade, a sua perdida unidade, que se encontra desintegrada por um sistema que a nega. Mas que encontrará a sua unidade perdida no dia em que os homens deixarem de viver às custas dos outros, quando a

liberdade de uns não for a opressão de muitos. No dia em que se restabelecer, ou que se estabeleça pela primeira vez, na face da terra uma sociedade fraterna.

Muitas das coisas que me ocorrem e que eu quero transmitir, têm relação com o destino e com a vida de todos. O que acontece a um esquimó ou a um habitante da Nova Zelândia ou da Finlândia, não me é alheio. Acontece simplesmente que para a tarefa de resgate da realidade e da memória, é preciso fixar limites no espaço e no tempo. Eu já decidi que o livro vai acabar em 1984.

*1984, como o livro de Orwell?*

— O livro precisou de terminar ali. Não há nenhuma relação com o livro de Orwell, é uma coincidência.

*Talvez porque foi o fim do exílio?*

— Talvez. Porque correspondeu a um fim de ciclo pessoal. Foi como se o livro me dissesse que queria acabar ali. E eu tenho uma comunicação muito viva com o livro, à medida que ele vai crescendo, é como um organismo, como um bicho...

*Sentes até onde podes avançar e onde é o começo do fim?*

— É um bicho que palpita, que fala, que tem um coração que bate...

*... que te leva, de repente, por caminhos que nunca pensastes...*

— Exactamente. Ele começa a decidir coisas. O término, em 1984, foi decidido por ele, que agora é a metade de si mesmo, que está a meio. Contudo, já toma decisões. É uma outra prova de que o século XX é um século vertiginoso! Como crescem as crianças! Vê só, um livro que está na metade e já decide.

*Já não consulta o pai?*

— Não, já vive a sua vida... (Beatriz Bissio)

# Em mais de 50 países



SOC. VINHOS BORGES & IRMÃO SARL

EST.1884

coleção no mundo entre os maiores e mais variados portugueses

**edições  
Avante!**

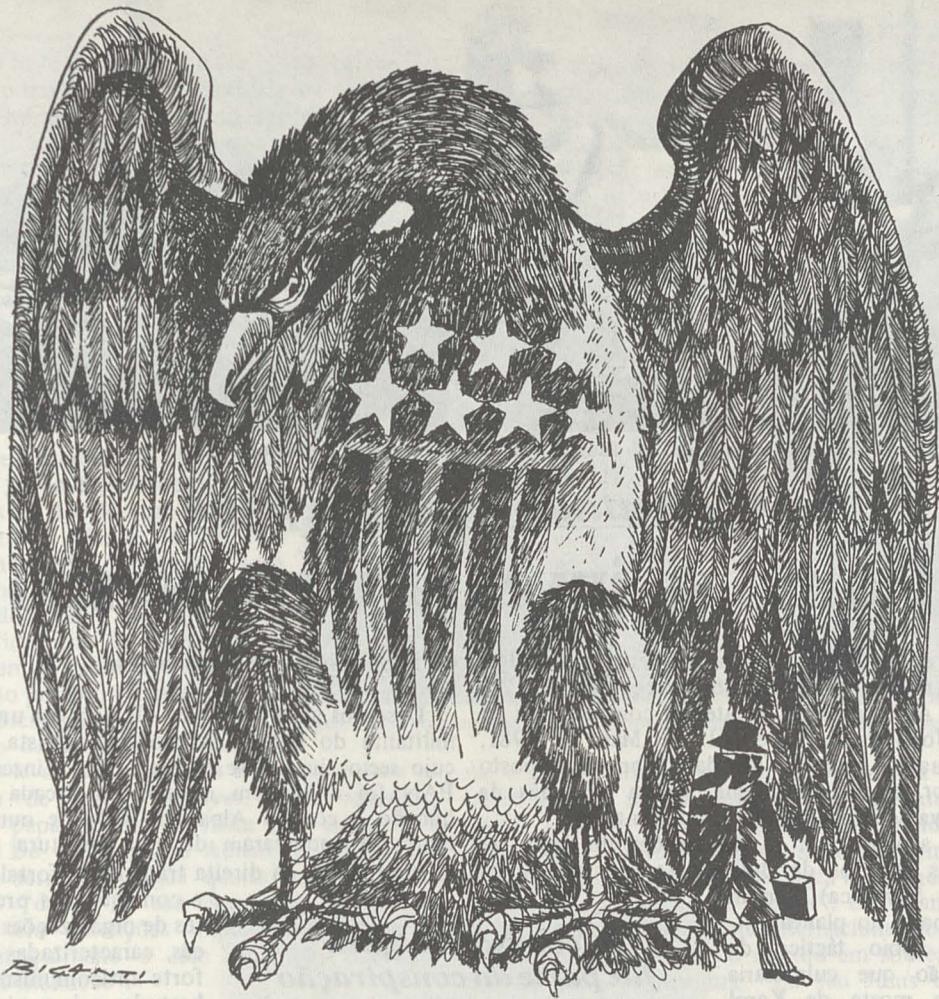
**JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS**

**A LUTA DO POVO  
PELA UNIDADE  
E PELO SOCIALISMO**

Este livro recolhe algumas das mais importantes intervenções públicas de José Eduardo dos Santos entre 1980 e 1984. Está também incluída neste livro a Biografia do Presidente José Eduardo dos Santos.

Em importantes discursos, entrevistas e mensagens, o Presidente da República Popular de Angola, dá ao leitor um amplo quadro da situação actual do seu país — do ponto de vista económico, social, político e militar — e aponta as perspectivas futuras, tal como as define o MPLA e, como estão sendo materializadas pelo povo angolano.

As questões internacionais, mais candentes e em especial os problemas da África Austral são outras das questões referidas por José Eduardo dos Santos.



---

## Duas conspirações dos serviços secretos norte-americanos

---

*Em dois artigos sobre problemas aparentemente tão diferentes como a crise centro-americana e o atentado contra o papa João Paulo II, o nosso colaborador Horacio Castellanos Moya oferece-nos uma informação bem documentada sobre a participação da Agência Central de Informações dos Estados Unidos — conhecida no mundo inteiro pela sigla CIA*

*— que por trás dos bastidores controla a Força Democrática Nicaraguense e a utiliza para encobrir as suas próprias operações militares, enquanto que a muitos quilómetros de distância, na Itália e na Turquia, dirige o complot para responsabilizar a Bulgária pelo atentado contra o sumo pontífice.*



A participação búlgara no atentado a João Paulo II é desmentida por três norte-americanos

## O atentado contra o papa

# Como se inventa uma versão

**D**epois de numerosas audiências, o julgamento do terrorista turco Mehmet Ali Agca, acusado de atentar contra a vida do papa João Paulo II, em 13 de Maio de 1981, continua a levantar dúvidas sobre o suposto *complot* internacional que estaria por trás da tentativa de assassinato do sumo pontífice.

De acordo com as declarações de Agca, os serviços secretos da Bulgária (e, por tabela, da União Soviética) teriam participado no planeamento e apoio tático da operação que culminaria com a morte de Karol Wojtylla. O funcionário da companhia aérea búlgara, Sergei Antonov, actualmente preso em Roma, juntamente com outros agentes e diplomatas daquele país, seriam os autores do *complot*.

A chamada "grande imprensa" ocidental aceitou sem levantar dúvidas à suposta "conexão búlgara", mas o mesmo não aconteceu com os professores norte-americanos Frank Brodhead, Howard Friel e Edward S. Hermen, que decidiram realizar uma profunda investigação do caso<sup>1</sup>.

Segundo eles, onde a imprensa ocidental vê uma conspiração, existem de facto duas: a primeira, realizada pela organização neofascista turca, Lobos Cinzentos; a segunda, no contexto da nova guerra fria, inclui os serviços secretos italianos e os seus amigos da CIA e da administração Reagan. O que se segue é uma síntese da investigação sobre as duas conspirações.

### Os Lobos Cinzentos expandem-se

Desde os anos 1975/76, Ali Agca era um activo militante do Partido Acção Nacionalista (PAN), cujo sector juvenil se chama Lobos Cinzentos. O PAN foi criado em meados da década de 60, quando o coronel Alpaslan Turkes e outros militares se apoderaram de uma estrutura partidária moribunda da direita tradicional, fortalecendo-a com quadros provenientes de organizações paramilitares, caracterizadas por um forte anticomunismo e, sobretudo, pela sua ideologia anti-soviética.

O PAN montou uma poderosa base na Turquia e em 1975 quatro dos seus membros já faziam parte do parlamento. Quando ocorreu o golpe militar de Setembro de 1980, existiam cerca de 1.700 organizações de Lobos Cinzentos com 20.000 membros inscritos e um milhão de simpatizantes. Em Maio de 1981, o governo militar turco acusou 220 membros do PAN por 694 assassinatos.

Agca ligou-se ao PAN e aos Lobos Cinzentos no auge da sua fase terrorista. Originário de Ma-

**A "conexão búlgara"  
faz parte da conspiração  
montada pela CIA no contexto  
do recrudescimento  
da guerra fria**

<sup>1</sup> Os resultados dessa investigação foram publicados num número monográfico da revista *ConvertAction Information Bulletin* (CAIB), com sede em Washington, especializada em revelar as actividades da Agência Central de Informações (CIA) norte-americana.

latya, no leste da Turquia, o seu grupo regional era dirigido por Oral Celik — acusado de ter sido o segundo homem que disparou contra o papa na Praça de São Pedro — e as suas actividades baseavam-se em operações de contrabando e roubo.

Em 1978, Agca entrou para a Universidade de Istambul, onde passou a integrar os grupos de choque da extrema-direita. Por ocasião de um atentado contra uma residência de estudantes de esquerda, Agca foi visto ferindo as pernas de dois residentes. Por isso, várias vezes, as organizações de esquerda tentaram matá-lo.

A 1 de Fevereiro de 1979, Agca e o seu grupo assassinaram o jornalista Abdi Ipecki, um dos mais proeminentes editores turcos. Preso, julgado e condenado, Agca conseguiu escapar da prisão em Novembro do mesmo ano, graças aos Lobos Cinzentos de Celik, que o disfarçaram de soldado para atravessar os oito postos militares que protegem o presídio.

Depois de assassinar o informador que o levou à prisão, Agca enviou uma carta ao periódico de Ipecki, *Milliyet*, onde ameaçava matar o papa durante a visita que realizaria à Turquia. De acordo com Adnan, o irmão mais novo do terrorista, Agca queria matar o sumo pontífice “devido à sua convicção de que os cristãos têm intenções imperialistas contra o mundo muçulmano e têm cometido injustiças nos países islâmicos”.

#### A megalomania de Agca

Ao sair da Turquia, Agca viajou por 12 países, com o apoio da rede da Federação de Associações de Turcos Idealistas, que tem estreitos vínculos com o PAN e os Lobos Cinzentos e conta com 129 sedes e cerca de 50.000 membros na Europa Ocidental. Musa Cerdar Celebi, chefe do poderoso ramo da Federação em Frankfurt, foi acusado de ajudar economicamente Agca na realização do atentado.

Outro militante dos Lobos Cinzentos residente na Suíça, Omar Bagci, enviou de Milão a arma usada por Agca, a qual foi obtida de Horst Grillmaier, um comerciante de extrema-direita radicado na Áustria.

A conspiração para assassinar João Paulo II, de acordo com os investigadores da *CovertAction*, pode ser facilmente explicada se se considerar a história e a ideologia do PAN e dos Lobos Cinzentos. Além disso, entre Novembro de 1979 e Maio

de 1981, segundo provas obtidas pelos autores da investigação, Agca apenas manteve contactos com membros dessas organizações, especialmente com o núcleo dirigido por Celik.

A estes factos teria que acrescentar-se um inesgotável desejo de publicidade pessoal, a megalomania



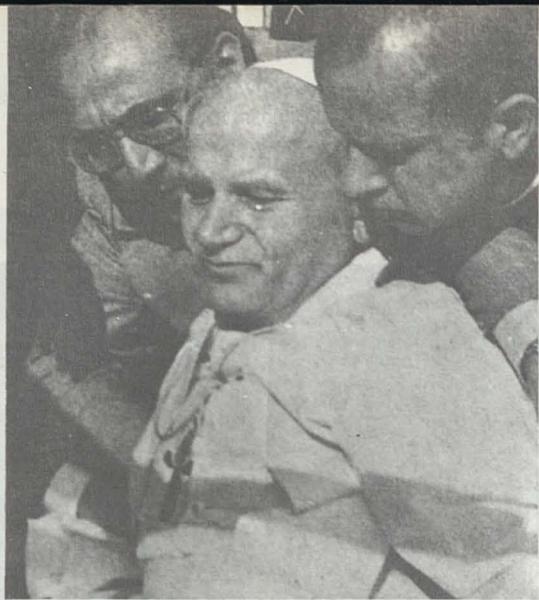
Agca, autor do atentado, foi transformado pela CIA num “agente búlgaro”

nia e a instabilidade de Agca. O jornalista turco Ismail Kovaci afirma que o homem que atentou contra o papa “sofre de delírios de grandeza”. Para ele o terrorismo representa uma forma de deixar a sua marca no mundo. Agca é, segundo ele, vítima do “complexo de Carlos”: ele mesmo se imagina como um terrorista internacional do mais alto nível que mantém o mundo em sobressalto perante cada palavra sua. “Eu sou Jesus Cristo e em nome de Deus omnipresente anuncio-vos o fim do mundo”, gritou Agca ao terminar a primeira audiência do julgamento.

#### A transformação em “agente da Bulgária”

De acordo com os professores norte-americanos, a segunda conspiração consiste na transformação do fascista turco em agente da Bulgária. Nesse passe de mágica, desempenharam um papel fundamental os serviços de espionagem norte-americano e italiano e, sobretudo, alguns dos seus propagandistas, como Claire Sterling, Paul Henze e Michael Ledeen, que montaram a campanha com a cumplicidade de meios tão responsáveis como o *New York Times*, *The Wall Street Journal*, *NBC* e *Reader's Digest*, entre outros.

Segundo o jornalista turco Ugur Mumcu, a CIA conseguiu infiltrar-se nos círculos fascistas da Turquia através de Ruzi Nazar, que desertou do exército soviético para se incorporar nas fileiras nazis



O papa, depois da tentativa de assassinato: *complot búlgaro ou da CIA?*

durante a Segunda Guerra Mundial.

Nos anos 50, Nazar colaborou com a rádio "Voz da América", onde conheceu Paul Henze, com quem passou desde então a ter uma forte relação de amizade. Quando Henze foi designado chefe da CIA, em Istambul, Nazar teve oportunidade de intensificar a sua colaboração. Emin Deger, membro do Supremo Tribunal de Justiça da Turquia, garantiu que uma das tarefas do ex-soldado soviético foi estreitar os vínculos entre o PAN e as unidades antiguerilheiras Bozkurt, treinadas pela CIA.

Terminado esse trabalho, Nazar foi transferido para a embaixada dos Estados Unidos em Bona, Alemanha Federal. A sua principal missão: infiltrar-se nos Lobos Cinzentos. Não perdeu, obviamente, os seus contactos com o coronel Turkes nem com Henze. Este último foi um dos principais orientadores da "conexão búlgara" através dos seus artigos no *New York Times* e no *Wall Street Journal*.

Michael Ledeen, outro dos "descobridores" do *complot* soviético-búlgaro no seu artigo na revista *Commentary*, estudou vários anos na Itália, onde colaborou com o periódico direitista *Il Giornale Nuovo*. De volta aos Estados Unidos, trabalhou no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais de Georgetown, foi assistente de Henry Kissinger nos seus programas de televisão contra o eurocomunismo e fez parte do Gabinete de Segurança do Departamento de Estado na época de Alexander Haig.

Ledeen encarregou-se também de classificar os documentos apreendidos por Washington durante a invasão de Granada e, mais recente-

temente, entrou em negociações com Hollywood para a realização de um filme sobre o atentado ao papa e a "conexão búlgara", segundo o semanário *The Nation*.

#### A Loja P-2 e a mafia

Em meados da década de 70, Ledeen foi amigo e colaborador de Francisco Pazienza, um homem de negócios italiano ligado à mafia e à famosa Loja Propaganda Dois (P-2), assim como ao Serviço de Informação Militar Italiano (SISMI). Actualmente preso nos Estados Unidos, Pazienza era amigo íntimo de Licio Gelli, chefe máximo da Loja P-2, que colocou à sua disposição o seu iate pessoal para que conseguisse fugir da prisão. Graças a Ledeen, manteve também relações com o general Alexander Haig.

Quando Ali Agca atentou contra Karol Woytila, o SISMI era dirigido pelo general Giuseppe Santovito, membro da Loja P-2 e protector de Pazienza. O terrorista turco foi visitado pelo major Petrocelli do SISMI na prisão Ascoli Piceno no dia 29 de Dezembro de 1981. O tenente-coronel Giuseppe Belmonte do SISMI e Francisco Pazienza estiveram também na prisão em várias ocasiões antes que Agca envolvesse os búlgaros.

O ministro da Defesa, Logorio, reconheceu perante o parlamento italiano que dois membros dos serviços de espionagem SISMI e SISDE visitaram Agca em Dezembro de 1981, sem conhecimento do juiz Ilario Martella.

Giovanni Pandico, uma das principais testemunhas no julgamento contra a mafia em Nápoles, denunciou que Pietro Masumeci, funcionário superior do SISMI, ofereceu a Agca a liberdade, em Março de 1982, através de um chefe mafioso, desde que implicasse o bloco soviético no *complot* para assassinar o papa.

De acordo com o testemunho de Pandico, o general Santovito, Masumeci e Pazienza formavam uma "camarilha interna" na Loja P-2, conhecida como Super-S, a qual se dedicava a operações de contrabando e contra-informação. Outro dado significativo é que Agca, durante a sua estadia na prisão, foi atendido "espiritualmente" pelo padre Santini, posteriormente preso por servir como elo de ligação entre a mafia e o centro penitenciário.

O juiz Martella visitou Agca muito tempo depois do encontro do acusado com os agentes dos serviços secretos. O que sugere a possibilidade de um sistema de "duas vias": o SISMI e as autoridades penitenciárias teriam convencido Agca a colaborar na criação da "conexão búlgara", enquanto que o juiz Martella e os demais funcionários judiciais aceitavam esta versão e tratavam de confirmá-la.

Com a sua ideologia de extrema-direita e anti-



Emigrantes turcos na Europa Ocidental: muitos deles mantêm estreitos vínculos com os Lobos Cinzentos, para cujas actividades contribuem com financiamentos

comunista, deve ter sido fácil convencer Agca de que com as suas novas declarações contribuiria numa grande cruzada contra o "inimigo comun". Segundo os três investigadores norte-americanos, esta hipótese é reforçada pelo facto de Agca ter sido preso em Maio de 1981 — as suas primeiras reuniões com o juiz Martella aconteceram apenas um ano depois — mas as suas referências à rede búlgara datam de Novembro de 1982, isto é, 18 meses mais tarde. "Nesse caso, o sistema judicial italiano contribuiu especialmente para a intensificação da nova guerra fria", explicam os investigadores da *CovertAction*.

Uma das principais divulgadoras da "conexão búlgara" tem sido Claire Sterling, que se referiu ao suposto *complot* num artigo publicado em Setembro de 1982 na revista *Reader's Digest*, um mês antes de Agca começar a comprometer os búlgaros. Vinculada ao ultradireitista Instituto Jonathan, Sterling tem um longo histórico de ligações com a CIA e outros órgãos de segurança.

Além das contraditórias declarações de Agca, o "complot comunista" contra o papa baseia-se apenas num facto: depois de fugir da prisão, Agca visitou Sófia. De acordo com a versão divulgada por Sterling, o terrorista esteve 50 dias no Hotel Vitosha, durante o verão de 1980. Ali teria recebido as instruções para realizar o atentado.

#### As fontes não são confiáveis

No entanto, o passaporte encontrado em poder de Agca quando foi preso, sob o nome de Faruk Ozgun, mostrava uma entrada na Bulgária, a partir da Turquia, no dia 30 de Agosto de 1980 e uma saída para a Jugoslávia no dia seguinte, tendo permanecido no país menos de 24 horas. O Hotel Vitosha, propriedade de japoneses, exige o registo rigoroso de todos os visitantes a partir do número dos seus passaportes. Não existe qualquer registo dos nomes utilizados por Agca

nos arquivos do hotel.

De acordo com Sterling, a União Soviética teria estado interessada em livrar-se do papa devido ao seu apoio ao sindicato independente polaco Solidariedade. O facto de Agca haver ameaçado anteriormente Woytilla, os riscos e custos de um *complot* de tal natureza para os soviéticos e a incongruência da visita de Agca a Sófia no final de Julho, quando o Solidariedade foi fundado no final de Agosto, tiram todo o peso a esta acusação.

A presença de Agca em Sófia, por outro lado, em vez de comprovar a suposta "conexão búlgara", tende a questioná-la. É óbvio que alguém queria que Agca estivesse ligado à Bulgária antes do atentado, depois, aproveitando esse facto, os serviços de espionagem da Itália e dos Estados Unidos viram a oportunidade de construir um caso que, com uma confissão facilmente induzida, pudesse ser "vendido" no Ocidente.

É difícil imaginar um plano mais incompetente que o de Agca para a realização do atentado. O terrorista turco não só falhou na sua tentativa de assassinato, como nem sequer pôde escapar. Nada na operação mostra sinais de profissionalismo. A mal planeada execução do atentado é impossível de ser conciliada com a ideia de que ela teria sido uma operação montada pela eficiente polícia secreta de um país do mundo comunista.

Para os investigadores norte-americanos do *CovertAction* o que é mais surpreendente é que, com a cumplicidade do sistema judicial italiano, as mesmas pessoas (Sterling, Henze e Ledeen) que participaram activamente na elaboração da conspiração contra os búlgaros, transformaram-se depois nas principais fontes de informação da imprensa norte-americana, e por conseguinte, do Ocidente.

Um paradoxo perfeito para que a administração Reagan demonstre que as raízes do terrorismo se encontram no "império do mal". (Horacio Castellanos Moya)

CETOP — POR UM ENSINO MELHOR

## PROFISSÕES QUE HOJE LHE OFERECEM MAIS POSSIBILIDADES DE ÉXITO

Escolha a sua e nós o ajudaremos a progredir



### DESENHADOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Um Curso técnico-prático, que lhe dá os conhecimentos necessários para desenvolver uma profissão com importantes perspectivas futuras



### ENCARREGADO DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Um Curso pensado para formar profissionais com recursos técnicos numa das áreas com maior oferta de trabalho



### DECORAÇÃO

Curso organizado de uma forma muito completa, que lhe irá possibilitar em pouco tempo tornar-se num profissional desta matéria



### CONTABILIDADE

**NOVO**

Um Curso que lhe permitirá a breve prazo entrar a fundo nos meandros da contabilidade, tornando-o num profissional muito competente



### SECRETARIADO-GERAL

Conheça a fundo todos os serviços que poderá ocupar no escritório de qualquer empresa pública ou privada



### SOLDADOR

Curso concebido para uma formação completa nesta técnica, preparando-o para todo o tipo de trabalhos de soldadura.

**CETOP**

CENTRO DE ENSINO TÉCNICO  
E PROFISSIONAL À DISTÂNCIA  
Apartado 7  
2726 MEM MARTINS CODEX



### INSTALADOR ELECTRICISTA

**NOVO**

Aprenda todos os segredos sobre instalações eléctricas de todos os tipos, montagens e reparações de maquinaria e aparelhagem eléctrica



### MECÂNICO DE AUTOMÓVEIS

Tudo o que necessita saber sobre a mecânica auto, a sua reparação, afinações e testes



### ELECTRICIDADE DO AUTOMÓVEL

Uma especialização para melhorar ainda mais os conhecimentos que um bom profissional deve possuir



### PUERICULTURA

**NOVO**

Um moderno Curso, ideal para quem deseja especializar-se no cuidado e educação de crianças

O CETOP dá-lhe  
um CERTIFICADO  
de  
GARANTIA  
até que termine  
o seu Curso

ENVIE  
HOJE  
MESMO  
ESTE CUPÃO  
OU

926 32 47  
fale com  
Luisa Morais

### PEDIDO DE INFORMAÇÕES GRÁTIS E SEM COMPROMISSO

Sr. Director: desejo que me envie, com a maior brevidade possível, informações sobre o Curso ou Cursos de:

Nome: \_\_\_\_\_  
Morada: \_\_\_\_\_

Cód. Postal: \_\_\_\_\_ Localidade: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Empresa onde trabalha: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

REF. 33TMO



Depósitos de combustível destruídos pelos "contras" com apoio da CIA no porto nicaraguense de Corinto

## Confissões de um ex-“contra”

Muito se escreveu e falou sobre a manipulação da Força Democrática Nicaraguense (FDN) por parte da CIA. Mas, até agora, não havia qualquer prova tão contundente desse conluio como o testemunho de Edgar Chamorro, que fez parte da direcção do principal grupo anti-sandinista, como chefe de relações públicas, de Dezembro de 1982 a Novembro de 1984.

Ex-sacerdote jesuíta, professor e sociólogo com mestrado pela Universidade de Harvard, pertencente à família que durante décadas dirigiu o oposicionista Partido Conservador, Edgar Chamorro propôs-se relatar as suas experiências nas fileiras da FDN. A revista norte-americana *The New Republic*, na sua edição de 5 de Agosto, publicou o testemunho do ex-chefe “contra”, escrito em colaboração com o jornalista Jefferson Morley.

Chamorro abandonou a Nicarágua em Junho de 1979, um mês antes da vitória sandinista, e estabeleceu-se em Miami, onde começou a frequentar um grupo de exilados ligados ao Partido Conservador, com os quais compartilhava uma posição contrária ao programa de governo da FSLN. Daí surgiu a União Democrática Nicaraguense (UDN), que em Agosto de 1981 enviou um representante a uma importante reunião com oficiais norte-americanos, ex-guardas somozistas e assessores militares argentinos, realizada na Guatemala.

Apenas em Novembro de 1982, Chamorro teve o seu primeiro contacto directo com a CIA quando

recebeu um inesperado telefonema de um norte-americano que se identificou como Steve Davis. “Estou a falar em nome do governo dos Estados Unidos”, disse Davis com uma voz de quem está acostumado a dar ordens, segundo conta Chamorro. Nesse mesmo dia, depois de almoçarem juntos, Davis comunicou-lhe que Washington estava interessado em ampliar a direcção política dos “contra”. Chamorro respondeu que era a favor da criação de algo como um congresso contra-revolucionário, composto por 21 nicaraguenses. Davis aprovou a ideia.

No final desse mesmo mês, Davis voltou a procurar Chamorro e convidou-o para jantar no Hotel Holiday Inn, no centro de

Miami, onde se encontrava o “homem de Washington”, Tony Feldman, que lhe propôs para fazer parte da direcção da FDN, da qual participariam sete membros. Feldman prometeu também que a nova cúpula contra-revolucionária contaria com todo o apoio dos Estados Unidos e que entraria vitoriosa em Manágua em Julho de 1983.

### Uma operação bem montada

Na semana seguinte, Feldman coordenou a formação da nova direcção da FDN e transferiu o seu quartel-general para o Hotel Quatro Embaixadores, na mesma zona de Miami. Feldman e o seu assistente, Thomas Castillo, manifestaram a Chamorro

o seu interesse em reduzir o poder do ex-coronel somozista Enrique Bermúdez, que chefia as forças militares anti-sandinistas estacionadas nas Honduras. Realçaram, além disso, que a CIA havia reunido um grupo de nicaraguenses não-somozistas antes que o Congresso votasse a Emenda Boland, que proibia Washington de apoiar as forças empenhadas no derrube dos sandinistas.

Chamorro aceitou participar da chefia da FDN sob a condição de que o sector civil controlasse o militar e que fossem os nicaraguenses que aprovassem o orçamento e controlassem o dinheiro da organização. Os agentes da CIA responderam-lhe que estes dois últimos detalhes seriam resolvidos rapidamente.

A 8 de Dezembro de 1982, no Centro de Conferências do Hotel Hilton, foi apresentada a nova direcção da FDN. Na sua declaração, os novos chefes contra-revolucionários comprometiam-se a morrer, se necessário fosse, para ganhar a luta. Chamorro conta que ficou surpreso, pois esta "oferta" não estava incluída no texto original; soube então que a versão final da declaração havia sido redigida por um agente chamado George, assistente de Feldman.

A partir dessa data, Chamorro abandonou o emprego e dedicou-se integralmente ao seu trabalho como chefe de relações públicas da organização. A CIA ofereceu-lhe 2.000 dólares mensais, mais subsídios de representação.

A nova direcção "contra" queria estabelecer o seu quartel-general num centro comercial ou num edifício de escritórios, mas os homens da CIA não concordaram, já que tais locais converter-se-iam facilmente em alvos de manifestações pró-sandinistas. O quartel-general instalou-se numa *suite* do Hotel David Williams, em Coral Gables, como sugeriram os norte-americanos. Nesse lugar, enquanto os anti-sandinistas elaboravam os seus planos de trabalho, os homens da CIA anotavam tudo o que se dizia.

#### "Meu amigo George"

A primeira iniciativa de relações públicas da FDN não partiu de Chamorro, mas dos gabinetes dos chefes de Feldman, em Washington: um plano de paz de doze pontos, divulgado em 13 de Janeiro de 1983, que pedia a rendição do governo sandinista.



Os problemas de Chamorro surgiram quando ele admitiu que os "contras" tinham assassinado prisioneiros sandinistas

Posteriormente, Chamorro instalou-se em Tegucigalpa, onde, com dinheiro da CIA, contratou vários escritores, repórteres e técnicos para elaborar um boletim mensal denominado *Comandos*, dirigir a "Rádio 15 de Setembro" e redigir comunicados à imprensa. "O meu amigo George havia sido nomeado oficial da CIA em Tegucigalpa e trabalhava permanentemente comigo", conta Chamorro.

O ex-chefe de relações públicas assistiu a várias reuniões onde os homens da CIA auxiliavam os demais membros da direcção da FDN quanto à maneira de ganhar votos no Congresso norte-americano, como forma de continuarem a obter apoio económico. Os agentes sugeriam nomes de congressistas a quem deviam recorrer.

Meses depois de haver chegado a Tegucigalpa, Chamorro compreendeu que as promessas de Feldman — de que as tropas da FDN entrariam em Manágua antes que terminasse o ano de 1983 — eram impossíveis de ser cumpridas. O chefe da CIA em Tegucigalpa falava apenas em controlar o território na cadeia montanhosa de Isabela.

Os primeiros problemas com Chamorro surgiram quando este se atreveu a admitir, numa conferência de imprensa, que os "contras" haviam assassinado vários prisioneiros sandinistas. "Eu disse que esses actos não faziam parte da nossa política e que precisávamos treinar melhor os nossos homens; mas nem a CIA nem Bermúdez apreciaram a minha franqueza", reconhece o ex-sacerdote jesuíta.

As suas dúvidas acentuaram-se quando se deu conta de que o sector civil nunca se imporia aos militares. Além disso, apesar das promessas de Feldman, a direcção da FDN não tinha controlo sobre o orçamento de guerra — um assessor argentino encarregava-se de levar os livros de con-

tabilidade — nem tinha direito a decidir quanto se gastava em armas nem que tipo de armamento era necessário. Todas estas decisões eram tomadas pela CIA.

A única vez que os sete dirigentes da FDN se encontraram nas Honduras foi em Julho de 1983, quando chegou Dewey Maroni, um chefe da CIA que controlava, a partir de Washington, todo o projecto contra-revolucionário. Tratava-se de um homem robusto, com sotaque nova-iorquino e com o porte de um magistrado. "Nunca tinha presenciado semelhante arrogância ao trabalhar com um estrangeiro", assinala Chamorro.

Maroni viajou de novo para Tegucigalpa, em Outubro do mesmo ano, a fim de conferir a Adolfo Calero a presidência da FDN. Os outros membros da direcção "contra" apoiaram a designação.

Na madrugada de 5 de Janeiro de 1984, George irrompeu na residência bem guardada de Chamorro em Tegucigalpa e entregou-lhe um comunicado à imprensa escrito em excelente espanhol. "Fiquei extremamente surpreso porque nessa nota, nós, os 'contras' assumímos a responsabilidade de ter minado vários portos nicaraguenses", afirma Chamorro. George ordenou-lhe que fosse imediatamente à "Rádio 15 de Setembro" e divulgasse a declaração antes que os sandinistas se adiantassem.

A situação repetiu-se várias vezes. "Quando pro-



A CIA pretendia manipular todos os movimentos dos contra-revolucionários

teste e perguntei a George porque é que a CIA não nos dava simplesmente o dinheiro e deixava que nós, os patriotas nicaraguenses, fizéssemos o trabalho, ele suspirou e assegurou-me que essas eram as orientações de Washington", diz Chamorro.

#### Um "mártir" da CIA

No Outono de 1983, um agente conhecido como John Kirkpatrick chegou às Honduras.



Armas apreendidas aos "contras" pelo exército sandinista: ajuda "humanitária" do governo Reagan?



Com o depoimento de Chamorro, o povo nicaraguense passou a conhecer os bastidores da participação da CIA na contra-revolução

Parecia um personagem tirado de um romance de Graham Greene. Criticava a cúpula da FDN, identificava-se com os soldados pobres, bebia em grande quantidade e chorava o tempo todo.

Kirkpatrick emocionou-se com o trabalho de formação política realizado por Chamorro entre as tropas e realçou a necessidade de se elaborar um Manual de Guerra Psicológica.

### "Centauro": um novo nome para velhas intenções

□ "Centauro" é o nome-código dado pela CIA a um novo plano de agressão armada contra a Nicarágua. Com um financiamento de 27 milhões de dólares aprovado pelo Congresso norte-americano, o plano "Centauro" procura injectar novas forças às "desmoralizadas tro-

pas contra-revolucionárias que estão a ser derrotadas", segundo afirmou o ministro do Interior nicaraguense, Tomás Borge.

O plano "Centauro" substitui uma outra operação da CIA denominada "Repunte-85", desarticulada pelo Exército Popular Sandinista há três meses, que projectava a realização de actos terroristas, explosões de pontes, sabotagens e atentados diversos em cinco cidades do país: Manágua, Chinandega, León, Matagalpa e Estelí. Para o comandante Borge, único sobrevivente dos fundadores da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), com os recentes ataques os "contras" pretendem "provar à administração do presidente Reagan que estão a usar o dinheiro concedido para desestabilizar a Nicarágua".

No final de Agosto último, a Casa Branca anunciou a criação de um gabinete denominado de "assistência humanitária", subordinado ao Departamento de Estado, para administrar os 27 milhões de dólares de ajuda à contra-revolução nicaraguense. Ao longo dos últimos quatro anos, os Estados Unidos investiram 132 milhões de dólares para agredir a Nicarágua, através de grupos mercenários. Esse esforço, no entanto, não só não obteve o êxito esperado como não conta com o apoio da opinião pública norte-americana: uma sondagem realizada pela revista *Newsweek* chegou à conclusão de que 58% dos cidadãos consultados repudiavam a ajuda de Washington à contra-revolução nicaraguense.



Comandante Borge: "uma prova da desestabilização contra a Nicarágua"

Ambos trabalharam durante duas semanas na redacção do manuscrito, mas, quando o manual saiu da gráfica, Chamorro descobriu duas passagens que descreve como "imorais e perigosas". Uma recomendava contratar criminosos profissionais; a outra era a favor de matar alguns "contras" para criar mártires. "Eu, particularmente, não queria ser convertido num mártir pela CIA na sua luta contra o comunismo internacional", admite Chamorro. Pouco a pouco, o ex-sacerdote compreendeu que os pontos de vista do chefe da CIA haviam mudado: antes, admirava a habilidade de Edén Pastora para atrair o campesinato; agora, descartava qualquer apoio a Pastora e referia-se com grande admiração a Bermúdez. "Percebi — afirma o ex-dirigente contra-revolucionário — que tudo havia acabado para aqueles que, como nós, queríamos fazer da 'contra' um movimento político democrático".

Semanas depois, Calero informou Chamorro de que este já não poderia trabalhar por mais tempo nas Honduras. Chamorro regressou então a Miami, onde se integrou num comité local da FDN. O ex-chefe de relações públicas percebeu, contudo, que, pouco a pouco, o cerco apertava-se para isolá-lo de qualquer actividade política.

Em Outubro de 1984, o *New York Times* obteve uma cópia da versão original do Manual de Guerra Psicológica, facto que trouxe problemas para a administração Reagan e para a CIA. Calero concluiu que havia sido Chamorro quem entregara a cópia do manual ao jornal. A 20 de Novembro, Chamorro recebeu uma carta onde a direcção da FDN decidia, por unanimidade, exonerá-lo de todas as funções.



Bermúdez (à esq.) e "Tigrillo", chefes da FDN nas Honduras, falam à imprensa em Washington

"Quando me uni à contra-revolução, em Dezembro de 1982, pensava que os Estados Unidos e a CIA queriam restabelecer as promessas originais da revolução sandinista. Agora, estou convencido de que a causa dos 'contras' — à qual entreguei dois anos da minha vida — não oferece à Nicarágua nada mais do que um regresso ao passado", conclui Chamorro. (H. C. M.) •

## O depoimento de Chamorro: peça chave em Haia

"A contra-revolução recruta combatentes à força", afirmou Edgar Chamorro, ex-líder da Força Democrática Nicaraguense (FDN), que há cerca de dez meses abandonou a organização que enfrenta o governo sandinista.

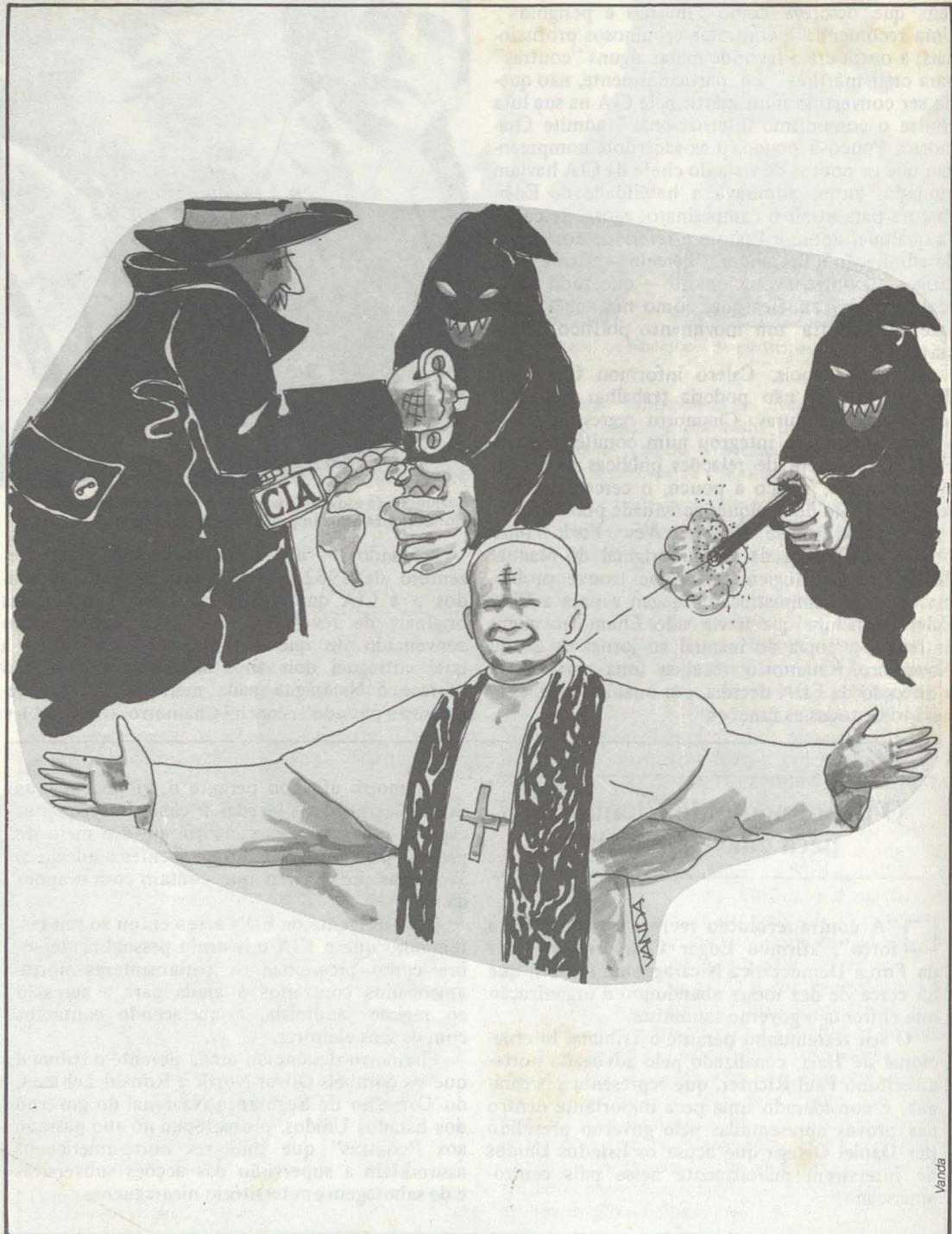
O seu testemunho perante o Tribunal Internacional de Haia, canalizado pelo advogado norte-americano Paul Richter, que representa a Nicarágua, é considerado uma peça importante dentro das provas apresentadas pelo governo presidido por Daniel Ortega que acusa os Estados Unidos de intervirem militarmente nesse país centro-americano.

Chamorro afirmou perante o tribunal que as execuções públicas levadas a cabo em pequenas cidades nicaraguenses constituíram um meio de pressão para obrigar os sobreviventes a aderirem às fileiras mercenárias que contam com o apoio da CIA.

O ex-dirigente da FDN acrescentou ao seu testemunho que a CIA o instruiu pessoalmente sobre como pressionar os parlamentares norte-americanos contrários à ajuda para a agressão ao regime sandinista, estabelecendo contactos com os seus eleitores.

Chamorro denunciou ainda perante o tribunal que os coronéis Oliver North e Ronald Lehman, do Conselho de Segurança Nacional do governo dos Estados Unidos, prometeram no ano passado aos "contras" que militares norte-americanos assumiriam a supervisão das acções subversivas e de sabotagem em território nicaraguense.

## Humor



**Não existe nada mais precioso para um povo do que a sua liberdade.**



**Diamantes de Angola**  
**Ao Serviço da Reconstrução Nacional**

# Angola, terra da liberdade.



**TAAG**

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA  
Ao Serviço da Reconstrução Nacional